

The background of the book cover is a soft-focus photograph of a doorway. The doorway is framed by a dark archway and is flanked by green foliage on the left and a white railing on the right. The lighting is warm and ethereal, with a bright glow emanating from the doorway. The overall color palette is dominated by soft blues, purples, and greens.

Luz que nunca se apaga

*pelo Espírito
Bento José*

*Romance psicografado
por Sandra Carneiro*



Luz que nunca se apaga

Sandra Carneiro

(espírito Bento José)

Serginho, o jovem que inspirou esta obra, nos fará conhecer inúmeras histórias. Sua experiência exemplifica a de milhares de outras vidas; muitos jovens e suas famílias estão passando agora pelas mesmas dificuldades que ele enfrentou.

No entanto, a luz que se acendeu no coração dele e de seus familiares, em meio à dor e ao sofrimento, comprova que a vida, dom de Deus, jamais se apaga. E onde há vida, há alegria, construção e renovação.

Serginho é um exemplo para nós, não só pelos seus acertos, mas também pelas suas dificuldades e fraquezas, que nos são comuns a todos.

Num mundo onde se alastram a dúvida, a insegurança e o medo, é confortador saber que o amor e o conhecimento das leis de Deus podem nos inundar de esperança, iluminando nossa alma e fortalecendo-nos ao longo da jornada eterna.

Deus é amor e fonte de todo o bem, e para sua luz infinita caminhamos, luz que nunca se apaga!

Bento José

"É para nós motivo de alegria e satisfação apresentar esta obra, assim como ver afinal nosso irmão Bento José desenvolvendo sua maior aptidão, traduzida neste trabalho de amor especialmente dedicado aos jovens..."

Lucius

O caminho em direção a Deus e à felicidade é o caminho do amor. No entanto, preferimos criar nossos sistemas de felicidade baseados no orgulho e na vaidade, onde Deus e o próximo não encontram espaço.

Alguns homens corajosos, porém, já fizeram a escolha pelo amor e ensinam à Humanidade que esse caminho é possível. Transformam a vida por onde passam, o mundo onde vivem, as pessoas com quem convivem. São astros de luz num mundo sob a escuridão do orgulho.

Juntemo-nos a eles! Façamo-nos luz para extirpar as trevas de nosso planeta, permitindo que a luz de Jesus brilhe através de nós.

Desejamos que este projeto, que ora nasce, possa trazer um pouco dessa luz de amor e conhecimento aos corações que buscam instruir-se e compreender um pouco mais da vida.

Que Deus nos abençoe em nossas tarefas, que Deus abençoe a todos que trabalham na disseminação do bem e na renovação do homem.

Hoje, mais do que nunca, posso dizer com toda a convicção de meu espírito que a luz nunca se apaga; por isso, todos os esforços que fizermos para o nosso bem, ou daqueles que nos cercam, ainda mesmo as pequeninas coisas, permanecerão vibrando pela eternidade.

Serginho



Sandra Carneiro, nascida em 16 de maio de 1963, é casada e reside na cidade de São Paulo. Aos quatorze anos, e ainda desconhecendo os princípios espíritas, teve sua primeira experiência com a psicografia, recebendo um livro infantil.

Mais tarde, após alguns anos se dedicando ao estudo da Doutrina Espírita, teve a oportunidade de iniciar o trabalho de psicografia através do romance Cinzas do Passado, de autoria espiritual de Lucius.

Desta vez, colaborando com o espírito Bento José, nos traz a todos mais este romance mediúnico.

Desde 1994 frequenta o núcleo espírita Lar de Jesus onde, ao lado de muitos companheiros de ideal cristão, colabora nas atividades de atendimento aos irmãos de caminhada evolutiva.

Participa também do Grupo Cristão Assistencial Casa do Pão em Atibaia -entidade voltada ao atendimento da comunidade necessitada do bairro do Maracanã.

Índice

Prefácio Introdução

Primeira Parte: **O Tombo**

1. Serginho
2. Paixão arrasadora
3. O sonho se torna realidade
4. Momento de união
5. Livre escolha
6. Lívia
7. Enfim, o nome
8. Final de campeonato
9. Ocultando a teimosia
10. Advertência
11. Outro aviso
12. Celebração incoseqüente

Segunda Parte: **Do Outro Lado da Vida**

13. Perturbação
14. Chico Xavier
15. O socorro ,
16. Difícil despertar
17. O Evangelho no Lar
18. Terceira Parte: **O Aprendiz**
18. Novas lições
19. Uma inspiração
20. Morada luminosa
21. Uma nova chance
22. Experimentando
23. A primeira missão
24. Paulo
25. Últimos preparativos
26. Pedi e obtereis, buscai e achareis...

Prefácio

É para nós motivo de alegria e satisfação apresentar esta obra, assim como ver afinal nosso irmão Bento José desenvolvendo sua maior aptidão, traduzida neste trabalho de amor especialmente dedicado aos jovens: jovens que caminham inseguros e assustados vendo o mundo em que vivem desmoronar em sofrimento e aflição; vislumbrando um futuro que se desenha sem esperança, sem estímulo e sem algo que lhes dê forças ou justificativas para lutar.

Entretanto, há luz e esperança em Jesus, nosso Mestre amado. Ele nos trouxe a real percepção da vida, do amor de Deus nosso Pai, fonte inesgotável de todo o bem. Mas como enxergar em meio à dor e à agonia, onde está Deus, por que razão sofremos, onde está o amor do Pai que nos permite viver num mundo em tais condições! São perguntas que pairam, com razão, na mente de todo aquele que pensa, que reflete. Há, porém, respostas para todas essas interrogações.

Através da doutrina de luz que juntos Allan Kardec e os Espíritos nos legaram, temos compreensão profunda dos ensinamentos de Jesus, da vida espiritual - a verdadeira vida que Jesus veio nos mostrar, e a que tantas vezes se referiu enquanto esteve fisicamente entre nós.

Essa doutrina nos ilumina a consciência, e nos faz perceber igualmente a responsabilidade que temos por nosso destino, mesmo sendo tão difícil aceitar que somos o resultado de nossas obras, quer quando sofremos ou quando estamos felizes.

Deus, em sua bondade e sua misericórdia infinitas, nos oferece o presente do amor todos os dias. O seu amor nos convida todas as

horas, em todas as situações, a recomeçar, a progredir, a ter mais alegria de viver; até quando sofreremos, seu amor está convidando a nos conhecermos melhor e a modificarmos em nós o que nos faz sofrer, o que nos leva à dor. É um amor sem fim, que perdoa e compreende ainda quando nós próprios não somos capazes de nos amar e perdoar. Ele sabe que somos imperfeitos e que necessitamos de apoio constante para conseguirmos acreditar em nós e seguir em frente.

Podemos confiar nesse amor incondicional, que está sempre ao nosso redor, porquanto é a essência do próprio Universo. Deus quer que todos os seus filhos encontrem o caminho da felicidade, que não é outro senão o caminho do amor e da fraternidade.

E foi movido pelo sentimento de amor e fraternidade que nosso irmão Bento José desenvolveu este projeto que ora toma forma. Foi desejando utilizar seu conhecimento e sua experiência a serviço de Jesus e de sua causa de regeneração da Humanidade que nosso irmão se entregou a este e a outros projetos na Espiritualidade. O amor é sua inspiração e os jovens são sua principal preocupação.

Assim, mais uma vez, desejamos que Deus abençoe esta iniciativa há tanto planejada e a faça frutificar em luz, paz e reencontro de almas com nosso Mestre Jesus, através da Doutrina dos Espíritos, fonte de verdadeira compreensão para todos aqueles que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Luz, paz e amor.

Lucius

Introdução

Melancolia e tristeza ainda me inundam a alma quando vejo tantos e tantos jovens destruindo suas vidas à procura de alguma coisa que lhes preencha o coração e lhes alivie a ansiedade.

Com toda a vida pela frente, repleta de possibilidades, e ao mesmo tempo de percalços, sentem que há algo mais além da perpetuação de uma existência medíocre, sem propósito, cheia de violências e disparidades. As desigualdades, as dores dos semelhantes tocam o coração dos jovens, que não sabendo explicar o porquê de tanto sofrimento, de tanta indiferença, fogem da realidade que os esmaga e vão à procura do que lhes traga prazer, satisfação...

Buscando alegria, muitas vezes encontram frustração e desilusão. Buscando modificar a realidade, freqüentemente reproduzem aquilo que de pior viam nos pais e na sociedade em geral. Buscando uma nova realidade, alienam-se e negam ao mundo o bem que poderiam construir. Por isso sofro ao ver os jovens perdidos e desesperados, tristes e angustiados, procurando sem saber onde nem como um mundo melhor, que querem acreditar possa existir. A intuição lhes diz que a vida não pode ser uma experiência sem sentido; mas onde encontrar as respostas que resolvam suas angústias? Quem sabe em uma carreira brilhante? Quem sabe com muito dinheiro? Quem sabe agindo ao contrário de tudo o que aprenderam de seus pais? Quem sabe no sexo desenfreado e totalmente livre? Quem sabe entre amigos e uma turma bem animada? Como achar o que possa aliviá-los e dar significado à existência?

Cada vez que me aproximo de um jovem a se debater em sofrimento e angústia, compreendo sua dor e trabalho incessantemente para inspirar-lhe a idéia de que é possível encontrar harmonia e paz na vida. Para isso, porém, é preciso elevar o pensamento e o olhar acima das aparências, acima do que é puramente material; é preciso deixar o coração conduzir a mente e

permitir que nos leve por caminhos melhores. É só uma questão de acreditar e consentir que nova fé, novos conhecimentos, postos em prática, nos proporcionem novas experiências.

É assim que, de alma para alma, vou transmitir a vocês minhas experiências deste lado da vida, que demorei a aceitar completamente. Agradeço a Deus pelos amigos que fiz aqui, pois são eles que me dão forças para seguir em frente e continuar lutando para que a vida se renove e se transforme.

Tudo o que era importante já foi dito dois mil anos atrás. No entanto, ainda negamos sistematicamente e não vivemos o que Jesus de Nazaré nos ensinou, que é simples e tão poderoso: o amor. Ele nos deixou o caminho todo aberto em direção a Deus e à felicidade; mas preferimos criar nossos sistemas de felicidade, baseados em orgulho e vaidade. Imagine se nós, seres humanos tão cheios de conhecimentos e capacidades, tão cheios de nós mesmos, vamos aceitar esse ensinamento tão simples, e pôr de lado o egoísmo para amar nossos semelhantes! Parece impossível.

Entretanto, alguns homens corajosos o fizeram, estão fazendo, e ensinam à Humanidade que é possível. Transformam o caminho por onde passam, o mundo onde vivem, as pessoas com quem convivem. São astros de luz num mundo sob a escuridão do orgulho - quase sempre astros solitários, mas imprescindíveis ao nosso crescimento. Juntemo-nos a eles! Façamo-nos luz para extirpar as trevas do nosso planeta, permitindo que a Luz de Jesus brilhe através de nós, trazendo finalmente o Reino de Deus para a Terra pelos nossos corações.

Espero que este projeto, que ora nasce, possa trazer um pouco dessa luz de amor e conhecimento aos corações que buscam, que desejam instruir-se e compreender um pouco mais da vida. Por meio dele iremos compartilhar a experiência verdadeira de tantos e tantos jovens, famílias, pais e mães pelos caminhos da vida terrena e também da vida no mundo dos espíritos...

Conheci Bento José algum tempo após iniciar minhas tarefas. Ele, que já trabalhava na elaboração deste projeto, entrevistou-me e a muitos outros jovens; conheceu suas famílias, suas lutas e vitórias, suas propostas de renovação e trabalho, seus acertos e desacertos.

Bento José alterou os nomes de quase todos os envolvidos e manteve apenas os de personagens famosos, para que todos possam conhecê-los ainda melhor. Dessa forma, foi possível compartilhar as experiências desses jovens e de suas famílias pelos caminhos do crescimento espiritual sem expô-los ou a seus entes queridos.

Que Deus nos abençoe em nossas tarefas. Que Deus abençoe a todos os que trabalham na disseminação do bem e na renovação do homem. E estejamos certos de que a luz nunca se apaga.

Serginho

O Tombo

Primeira Parte

Serginho

Serginho entrou em casa como um raio, batendo a porta estrondosamente. Sua mãe, que na cozinha preparava o almoço, ouviu quando chegou barulhento. Além de bater a porta com força e entrar com toda a energia de seus quase dezoito anos, cantava em voz alta e afinadíssima uma música do grupo Paralamas do Sucesso, uma de suas bandas favoritas, usando o fone de ouvido e um *disk men*.

Se havia uma coisa de que Serginho realmente gostava, era música. E ele tinha sempre um tipo preferido para cada ocasião: gostava das agitadas quando estava nas baladas com sua turma; já em casa, enquanto estudava, preferia as mais calmas. Ao dormir (porque sempre adormecia ouvindo música), em geral buscava as suaves para embalar seus sonhos. Música! Ele vibrava com os sons e harmonias das melodias. E as letras... Adorava as letras... Achava fascinante os artistas traduzirem em palavras e poesia exatamente aquilo que ele sentia e não conseguia expressar! Sem dúvida, a música tinha o poder de enriquecer a vida!

Skank era a sua banda predileta. Era grande fã do grupo e sempre que a banda se apresentava fazia o possível e o impossível para ir ao *show*. Curtia muito aquele som! Não obstante sua "fanatic" pelo Skank, o rapaz apreciava todo estilo de música, desde que fosse de qualidade, bem elaborada, e que agradasse ao seu ouvido exigente. Isso incluía reggae, rap, rock, canções românticas, samba... Enfim, ele apreciava tudo que fosse bem feito.

A mãe, que vivia corrigindo os comportamentos exagerados do filho quando os julgava inadequados, apareceu na porta do quarto e pela milionésima vez (ou sei lá que vez era aquela) pediu:

— Creio que é mais do que a milésima vez que peço para você não bater a porta. Quanto ainda vou ter de pedir que entre em casa como gente?

— Mas gente não bate a porta?

— Serginho, não se faça de engraçadinho. Você sabe muito bem do que estou falando. Outro dia quase derrubou a porta, meu filho! Tenha dó de seu pai que trabalha duro para cuidar de tudo e de todos!

— O, mãe... Não precisa apelar...

E abraçando a mãe amorosamente, Serginho mais uma vez desarmou completamente dona Eugênia. Mas ela, que adorava o carinho do filho, tentou dar uma de durona:

—Não adianta vir abraçando, não, Serginho! Eu canso de pedir, enada! Puxa vida! Quando vou ver você mudar, meu filho? Apertando a mãe ainda mais forte, Serginho quase a sufocava...

— Não vai adiantar me abraçar assim, não! Vou continuar falando a mesma coisa para você. Nem que tenha de repetir mais de um milhão de vezes! Seja cuidadoso. Entre em casa com calma!!

— E etc. etc. etc... Já sei, mãe... Já sei....

Serginho continuava abraçando a mãe com muita ternura. Finalmente vencida, dona Eugênia soltou-se e voltou para a cozinha resmungando para si própria que era sempre amolecida pelos chamegos do filho.

Quando dona Eugênia era dura com Serginho, ele nada dizia. Agarrava-se ao pescoço dela com carinho, enchia seu rosto de beijos, beijava-lhe as mãos, os braços, cobrindo-a de afagos. Desse modo, sempre conseguia abrandar a irritação da mãe.

Porém dona Eugênia se preocupava muito com o filho. Era bom rapaz, tinha um coração de ouro. Não! Um coração que reunia todos os tesouros! Era bom e carinhoso para com todos. Apesar disso, tinha um defeito que fazia a mãe perder noites e noites de sono: era muito, mas muito teimoso. Quando punha uma idéia na cabeça, nada (nem ninguém) tirava. Ela fazia de tudo, tentava de todas as formas conversar com Serginho; utilizava todos os argumentos para mostrar-lhe quando estava indo numa direção que poderia prejudicá-lo. Não adiantava! Ele não ouvia ninguém. Fazia só aquilo que queria, quando e como tinha vontade.

Por causa daquela teimosia, vinha criando sérios problemas. No colégio em que estudava, por exemplo, várias vezes a diretora chamara dona Eugênia para conversar. E esta era obrigada a explicar que corrigia o filho, sim! Fazia o máximo que estava ao seu alcance como mãe. Mas desde pequeno Serginho era desobediente e teimoso. Fazia tudo o que lhe dava na veneta. Ela e o pai, seu Felipe, ficavam desnorteados, malucos.

Dona Eugênia explicava tudo à diretora e depois de longas conversas saía com algumas orientações dela, dos professores, dos psicólogos da escola embaixo do braço, para tentar novamente mudar a conduta do filho. Sabia que Serginho teria muitos problemas ao longo da vida se não procurasse escutar mais os outros, em especial aqueles que o amavam e queriam o seu bem.

Toda vez que saía do colégio ela suspirava fundo e pensava que o filho iria melhorar. A medida que fosse ficando mais velho, passaria a compreender melhor e então iria se corrigindo, sendo mais flexível e aceitando orientações.

Que nada! Ao invés disso, a cada ano Serginho se tornava mais teimoso e arredo. Agia como queria, sem escutar conselho de ninguém. Que montão de problemas teria se não tentasse dominar aquele gênio impetuoso! E ela continuava fazendo o que podia para ajudar o filho a compreender... Mas o que fazer? Paciência, pensava. Precisava continuar tendo paciência!

Dona Eugênia refletia sobre tudo isso quando ele entrou na cozinha e foi logo beliscando uma batata frita:

— O almoço vai demorar a sair, mãe? Tenho treino hoje!

— Hoje? Seu treino não é somente às terças e quintas?

— Era. Agora resolvi treinar todos os dias. O colégio vai participar do campeonato interescolar e todas as equipes estão intensificando os treinos!

— Mas você tem tantas coisas para fazer, meu filho... Precisa estudar para o vestibular, não?

— Ah, mãe! Eu estudo à noite, e presto mais atenção às aulas... Não se preocupe com isso! Sabe que sempre vou bem na escola, não sabe? Isso a senhora não pode negar!

— É, mas...

— Está vendo? Não tem o que dizer! Afinal de contas, eu sempre fui bom aluno. Aprendo fácil, fácil. E você sabe o quanto eu gosto de vê-lo.

Dona Eugênia não disse nada. Terminou de preparar o almoço e o serviu. Preferia que o filho estivesse praticando esportes, de que tanto gostava, a andar aprontando por aí.

Iam começar a almoçar quando chegaram Sueli e Fábio, os irmãos mais novos de Serginho. Fábio tinha apenas nove anos. Era magrinho, espevitado e muito curioso. Seus olhinhos pretos estavam sempre atentos. Adorava o irmão e imitava todos os seus hábitos, parecia um Serginho em miniatura. Já Sueli era uma menina quieta e fechada. Não falava muito, chorava à toa e era muito sensível, como todo mundo dizia; uma garota meiga e delicada. Seu Felipe adorava a filha, que estava com doze anos.

Assim que entraram, correram os dois para a mesa e começou a bagunça. Dona Eugênia pensou: "Pronto! Acabou o sossego! Pensei que ia conseguir almoçar com Serginho e falar um pouco com ele, mas... Assim são as famílias..."

O quarteto almoçou conversando animadamente. Serginho era um herói para Fábio, que queria ser igual ao irmão. Já com Sueli vivia brigando. Não se entendiam, e tudo logo se transformava em motivo para discórdia e discussão. No fundo, no fundo, porém, eles se gostavam muito, pois não desgrudavam um do outro.

Quando Serginho comentou novamente, em meio ao almoço, que iria intensificar seus treinos, Fábio berrou:

— Também quero, mãe! Quero treinar! Também gosto de vôlei e sei jogar!

— Como sabe jogar, Fábio? Você já jogou alguma vez? -Já!

— Quando?

Fábio pensou um pouco, depois concluiu:

— Aquela vez lá na praia foi uma delas!

— Fábio, dá um tempo, vai! Aquela vez lá na praia não vale! Era só uma brincadeira. Nem a bola era mesmo de vôlei! A bola de vôlei é muito mais dura do que aquela. Você não dá conta, não.

— Fábio - interveio a mãe ao ver o filho sério e de testa franzida, sem arredar os olhos do irmão, procurando uma resposta à altura

para devolver a Serginho -, nem pense nisso! Você já está fazendo natação, e foi o médico que recomendou. Quando ficar um pouco mais velho, você treina, meu filho. Espere chegar o momento certo!

— Quero treinar, mãe, que nem o Serginho!

A mãe olhou para o filho mais velho e acenou com a cabeça pedindo ajuda. Serginho tomou um gole de água e depois falou com firmeza:

— Olha, Fábio, só vou mesmo treinar porque temos o campeonato da escola. E daqui a um mês e meio. Por isso vou treinar. Estou quase sendo obrigado, entende? Você entende? Tenho de ajudar a escola.

— Tem campeonato?

— Tem.

— Daqui a dois meses?

— É, quase...

— E depois? Vai continuar treinando?

Serginho não acreditava que o irmão estava tentando pegá-lo na curva e, olhando para a mãe, falou sorrindo:

— Se ganharmos, participaremos de outro campeonato. Se perdermos, saímos. Tudo vai depender do resultado.

Fábio não disse mais nada. Ficou calado até terminar o almoço. Serginho piscou para a mãe, dizendo:

— Fábio, quando vocês vão ter competição na natação?

— Na natação tem competição?

— É claro que tem!

— E tem prêmios também?

— Tem medalhas, seu bobo - falou Sueli, que permanecera calada até aquele momento.

— Fica quieta, Sueli. Estou falando com o Serginho!

— Tem medalhas e prêmios.

— Oba!!! Vou perguntar ao professor quando vai ter competição.

— É isso aí, Fábio, vai fundo! Você vai ter de treinar bastante para essas competições!

— Oba! Oba!

Fábio, que havia terminado o almoço, saiu da mesa exultante. Ele também teria sua competição!

Serginho acabou de almoçar e após algumas ligações voltou à cozinha, onde dona Eugênia ainda conversava com Sueli.

— Bom, mãe, vou indo. Vou chegar bem tarde hoje, não se preocupe! Temos ensaio da banda.

— Serginho, seu pai e eu já falamos várias vezes que não queremos você chegando tarde quando tem aula logo cedo no dia seguinte. Prejudica seus estudos; você fica cansado durante a aula e não consegue prestar atenção a nada... Fica displicente...

— Mãe, chega de sermão por hoje, tá? Puxa! Deixa eu viver minha vida! Gosto tanto de música, gosto dos meus amigos, quero fazer tudo de que gosto! Você sabe que eu sempre consigo me recuperar nas matérias em que tenho dificuldade uma vez ou outra! Além disso, mãe, tem um monte de aulas chatas, de professores que parece que nem sabem o que estão dizendo...

— Serginho...

Ele não deixou a mãe concluir o que estava dizendo... Deu tchauzinho para os irmãos, um beijo no rosto dela e saiu pela porta descendo as escadas rapidamente.

— Até mais tarde, dona Eugênia, o almoço estava ótimo!

Dona Eugênia voltou para dentro contrariada. Serginho não tinha conserto!

Capítulo 2

Paixão arrasadora

Serginho chegou ao colégio, foi direto para o vestiário e num instante trocou de roupa. Tirou a *calça jecms* e a camiseta, embolou tudo e jogou dentro do armário. Ele estava ansioso para chegar logo na quadra e treinar. Depois de vestir o uniforme oficial da escola, fechou o armário e saiu. Seus amigos já estavam por lá, treinando alguns saques, algumas cortadas. Serginho aproximou-se deles e cumprimentou como de costume:

— E aí? Tudo bem, Renato? O que está rolando?

— Tudo beleza! Estamos aquecendo pra começar o treino, Serginho.

— Legal! E aí, Marcelo? Tudo em cima?

— Tudo! Como foi em casa? Sua mãe concordou com os treinos?

— E você acha que eu ia dar mole? Já cheguei comunicando e pronto! Não dei nem chance pra ela falar nada. Até que tentou, mas eu já estava pronto com todos os argumentos. Não tem jeito, Marcelo. Quando a gente quer alguma coisa tem de ir lá e conquistar. Não dá pra marcar passo, não!

— Tá certo, Serginho! E isso aí.

— E aí, *brother*, tudo bem?

— Tudo certo, Tiago. Tô louco pra gente ganhar essa competição!

— Nem fala, Serginho! Tô muito a fim de ganhar essa parada!

— Nós vamos levar essa, pode crer!

— É isso aí, Marcelo. Firmeza que vai dar tudo certo! Depois de mais alguns minutos de aquecimento o

treino começou. O professor de educação física, e treinador do time, era enérgico e cobrava o máximo de desempenho dos jovens. Eram garotos saudáveis e o professor vinha preparando-os física, técnica e psicologicamente para ganhar. Na verdade, Dirceu era um apaixonado pelos esportes. Quando jovem treinara para ingressar na seleção brasileira de vôlei, mas por problemas sucessivos de

contusões no joelho acabara desistindo de seguir carreira, sem nunca perder a paixão pelo esporte. Seu sonho era descobrir jogadores com potencial e desenvolver seus talentos, encaminhando-os para jogos profissionais. Já tivera sucessos e alguns de seus melhores alunos estavam treinando em clubes, preparando-se para jogar profissionalmente. Por conhecerem bem a história de Dirceu, os estudantes o respeitavam muito. Era talvez o professor mais respeitado pelos rapazes do colégio -ao menos os que apreciavam esportes.

O treino ia começar quando Serginho, de súbito, tornou-se impaciente. Olhava de um lado para outro a procurar por alguém... Começaram a treinar e ele não conseguia concentrar-se. Perdeu alguns saques e deu pontos para o time adversário. Levou uma tremenda bronca do professor e treinador:

— Assim não dá, Serginho! Mais atenção! Mais atenção, rapaz! Você quer ou não quer jogar? Concentração!

Os amigos, com olhares indignados, fizeram-no suspirar fundo e tentar concentrar toda a atenção na bola. Ao abrir os olhos, porém, ele viu Paula entrando na quadra. Finalmente chegara! Seus olhos se encontraram, Paula sorriu e Serginho sentiu-se totalmente confiante outra vez! Daí para a frente foi somando pontos e mais pontos para o time. Era incrível! Quando estava na rede saltava como se tivesse molas nos pés e suas cortadas eram incrivelmente precisas. Normalmente, seu desempenho era fantástico e ele era um dos jogadores mais admirados no time.

Paula sentia muito orgulho de Serginho. Afinal, não o escolheria se não fosse um vencedor. Ela e outras garotas acompanhavam os treinos com frequência. Paula adorava assistir aos treinos junto de amigas, assim todas podiam ver quanto seu namorado era especial, de dar mesmo inveja...

O treino prosseguiu até quase o fim da tarde. Além do jogo em si, treinaram saques, cortadas e diferentes jogadas. Dirceu sabia tudo do esporte e levava o treinamento muito a sério. Ao final elogiou o

desempenho de Serginho, o que não era nada usual, pois Dirceu sempre economizava elogios:

— Muito bom, Serginho. No começo fiquei um pouco preocupado e pensei que hoje você não estivesse em condições de jogar; mas depois que esquentou, você deu um baile. Muito bom! Parabéns!

— Legal, Dirceu! Valeu!

Serginho dirigiu-se até a namorada, que o olhava satisfeita:

— Legal, Serginho! Mandou muito bem! O Dirceu, que é difícil de elogiar alguém, se amarrou no seu jogo.

Tiago passou por eles interrompendo a conversa:

— Serginho, à noite na casa do Renato?

— Com certeza, cara! As oito tá legal?

— Tá ótimo! Até! Tchau, Paula!

— A noite nos vemos, Tiago.

— Legal!

Os amigos se despediram e Serginho seguiu com Paula. Levou-a até o carro e despediram-se.

— Te vejo à noite na casa do Renato.

— Você não vai me buscar?

— Não vai dar, Paula. Meu pai não me emprestou o carro.

— E sua mãe?

— Também não quis emprestar. Eles querem que eu tire a carta primeiro, já te falei. Não querem que eu dirija sem carteira por aí.

— Que chato, hein, ter de ficar andando por aí de carona! Afinal, daqui a dois meses você já completa dezoito anos!

— É... Eu sei, Paula, é muito chato, mas... Vou esperar um pouco mais...

— Acho você muito devagar às vezes, Serginho. Não acredito que tenha tanta personalidade em alguns momentos e em outros se deixe dominar desse modo pelos seus pais...

— Só faltam dois meses... Então poderei pegar o carro à vontade.

— Será que vai poder mesmo? Ou vão inventar histórias? Seu pai vai te dar um carro?

— Espera aí, Paula, a gente já falou sobre isso... Meu pai tá trabalhando pra caramba. Os negócios estão difíceis. Eu já falei isso pra você...

— Eu sei, Serginho, eu sei, mas é que acho muito chato você estar sem carro. Acho desagradável ter de ir muitas vezes buscar você com meu carro, e outras você ter de ir de carona... Sei lá, pega meio mal... Você fica meio infantil, entende?

— Infantil?

— É, infantil. Parece que precisa dos outros...

— Não é nada disso, Paula. Assim que completar dezoito anos, vou ter mais autonomia. Sei dirigir e no dia do meu aniversário já estarei com minha carteira de motorista nas mãos.

— Só que a carteira não adianta nada se você não tiver o seu carro. Por que não compra uma moto? Não tem aquela grana guardada? Aquela grana que você foi ajuntando?

— Tenho... Mas não acho legal moto agora. Prefiro esperar um pouco mais e pegar o carro.

— Quero só ver, Serginho... Duvido que seus pais liberem o carro pra você... Bom, vou indo. Passo à noite na sua casa.

— Não precisa, Paula. Já combinei com o Marcelo. Ele me pega e a gente se encontra na casa do Renato.

— Tá bom. Até mais.

Paula entrou no carro e bateu a porta, contrariada. Ligou o carro e saiu rapidamente, sem olhar para Serginho, que ficou observando até a namorada desaparecer ao virar a esquina.

"Como é linda!", pensava. Serginho adorava Paula. Era uma das garotas mais cobiçadas do colégio. Um ano mais velha do que ele, sabia bem o que queria. Namoravam há pouco mais de quatro meses, e ela era um verdadeiro furacão, uma revolução em sua vida. No entanto, Serginho sentia-se pressionado. Pensava em comprar moto, porém vacilava. Paula já havia sugerido isso umas duas

vezes, mas ele preferia esperar pelo carro; especialmente porque seus pais se mostravam completamente contra o uso de moto. Foi para casa acabrunhado. Não gostava de brigar com Paula. Sentia-se fascinado por ela, e sempre que pintava um clima como aquele ficavam meio distantes; ele detestava quando isso acontecia. Sem perceber, Serginho continuou refletindo. Talvez Paula tivesse razão, talvez fosse melhor resolver aquilo de uma vez. A moto com certeza seria uma solução, até que ele pudesse comprar seu próprio carro. Ao mesmo tempo não tinha total convicção de que fosse o melhor caminho, e seguiu para casa pensativo.

Capítulo 3

O sonho se toma realidade

Serginho acabava de engolir um sanduíche preparado por dona Eugênia, quando Marcelo encostou o carro e começou a buzinar chamando pelo amigo.

— o Marcelo, preciso ir.

— ão vá chegar muito tarde, Serginho. Amanhã você acorda cedo e precisa descansar.

—Eu sei, mãe. Caramba! Eu sei me cuidar. Puxa vida!

Serginho desceu rapidamente as escadas, pulando os degraus de dois em dois. Despedindo-se da mãe, entrou no carro do amigo que o esperava ansioso.

— E aí? Tudo em cima?

— Tudo certo!

— onseguiu as músicas pra gente ensaiar hoje? -perguntou Marcelo.

—E acha que não? Estão todas aqui. — Puxa!

Conseguiu todas?

— Todas, e ainda tô levando algumas outras pra gente analisar se quer incluir no repertório.

— É isso aí! Tô sentindo firmeza! Assim dá gosto ensaiar! Começa a parecer sério!

— E tem de ser sério, né, Marcelo? Afinal, todos temos talento! Já testamos isso! Tem tanta gente ruim se dando bem... Por que é que nós não poderíamos conseguir? Quantos já começaram assim, de brincadeira, no fundo do quintal ou na garagem, e no final estão por aí, fazendo o maior sucesso!

— Pode crer, Serginho. A gente tem o talento, que é fundamental, tem o grupo unido e tem muita vontade de dar certo. Então acho que devemos ir mesmo em frente e continuar ensaiando. Uma hora, chega a nossa vez!

— Seus pais estão achando legal a idéia da banda?

— Não estão botando muita fé, Serginho. Sabe como são pai e mãe, né? Sempre preocupados com alguma coisa, sempre ansiosos pelo nosso futuro, sei lá... Sempre estressados!

— E, meus pais também são assim. Estão sempre preocupados! Por que será, né? Não entendo. A vida é tão curta! A gente tem tanta coisa pra fazer e eles ficam preocupados com tudo o tempo todo! Será que não estão botando fé na gente? É isso?

— Mais ou menos. Acham que é legal, mas que é só diversão. Acho que eles pensam mesmo é que não vai dar em nada.

— Pô, cara! Não fica triste, não! Nós vamos mostrar a eles, você vai ver. Eles terão de admitir que somos bons pra valer!

— Legal! E isso aí!

Os dois amigos seguiram conversando animados. Faziam planos para os próximos ensaios, para o futuro da banda, para a apresentação de estréia. Sonhavam e planejavam o que fariam se tudo fosse como desejavam. Foi então que Marcelo teve uma idéia: Serginho, estou pensando aqui uma coisa. E se a gente fizesse uma apresentação pra todo mundo ver que a gente não está brincando?

— Onde, Marcelo? Ainda não conseguimos nenhum lugar legal pra tocar!

— É, eu sei... E se nós aproveitássemos uma data especial, uma festa, pra apresentar a banda a todo mundo?

— Como? A gente não tem grana, Marcelo.

— Eu sei. Mas e se a gente se organizasse pra tocar no seu aniversário? E daqui a dois meses, não é?

— É. Daqui a dois meses.

— A tia Eugênia vai querer fazer alguma coisa, não vai?

— Ela já está organizando tudo com meu pai e combinamos fazer alguma comemoração bem legal nos meus dezoito anos.

— Então, é perfeito! Podemos aproveitar a sua festa, Serginho, e lançar oficialmente a nossa banda! Ensaíamos já com um objetivo certo. Treinamos a seleção de músicas, pensando nas pessoas que vão estar por lá, preparamos tudo! Acho legal a gente ensaiar com um objetivo definido, tá me entendendo?

— É! Daí damos um jeito de levar algumas pessoas que poderiam ajudar a banda a conseguir um lugar pra tocar!

— Só! Podemos até preparar uma fita demo! Que você acha?

— Ótima idéia! Assim podemos estar mais preparados para todas as portas que vão se abrir!

— É isso aí!

Serginho e Marcelo continuaram sonhando com o futuro promissor que os aguardava. Encontraram o restante da turma na casa do Renato e contaram a idéia de Marcelo aos amigos, que imediatamente concordaram:

— É disso que estávamos precisando - afirmou Paula, confiante -, ter um objetivo claro. Assim vai ficar mais fácil a gente se concentrar, se dedicar.

— Também acho legal. Vamos poder nos preparar pra valer!

— É, tô ficando entusiasmado de verdade! Tô começando a achar que essa parada vai vingar!

— E você tinha alguma dúvida, Tiago?

— Pô, cara, achava que ia ser só curtição... Não tava botando fé que a gente ia fazer isso pra valer!

— Cara, você tá de brincadeira, né? Eu sempre quis fazer isso pra valer!

— Eu sei, Paulinha, eu sei. Tô ligado que você sempre quis cantar pra valer!

— Então! A gente tem de pensar a mesma coisa, cara! Tem de trocar mais e todo mundo tem de pensar a mesma coisa. Do contrário, não vai dar certo, não!

— Concordo com a Paula! - falou Serginho, enérgico.

— Ah! Você sempre concorda com ela... Renato interrompeu, firme:

— Não, Tiago, pera aí, também concordo com a Paulinha. Se a gente não tiver a mesma cabeça, pensando como um grupo, vai ficar mais difícil. Sei que parece um sonho, mas tudo na vida nasce de um sonho, de uma idéia. A gente não pode desprezar as idéias, não! Pelo contrário, cara. Acho que tem mais é de apostar nelas, dando força e lutando pra que se tornem realidade.

Serginho concordou emocionado, de tanto que desejava fazer de sua banda um sucesso:

—É isso aí, Renato! Tô contigo! Eu não tô nessa parada de brincadeira! Tô muito a fim de que dê certo! Que a gente seja uma banda de sucesso pra valer!

— Tô nessa também! - confirmou Marcelo, quase falando junto com Serginho e com Paula, que beijou o namorado, satisfeita.

Paula era a vocalista do grupo. Na verdade a idéia de terem a banda fora dela, que adorava cantar e desde pequena sonhava viver profissionalmente da música - e, sobretudo, fazer sucesso, muito sucesso. Aos oito anos começou a estudar violão. Tinha muita facilidade com a música e também uma boa voz, educada e agradável. Não foi difícil juntar os amigos em torno da idéia da banda, e inclusive ajudar na compra dos instrumentos que faltavam.

Serginho já tinha comprado a bateria, que instalara na garagem de sua casa. De vez em quando ele tocava, mas quase sempre sozinho. Quando Renato comprou a guitarra nova e contou aos amigos, o sonho começou a ganhar corpo. Paula ficou louca logo que soube e imediatamente sugeriu a formação de um grupo para tocarem juntos.

— Bom, agora que estamos de estréia marcada, precisamos encontrar um nome pra nossa banda. Isso é fundamental!

— Tem razão, Paula - concordou Renato -, isso é fundamental. Enquanto a gente estava aqui dentro não fazia tanta falta; agora vamos mostrar nossa cara para o mundo e temos de aparecer já com um nome.

— E tem de ser a nossa cara! - falou Serginho solenemente.

— Com certeza, Serginho. Tem de ser a nossa cara.

— Vamos dar uma ou duas semanas pra gente pensar. Vamos ver se aparece uma idéia legal para o nome da banda.

— E! E não vamos mais perder tempo, galera! Vamos ensaiar que temos muito trabalho pela frente!

— É isso aí! Vamos nessa! - concordaram quase em coro. Ensaíram arduamente naquela noite, até muito tarde, já que mais do que nunca tinham um objetivo claro e o sonho estava prestes a se realizar.

Ao final do ensaio se sentiam cansadíssimos. Repassaram algumas músicas diversas vezes. Todos estavam mais tensos e mais exigentes consigo próprios; o ensaio deixou de ser uma diversão e ganhou ares de seriedade.

Serginho, também muito cansado, esperava que Paula o levasse, pois Marcelo queria ir direto para sua casa, que ficava perto da de Renato.

— Serginho, acho que não vai dar pra te levar. Tô muito cansado, cara. Você se importa?

— Não, Marcelo, não tem problema, não. Eu me viro!

— Só que é tarde pra você ir de condução!

— A Paulinha me leva!

Paula, que guardava a guitarra cuidadosamente, ouviu a conversa e ficou calada.

— Você me leva, né, Paulinha?

Paula levantou a cabeça, olhou para o namorado e não respondeu. Continuou guardando sua guitarra. Serginho acabou de arrumar a bateria, cobrindo todos os instrumentos; depois, pegando seu material e olhando para a namorada, falou em tom de voz um pouco mais baixo, para que os amigos não escutassem:

— Você vai me deixar na mão, Paula?

— Deveria, Serginho! Estou supercansada e hoje mesmo você me disse que se virava, que não precisava do carro dos seus pais. Já cansei de falar que você precisa ser mais independente! A moto seria uma solução, mas você é teimoso!

— Poxa, Paula, que custa você me dar uma carona? Parece que tem preguiça de me fazer um favorzinho!

— Você é que não compreendeu, Sérgio! Eu estou cansada pra caramba, vou ter de levantar cedo amanhã!

— Eu também!

— Então se vira, e resolve seu problema!

Os dois estavam levantando a voz e os amigos logo perceberam o motivo da discussão. Renato interveio em favor do amigo:

— Pode deixar que eu te levo, Serginho. Vou pegar a chave do carro do meu pai.

— Não, Renato, não tem cabimento você sair de casa a esta hora pra me levar!

— Não tem problema, Serginho. Num instante te levo e já estou de volta!

— Não, cara! É muito chato isso! Pô! Você tem de sair daqui e ir até o outro lado da cidade, enquanto a Paula vai passar por lá!

— Tô muito cansada, Serginho. Moramos longe pra chuchu, também tenho de levar você pro outro lado da cidade e depois

voltar tudo de novo! E sou mulher, puxa vida! Você não se preocupa mesmo comigo, não é?

Serginho saiu de perto de Paula irritado. Tinha vontade de lhe falar umas boas. Egoísta, isso sim é que ela era! Uma garota mimada e egoísta! Onde já se viu? Fazer o amigo sair de casa só para levá-lo, se ela, sua namorada, bem podia fazer isso! Paula era mesmo muito birrenta!

Ela não se importou com o olhar irritado que o namorado lhe dirigiu. Depois que terminou de guardar a guitarra, pegou a bolsa, fuçou dentro dela e achou a chave do carro. Deu três beijinhos em todos os amigos, menos no namorado. Despediu-se de Serginho com um aceno formal e distante. Virou as costas e saiu.

Ela queria mesmo que Serginho passasse por aquele mal-estar, queria que ficasse envergonhado para ver se ele enfim resolveria o problema.

Serginho viu a namorada sair, sem dizer nada. Estava danado da vida com ela. Não queria brigar na frente dos amigos e deixou que Paula fosse embora. Logo Renato estava com as chaves do carro do pai e em alguns minutos tomavam o caminho da casa de Serginho.

— Pô, Renato, desculpa, foi mal tirar você de casa.

— Tem problema não, Serginho. Tá muito tarde pra você ficar andando por aí sozinho.

— Mas é chato, cara! Que custava a Paulinha me dar uma carona?

— Vai ver ela estava muito cansada mesmo, Serginho. Sei lá! Vai ver que é algum problema de mulher...

— Chatice, isso sim é que é... Chatice de menina mimada. Ela quer que eu pegue o carro do meu pai ou o da minha mãe de qualquer jeito. Não aceita que eu espere só mais alguns meses!

— Tô ligado que ela cobra isso de você. Seus pais não deixam, né, Serginho?

— Puxa, vou ficar brigando o tempo todo com eles?

— Mas é ruim mesmo não poder ir aonde você quer, na hora em que quer, não é? Sei disso, porque briguei muito antes de ter minha

carta de motorista. Meus pais acabavam por me deixar dirigir. Armava o maior barraco.

— Você acha que a Paula tem razão, Renato? -perguntou Serginho, inseguro.

— Sei lá, cara. Só sei que ter independência foi a melhor coisa que me aconteceu! Poder dirigir, sair para os lugares na hora em que eu quero é muito bom!

Quando Renato o deixou na porta de casa, Serginho sentiu claramente que o amigo, de certa forma, concordava com Paula. Renato o trouxera apenas por gentileza, mas achava chato ele depender sempre de um e de outro. Sentiu que, para o amigo, ele ter de tomar condução também pegava mal.

Ao subir as escadas de sua casa, que levavam à porta principal, sentiu-se um idiota, dependente de todo mundo.

Sentiu-se criança e ridículo. Pensou que talvez Paula, afinal, tivesse razão. Ele deveria ser independente o mais rápido possível. Estava começando a pegar mal e não queria que os amigos pensassem que era um boboca medroso. Eram seus amigos mais próximos e ele não agüentaria que o achassem fraco ou infantil! Talvez devesse comprar a moto; se comprasse, tudo estaria resolvido! Teria sua locomoção e iria para onde quisesse, na hora em que bem entendesse, sem depender de ninguém! Seria livre. E não teria de dar satisfação aos pais, ao passo que aguardando que liberassem o carro sempre teria de dar explicações e não poderia usá-lo à vontade. Paula tinha razão: ele não iria fazer o que quisesse, quando quisesse... E para comprar um carro não tinha dinheiro... Além do mais, seus amigos iriam achar o máximo ele ter uma moto!

Serginho entrou e encontrou a mãe assistindo à televisão na sala.

— Poxa, meu filho! Por que chegou tão tarde?

— Tivemos de esticar um pouco mais o ensaio, mãe.

— Mas, Serginho, é perigoso ficar até tarde na rua! E você levanta cedo amanhã. Pelo menos poderia ter avisado, ligado!

— Sabe como é, mãe: só mais uma música, só mais uma vez, e a coisa foi indo sem que a gente percebesse. Tô cansado pra caramba!
— Então vá descansar, meu filho. Vá deitar-se logo. A mãe desligou a televisão e foi deitar-se também. Serginho adormeceu com aquele pensamento fixo e na manhã seguinte já havia definitivamente decidido.

Capítulo 4

Momento de união

Serginho acordou atrasado e apareceu na cozinha cambaleando de sono. Dona Eugênia já estava a todo vapor preparando o café da manhã. Ele se aproximou da mãe e beijou-a com carinho.

— Bom dia, mãe.

— Bom dia, meu filho.

— Estou atrasado.

— Mas dá tempo de tomar seu café. Já está tudo pronto. Senta.

Seu Felipe, quase pronto para sair, entrou na cozinha.

— Bom dia, Serginho.

— Oi, pai.

Seguiu-se prolongado silêncio. Dona Eugênia queria chamar a atenção do filho por chegar tão tarde. Sabia que aquele ano era muito importante para seu futuro, uma vez que estava prestes a escolher sua profissão! E a profissão das pessoas é algo essencial, que define todo um futuro. Dona Eugênia tinha isso muito claro e seu Felipe também, mas como fazer o filho entender? Foi Serginho que rompeu o silêncio:

— Poxa! Que silêncio! Tá tudo bem por aqui?

— O que você acha, Serginho?

— Sei lá, pai. Que silêncio chato!

— Você já sabe da nossa opinião quanto a esses ensaios até tão tarde. Pode ensaiar, ter sua banda, tudo bem, meu filho. Nós entendemos. Mas precisa aprender a perceber os limites e manter tudo em equilíbrio.

— Tá tudo certo, seu Felipe. Que coisa! Vocês se preocupam demais. Demais! Não têm motivo pra isso, não!

— Sei, Serginho, sei. Você é que sabe de tudo, não é?

— Pô, pai, não é isso! Mas tá tudo sob controle. Tá tudo certo. Eu tô feliz! Isso não é o mais importante? Tô curtindo muito a banda, os ensaios. E ainda mais agora, que tivemos a brilhante idéia de estrear oficialmente a banda no meu aniversário!

Dona Eugênia se animou:

— E uma boa idéia, meu filho. Estou pensando em fazermos naquele salão, Felipe, naquele que conhecemos outro dia.

— Pode ser. O lugar é bom e o preço, razoável.

— Onde fica? - perguntou Serginho entusiasmado.

— Perto da sua escola. E um salão especial para eventos que inauguraram há uns três meses. Muito bonito.

— Legal. Pra mim tá ótimo. Se der pra instalar a banda... Dá pra fazer um palco?

— Já tem palco no salão, por isso acho que o lugar vai ser ótimo para vocês apresentarem a banda...

— Maravilha! Vou falar pro pessoal que já decidimos o lugar. Vai ser fantástico!

— É, filho, está tudo perfeito; só insisto com você para que não chegue tão tarde em casa. Vocês têm de aprender a equilibrar tudo na vida. E além do mais, é perigoso você ficar por aí, tomando condução tarde da noite.

— Eu vim com o Renato. Ele me deu carona. Mas vou resolver isso logo, logo. Quero ter minha independência e já sei como resolver esse problema. Vocês não precisam se preocupar, não vou mais

depende da carona de ninguém, nem vou precisar de condução tarde da noite.

— É... Logo você tira sua carta e poderá usar o carro; mesmo assim, teremos de nos organizar...

Levantando-se da mesa Serginho beijou a mãe e disse:

— Não se preocupe, mãe. Não vou precisar do carro de vocês. Quero ser realmente dono do meu nariz. Vou resolver de outro jeito.

— Como?

Serginho não deu tempo para que a mãe dissesse mais nada. Entrou no quarto e em alguns minutos já estava pronto para sair.

— Serginho - insistiu dona Eugênia -, do que você está falando?

— Depois conversamos, mãe. Estou atrasado.

— Apenas me diz, meu filho: como você pretende resolver seu problema de condução? - insistiu dona Eugênia preocupada, pois tinha muito medo de que o filho decidisse comprar moto.

— Vou comprar uma moto - respondeu Sérgio, batendo rapidamente a porta de entrada atrás de si, descendo as escadas da casa e sumindo na esquina.

Não deu tempo de ninguém responder. Dona Eugênia voltou para a cozinha desconsolada.

— Ah, meu Deus! Era isso que eu temia, Felipe!

— Não se preocupe, Eugênia.

— Como não me preocupar, Felipe? Como? Você sabe os perigos que correm os jovens por aí, dirigindo essas motos sem qualquer responsabilidade?

— Ele não vai comprar moto alguma, Eugênia.

— Mas você ouviu. Ele falou que vai e você sabe como é esse menino quando põe uma coisa na cabeça! Teimoso! Teimoso demais!

— Ele não vai comprar moto nenhuma! Ah, não vai mesmo! Não enquanto morar nesta casa. Não quero e não vou autorizar! Pode

ficar tranqüila, Eugênia. Converso com ele depois e deixo as coisas bem claras.

Dessa vez, dona Eugênia não respondeu nada. Suspirou fundo e sentou-se para tentar tomar o café da manhã. Logo Fábio e Sueli apareceram e ela distraiu-se com os dois. Contudo, a preocupação não abandonava seus pensamentos, zunindo como um mosquito na sua orelha:

— Que vou fazer? E se ele comprar mesmo a bendita moto? Aí é que eu não durmo mais...

Dona Eugênia passou o dia preocupada com Serginho. A noite ela participava de um grupo de estudos do Evangelho, em um centro espírita. Chegou sentindo-se cansada e impotente, mas determinada a pedir orientação e ajuda para o filho e a família.

A noite transcorreu de maneira especial. Dona Eugênia, que entrou pesada e inquieta, sentiu-se cada vez mais leve ouvindo a leitura do Evangelho da noite, que coincidentemente falava sobre a família - esses fortes laços que nos unem uns aos outros muito antes de irmos para a Terra. A lição realçava a importância da realização do Evangelho no Lar, como forma de estabelecer momentos de maior troca e entendimento entre as pessoas de uma família, cultivando o amor e a tolerância, incentivando uns a apoiarem os outros, transmitindo forças e consolo nas situações difíceis.

Dona Eugênia, que em casa fazia o estudo do Evangelho quase sempre sozinha, saiu naquela noite sentindo que tinha recebido uma orientação clara e capaz de ajudá-la.

Era isso mesmo! Ela iria insistir para que sua família participasse do Evangelho no Lar, e assim, unidos, poderiam conversar sobre seus problemas. Seria um momento em que, além de estudar os ensinamentos de Jesus e de orar juntos, poderiam discutir suas experiências, a vida pessoal de cada um. Dona Eugênia sentiu-se mais aliviada, imaginando a ajuda que o Evangelho no Lar poderia significar para todos.

Ao chegar em casa, seus filhos já estavam lá. Ela respirou mais aliviada e se perguntou como não havia tido essa idéia antes. É claro que o Evangelho seria um momento perfeito para estar mais perto dos filhos, participando da vida deles e podendo compartilhar com todos o que sentia e pensava. Sabia que naqueles minutos de recolhimento e preces poderiam receber auxílio! Agora precisava saber como organizar as coisas de modo a envolver a família. E logo pensou que deveria escolher dia e hora em que todos pudessem participar: segunda-feira à noite todos estavam disponíveis; Serginho não tinha ensaio e nenhum outro compromisso. Estavam na quinta-feira e teria alguns dias para todos se organizarem. Na próxima segunda-feira à noite iniciaria o Evangelho no Lar¹, juntamente com a família.

Começou naquela mesma noite, conversando com o marido:

— Felipe, estive pensando muito sobre o Serginho, e os nossos outros filhos. As famílias vêm sofrendo muitas dificuldades, você não concorda?

— Sem dúvida, Eugênia. Sinto que as famílias estão se tornando cada vez mais vulneráveis, mais frágeis, sei lá...

— Acho que entendo. E cada vez mais difícil ensinarmos aos nossos filhos aquilo que sabemos ser importante para eles. Não é mais possível impor sem conversar, e conversar também tem se tornado difícil.

— Concordo com você. Mas o que fazer?

— Eu tive uma idéia. Você sabe que já há algum tempo venho estudando o Evangelho aqui em casa, com dia e hora marcados, e isso me tem feito muito bem. Gostaria de estender esse estudo a todos; quer dizer, gostaria que estudássemos juntos o Evangelho.

— Mas o que isso tem a ver com as questões de família, Eugênia? Isso é uma questão religiosa!

— Não, Felipe. Esse pode ser um momento precioso para orarmos juntos, estudarmos os ensinamentos de Jesus, e termos ocasião de conversar e discutir os problemas de todos! Você não vê? É perfeito!

— Sei que você quer o melhor para todos nós, e aprecio muito seu empenho, porém você conhece meu ponto de vista. Não quero obrigar meus filhos a terem religião!

— Não se trata de ter religião, Felipe. Trata-se de abrirmos um tempo em nossas vidas para juntos buscarmos Deus e, sob sua orientação, o amor e a união!

— Você pode fazer o que quiser, Eugênia, não vou impedir, mas não gostaria de participar. Eu me sentiria obrigado, e não quero fazer nada obrigado.

Eugênia baixou a cabeça entristecida e não disse mais nada. Permaneceram os dois em silêncio. Percebendo a frustração da esposa, Felipe considerou que não haveria mal algum, e lhe disse por fim:

— Olhe, Eugênia, embora sem participar, eu posso apoiá-la. Comece com as crianças. Quem sabe me animo e também participo?

— Mesmo, Felipe?

— É claro! Você inicia esse... como se chama?

— Evangelho no Lar.

— Isso. Comece a fazer o Evangelho no Lar com eles. Tente com cuidado, não force nada. Todos iremos respeitar, mantendo o silêncio na casa.

— Isso é importante.

— Então. Apoio você em seu empreendimento. O que acha?

Eugênia sorriu, abraçou o marido e afirmou, pensando alto:

— Já é um começo! Vou conversar com eles amanhã. Estou planejando para segunda-feira. O que acha?

— Acho ótimo.

— Então está decidido. Segunda-feira. Obrigada pelo apoio, Felipe.

Eugênia não perdeu tempo e no dia seguinte, durante o almoço, informou os três filhos da nova atividade que se desenvolveria em casa.

— Ah, mãe! Que coisa chata!

— Vai ser muito bom para todos, Serginho!

— Ficar rezando, mãe? Você acha isso bom? Eu não acho. É uma coisa muito íntima! Cada um tem de fazer por si!

— Concordo, meu filho, sem dúvida alguma, o que não impede que também façamos isso juntos. Vai ser muito bom para todos nós!

Tão veemente e enfática foi dona Eugênia que Serginho não disse mais nada. Ela informou a todos dia e horário, para que ninguém se atrasasse. A partir da próxima segunda-feira se reuniriam semanalmente para orar, estudar e conversar. Eugênia sentiu-se feliz! Tinha muita esperança de que aqueles momentos ajudassem a manter sua família unida e forte diante dos desafios da vida.

O final de semana passou rapidamente e logo já era segunda-feira. O horário se aproximou e dona Eugênia ficou ansiosa. Serginho não aparecia e não chegou até a hora combinada. Apesar disso, ela estava determinada.

— Vamos começar. Fábio, Sueli, venham para a sala.

— E o Serginho, e o pai?

— Seu pai tem muitos compromissos, meu filho. Talvez seja difícil para ele participar. Seu irmão, sim, deveria estar aqui. Mas isso não importa, vamos começar sem ele.

— Também não quero, mãe...

— Fábio, meu filho, antes de sermos contra alguma coisa que não conhecemos, e que nos dizem que pode ser muito boa, precisamos conhecê-la.

— É...

— Então, meu filho. Vamos começar hoje uma coisa muito boa para todos nós. Você vai ver, vai me agradecer depois.

— Acho que será bom mesmo, mãe. Acho muito boa a idéia de orarmos juntos.

— Tenho certeza de que vai ser muito bom, Sueli. Dona Eugênia, Sueli e Fábio fizeram o Evangelho no Lar em conjunto pela primeira vez e foi uma experiência agradável para todos. No final, Sueli afirmou:

— Puxa, achei legal, mãe. Senti um calor aqui no peito!

— E você, Fábio, o que achou?

— É... Foi legal! Gostei.

Dona Eugênia sentiu-se satisfeita! O primeiro passo havia sido dado.

Capítulo 5

Livre escolha

Entre os treinos para o campeonato de vôlei e a música, o tempo ia passando. Os preparativos para o aniversário de Serginho e a apresentação da banda se intensificavam.

— Estou exausto, mãe!

— Estou vendo, meu filho, estou vendo. Como vão as aulas?

— Tá tudo certo. As notas estão razoáveis.

— Você acha que passa no vestibular com notas razoáveis, Serginho?

— Sei lá, mãe. Tenho de passar!

— Você sempre acha que tudo vai acontecer do jeito que quer, não é mesmo, meu filho?

— Claro, mãe! E como haveria de ser?

— Serginho, você não é mais criança. As coisas não são sempre do jeitinho que a gente quer. Precisamos aprender a entender a vida, por que e como as coisas acontecem!

— Mãe, eu vou chegar aonde sonho, você pode ter certeza!

— Claro que vai. Não estou dizendo o contrário. Apenas tem de aprender que existem leis maiores e que tais leis não são controladas por nós!

— Tá bom, mãe! Tá bom! Ah! Já ia me esquecendo: hoje vou assistir a um *show* do Skank. Você me empresta o carro, mãe? Só desta vez!

— Nem pensar, Serginho. Você já sabe minha posição. Enquanto não estiver com a carteira de motorista não posso deixar você com o carro, filho. Sou responsável!

— Mãe, você sabe que dirijo bem!

— Eu sei, filho. Mas é a lei!

— Vocês não me entendem, né, mãe?! Sempre os outros, a lei, tudo é mais importante do que eu!

— Não é isso, filho. O problema é que se pegam você dirigindo sem carteira ou se - Deus me livre! - acontece alguma coisa, nós, eu e seu pai, seremos os responsáveis. Não posso de jeito nenhum, filho. E não se discute mais.

Dona Eugênia saiu da cozinha e continuou seus afazeres, deixando bem claro para ele que não adiantava insistir.

Serginho saiu de casa revoltado e, batendo a porta com força, desceu as escadas falando baixinho:

— Eu vou comprar essa moto e acabar de vez com este suplício! Não agüento mais!

Quando o *show* terminou, os amigos estavam ainda mais entusiasmados com a banda; sabiam que um dia poderiam estar em cima de um palco, fazendo um espetáculo como aquele a que acabavam de assistir.

Serginho combinou voltar com o pai de Tiago, que iria buscá-los e deixaria Paula e ele em casa. Como o *show* terminou um pouco antes

do previsto, tiveram de ficar aguardando o pai do amigo. Paula, então, insistiu novamente com o namorado:

— Que desagradável ter de ficar aqui plantada, esperando!

— Não reclama, Paula. Ainda bem que o pai do Tiago vem buscar a gente.

— Por quê? Se você tivesse a moto a gente já estaria em casa.

— Meu pai chega logo, Paula. Já liguei avisando que o *show* terminou. Ele está a caminho.

— Tudo bem, Tiago. Não é esse o problema, cara. Acho teu pai legal, um barato! É que acho que o Serginho já podia estar mais independente! É isso que me enche a paciência!

— Ele já tem quase dezoito, Paula. Logo essa parada estará resolvida.

— Duvido! Os pais dele não vão liberar o carro sempre que ele quiser.

— Paula, que coisa! A gente falou sobre isso tantas vezes que já cansei!

— Eu vou continuar falando. Não vou desistir! Vou continuar buzinando na sua orelha. Não agüento mais! Não quero nem saber! Não vou agüentar até você completar dezoito anos!

— Tá bom, Paula. Você me venceu pelo cansaço. Amanhã vou começar a pesquisar os preços, ver quanto tenho exatamente, e vou procurar a moto! Tá bom assim?

— Você tá falando sério, Sérgio? Ou tá tirando uma com a minha cara?

— Tô falando sério! Alguma vez eu disse que ia comprar a moto?

— Não, nunca.

— Então pode levar a sério!

— E a sua família? - perguntou Tiago.

— O que é que tem?

— Seus pais vão deixar?

— Ô, Tiago, qual é? Dá uma força pro teu amigo ficar mais independente, vai!

— Só estou perguntando se os pais dele vão deixar, porque os meus fizeram o maior escândalo quando apareci em casa com essa mesma idéia.

— Eles não podem me impedir, Tiago. Já tenho o dinheiro. Só preciso encontrar uma que esteja boa e com um preço legal, aí fecho o negócio.

— Então está ótimo! Parabéns pela decisão! Serginho ficou satisfeito com a reação do amigo e da namorada, que o abraçou apertado e aconchegando-se ao seu peito lhe falou:

— É isso que espero de você, Serginho. Atitude! Aguardaram mais um pouco e o pai de Tiago chegou, levando-os para casa.

No dia seguinte, sem pensar duas vezes, Serginho saiu da cama decidido a dar prosseguimento a seus planos. Logo cedo foi abrindo o computador e verificou no *site* de carros e motos como andava o valor das motocicletas usadas no mercado; sim, porque ele sabia que não ia conseguir comprar uma nova. Aproveitou e verificou o saldo em sua caderneta de poupança, constatando que tinha economizado o suficiente para comprar uma moto quase nova, com uns dois ou três anos de uso. O dinheiro que tinha disponível daria para comprar uma de baixa cilindrada; e ele nem queria que fosse das mais potentes, pois assim a manutenção ficaria mais barata.

Quando se certificou de todos os valores, desligou o computador entusiasmado, ao mesmo tempo em que uma pontinha de medo surgia. Serginho, porém, não queria deixar a dúvida dominá-lo. Estava decidido e pronto! Agora, nada mais o deteria. Queria de todo jeito acabar com aquele incômodo de depender de tudo e de todos. Queria ser livre! Fazer o que quisesse sem pedir mais nada a ninguém! E, conversando consigo próprio, relacionava as vantagens que teria se comprasse a moto. Enumerava-as mentalmente e

sempre pensava em Paula. Tinha certeza de que ficaria ainda mais apaixonada por ele!

Ao chegar ao colégio foi direto ao painel de anúncios classificados dos alunos e professores. Estava com sorte. Havia muitos anúncios de motos. Um deles chamou sua atenção, pois parecia perfeito, sob medida para ele. Era aquela a moto que desejava: uma *tipo street*, com 350 cilindradas. O preço estava em cima e sentiu, pelo tom do texto, que ainda conseguiria negociar um pouco o valor e o pagamento. Ligou para o celular citado no anúncio e conversou com o rapaz que era dono da moto. Marcaram de se encontrar para que ele a visse.

Quando encontrou Paula, já tinha dado todos os passos para concretizar o negócio. Calculava como iria negociar com o rapaz. Convidou-a a acompanhá-lo naquela tarde a um lugar especial.

— O que vamos fazer, Sé?

— É surpresa, Paula. Não vou falar. Você vai saber quando chegarmos lá.

— Ah... Fala logo, você sabe que não gosto de surpresas...

— Não vou contar, não.

— Mas é surpresa boa?

— É ótima. Tenho certeza de que você vai adorar.

— O que é? Me conta, vai. Ou nem vou conseguir prestar atenção direito à aula!

— Trate de se controlar, Paulinha, pois só vai saber na hora. Pode ter certeza de que vai gostar.

— Não tem jeito de você me contar?

O sinal tocou interrompendo a conversa. Serginho levantou-se, pegou seu material e subiu as escadas correndo:

— Espere e verá. Você vai gostar.

E não deu tempo de Paula dizer mais nada. Ela também pegou seu material e subiu pensativa e entusiasmada. Tinha quase certeza de que era a moto. Só podia ser...

Paula passou a aula inteira distraída, imaginando qual seria a surpresa, se era mesmo a moto. No intervalo ainda tentou fazer o namorado falar; mas ele fugiu, conversando com Tiago e Renato, e avisou que iria chegar mais tarde ao ensaio daquela noite. Também dos amigos Serginho escondeu o que pretendia fazer. E só conseguia sonhar com a moto. Ficou pensando nela, em como seria estar completamente livre para ir a qualquer lugar. Junto com a ansiedade vinha certo receio que ele afastava a todo momento. Estava escondendo da família aquela decisão e sabia que poderia causar dor aos pais; a despeito disso, já se via indo para cá e para lá com seu próprio meio de transporte e ficou alucinado com a sensação de liberdade já antecipada.

Ao final da aula confirmou com Paula se podiam encontrar-se no metrô. Ela torceu o nariz, pois detestava andar de ônibus ou de metrô, mas, curiosa, concordou sem maiores perguntas. Percebeu que não adiantaria insistir com o namorado, que continuava fazendo ares de mistério.

Antes do horário marcado Serginho já estava lá e mal conseguira comer. Paula chegou um pouco atrasada, e logo se puseram a caminho. Serginho estava com as mãos frias e suava.

— O que você tem, Serginho? Suas mãos estão tão frias!

— Estou meio nervoso, Paula.

— Por quê?

— Só estou meio ansioso, poxa vida. Não é todo dia que eu compro...

— Compra o quê? Conta logo! Vamos ver uma moto, não é?

— Você estraga toda a surpresa, Paula!

— É mesmo, meu amor, vamos comprar sua moto?

— Vamos ver se está boa.

— Puxa, Serginho! Que máximo! E verdade? Vai finalmente comprar a moto?

Serginho sorria satisfeito com a reação da namorada.

- Que remédio?
- Você vai ver como vai ser legal! Tudo vai ficar mais fácil!
- Só não vai dar pra carregar a bateria nela!
- Ah... Não faz mal, Serginho... Não tem problema! Se precisarmos, alugamos uma Van pra transportar os nossos equipamentos! Isso por enquanto, pois no futuro teremos nosso próprio ônibus.
- E só para os equipamentos! Nós vamos em outro ônibus, quando tivermos turnê!
- É isso mesmo! Podemos ter um caminhão enorme para os equipamentos e um ônibus pra nós. Tudo com adesivos gigantescos, fazendo a divulgação da banda.
- Já pensou?
- Falando nisso, já pensou no nome para a banda?
- Ainda não. E você?
- Também não, mas precisamos achar um nome. E tem de ser muito forte, para que ninguém esqueça!
- Vamos achar, Paula, vamos achar. Falando em achar, chegamos. É aqui.
- Neste prédio?

Serginho conversou com o rapaz na portaria e em alguns minutos estavam no estacionamento do prédio com Evandro, um rapaz de seus vinte e poucos anos, que mostrava a moto aos dois.

Serginho observou todos os detalhes atentamente, assim como Paula. Não deixaram escapar nada, nenhum detalhe que fosse. Perguntaram tudo. Serginho deu algumas voltas na garagem junto com Paula e já se sentia dono da moto. Quando encostou, disse ao rapaz:

- Bom, Evandro, qual é o melhor preço que pode me fazer?
- É aquele que conversamos, cara. Não dá pra tirar nada.
- Você disse que podíamos conversar.
- É, cara, mas você viu a moto, tá novinha!
- Tá nova, mas o preço tá meio alto.

E ficaram lá negociando e conversando. Paula já estava até entediada, quando finalmente Serginho disse ao rapaz:

— Pense nessa minha oferta. Amanhã você me responde.

— Não dá, cara, não dá.

— Pense, cara. Pago em dinheiro vivo.

— Não dá.

— Pense. Amanhã te ligo e você me dá a resposta. Se topar, fechamos na hora.

Antes que Evandro pudesse responder, Serginho despediu-se e, puxando Paula, saíram do prédio.

— Pô, Serginho, e se ele não quiser vender?

— Vai vender, Paula. Essa moto é minha!

— Acha mesmo?

— Não tenho dúvida. Sinto aqui dentro. Paula sorriu satisfeita.

Dona Eugênia, seu Felipe, Sueli e Fábio jantavam animados quando Serginho chegou. Estava sério e logo se juntou à família, mantendo-se, entretanto, calado. Seu Felipe contava algumas de suas difíceis reuniões daquele dia e falava dos problemas que vinha enfrentando com os hospitais. Ele vendia equipamentos médicos e os hospitais, especialmente os públicos, estavam com pagamentos atrasados. De quando em quando dona Eugênia observava o filho, que permanecia calado, pensativo. O jantar ia terminando quando Fábio perguntou:

— E o *show* do Skank, foi legal?

— Foi fantástico, Fábio, só a volta é que foi complicada -emendou Sérgio rapidamente, aproveitando a deixa do irmão.

— Por quê?

— Tive de ficar plantado mais de uma hora esperando o pai do Tiago ir buscar a gente.

Dona Eugênia, já imaginando onde o filho queria chegar, foi logo dizendo:

— E daí? O que tem isso de mais? Antigamente a gente ficava horas esperando condução, não é, Felipe?

— É. Antigamente não tínhamos tantas facilidades quanto vocês têm hoje em dia.

— Tá legal, pessoal, tá legal. Não vai adiantar. Eu já decidi. Vou comprar a moto. Não quero mais ficar de carona pra lá e pra cá.

— Filho, nós já falamos sobre isso - interferiu enérgico seu Felipe.

— E eu já disse o que quero fazer, pai. Daqui a algumas semanas tenho dezoito anos, daí tiro a carteira do carro e da moto e tudo certo.

— Serginho, esse não é o ponto. Moto é muito perigoso. Muitos jovens perdem a vida todos os dias em acidentes. Eu me canso de ver isso acontecer, e às vezes do meu lado.

— Que horror, pai. É mesmo?

— É, Sueli.

Dona Eugênia reforçou, preocupada:

— Puderam! Parecem uns loucos dirigindo. Andam no meio dos carros, costurando, agem como se fossem inatingíveis, como se nada lhes pudesse acontecer.

— Também acho errado quem dirige desse jeito. Eu vou ser muito mais cuidadoso, mãe.

— Você não vai andar de moto, não é, Serginho? Por favor! - pediu Sueli.

— Não se preocupe, Sueli. Vou dirigir bem devagarinho. Não vou fazer nenhuma ultrapassagem...

Seu Felipe interrompeu o filho, irritado:

— Já disse que não quero moto aqui em casa, Serginho. Não vou admitir. É muito perigoso. Você estará pegando o carro em alguns dias, é só aguardar um pouco mais.

— E vou poder ter um carro só pra mim? Ir aonde eu quiser, na hora em que eu quiser?

— Teremos algumas regras para que as coisas funcionem bem.

— Sempre as regras, as normas, as ordens... Já tenho dezoito anos! Sei muito bem cuidar de mim! E quero comprar a moto! Quero cuidar da minha vida do meu jeito!

— Olha, Sérgio, não vou repetir. Não vou admitir esse tipo de atitude aqui dentro. Não quero que você compre moto alguma. É ponto final! Não se discute mais o assunto!

Sueli pediu, chorando:

— Não quero que você ande de moto por aí, Serginho, é perigoso! O pai tem razão! Não quero que você morra!

— Que morrer, que nada, Sueli! Eu sei me cuidar! Serginho gritava. Levantou-se e, indo para o quarto, bateu com toda a força a porta atrás de si. Seu Felipe ergueu-se imediatamente após o filho e dirigiu-se a Sueli:

— Não precisa chorar, ele não vai comprar moto nenhuma!

Abrindo a porta do quarto do filho, disse firmemente:

— E não quero que bata a porta! Estávamos conversando, mas parece que você não sabe o que é isso. Só sabe gritar e impor sua vontade!

— Sou eu que estou impondo minha vontade ou é você?

— Estou tentando explicar as minhas razões, conversando. Acontece que às vezes é impossível conversar com você, filho! Você fica irracional!

— Você quer que eu faça tudo o que você quer! Do jeito que você quer! Aí então fica contente!

— Isso não é verdade! Dou força em tudo o que você quer fazer! Veja o caso da banda. O que me diz? Além de dar a bateria, vamos fazer tudo para que possam se apresentar no seu aniversário! Mas sou seu pai, e estou tentando preservar você.

— Eu já sei tomar minhas decisões, pai. E você não quer deixar.

— Não está pensando em todos os aspectos, filho. Usar moto é muito perigoso e, numa cidade grande, não dá! Eu não vou mais discutir isso com você. E assunto encerrado e não adianta me aparecer aqui com moto nenhuma, pois eu sumo com ela!

Seu Felipe saiu e fechou a porta. Serginho permaneceu fechado no quarto até a hora do ensaio, quando Renato chegou buzinando e ele saiu apressado.

Capítulo 6

Lívia

Dona Eugênia se deitou cedo, mas rolava na cama, pensando e repensando sem poder dormir. Um aperto no peito a fazia pensar no filho e sentia medo. Sabia que quando Serginho colocava uma idéia na cabeça, ninguém tirava; não aceitava nenhum tipo de conselho. Por isso temia pelo futuro. Afastava os pensamentos ruins da cabeça, tentando crer que dessa vez convenceria o filho a não comprar a dita moto. Ao mesmo tempo, sabia que não iria adiantar e que mais cedo ou mais tarde ele apareceria com a tal em casa. E então, como seria? A preocupação agora era com o marido. Pai e filho iriam se desentender de novo! E ela queria muito que a harmonia se fizesse em sua casa. Em determinado instante, preocupada e aflita, começou a orar a Deus pelo filho e pela família. Pedia proteção, ajuda. Foi orando que ela pouco a pouco se acalmou e adormeceu.

Teve, então, um sonho agradável e inesquecível: Lívia, a sobrinha do marido que havia partido para a pátria espiritual há quase quinze anos, aproximava-se dela e conversavam. Despertou sentindo uma suave serenidade a envolvê-la, recordando o rosto meigo de Lívia a sorrir e falar com ela. Embora se esforçasse, não lembrava o que haviam conversado; só a expressão de Lívia não lhe saía da mente.

Enquanto tomava o café, naquela manhã, continuou pensativa, tentando lembrar o que Lívia lhe havia dito. Não conseguia. Somente a imagem de Lívia permanecera clara em sua memória. Para dona Eugênia, aquilo poderia ter sido mais do que apenas um sonho. Sabia, pelos livros que lia e pela própria experiência, que muitas vezes é possível, quando se dorme, contatar de verdade com aqueles que já partiram para o outro lado da vida². E se Lívia houvesse vindo lhe dizer algo importante? Não conseguia parar de pensar no sonho, principalmente porque sentia uma imensa suavidade, ao recordar o rosto da sobrinha.

Durante o café, não comentou nada com ninguém, porém todos perceberam que estava mais calada do que o normal. No entanto, ainda quietos por causa da discussão da noite anterior, e apreensivos com a história da moto, não perguntaram nada. Sueli e o pai sabiam que ela devia estar preocupada com Serginho, que ainda dormia quando todos saíram, após terminarem o café da manhã.

Durante o jantar dona Eugênia mantinha-se pensativa e quase não conversava. Seu Felipe e Fábio falavam sobre futebol, esporte de que o pai gostava muito. Sueli, em silêncio, observava a mãe. Quando estavam na sobremesa, seu Felipe perguntou:

— Ainda preocupada com Serginho, Eugênia?

— Estou, Felipe.

— Não se inquiete tanto, ele não fica um dia sequer com uma moto dentro desta casa.

— É, mãe! Você está pensativa o dia inteiro.

— Não é só o Serginho que ocupa meus pensamentos, Sueli.

² O contato com o plano espiritual durante o sono: mais informações em notas complementares

— O que é então, mãe?

— Tive um sonho, Felipe, muito estranho...

— Foi de medo, mãe? - indagou Fábio, que morria de pavor de ter pesadelos.

— Não, Fábio, foi um sonho bom.

— Como foi, mãe? Conta!

— Sonhei com Lúvia, Felipe. Ela estava linda e sorria para mim.

— Aquela prima nossa que morreu faz anos, mãe? -perguntou Sueli, interessada.

— Quem, mãe, quem? - interrogou Fábio, curioso.

— A filha da tia Zulmira, irmã do papai.

— Ela também morreu, né, mãe?

— Também, no ano passado; a Lúvia foi embora antes, filho, bem antes.

— É, faz... Quanto tempo? Sueli franziu a testa e fechou momentaneamente os olhos, esforçando-se para recordar o rosto da prima, que havia visto muitas vezes em fotografias.

— Acho que uns quinze anos, Sueli. O Serginho era bem pequeno, tinha uns três anos...

— E por que ficou tão impressionada com esse sonho, Eugênia? Você sonha tanto!

— E que nunca havia sonhado com ela antes, Felipe. E foi um sonho bom...

— Então por que a preocupação?

— Não sei... Talvez por não me lembrar do que conversamos, do que ela falou... Gostaria de saber por que sonhei com ela... E acho que... Bem...

— O que, mãe? Fala! - insistiu Sueli, curiosa.

— Acho que não foi somente um sonho...

— Como assim, mãe? - perguntou Fábio, assustado. Dona Eugênia observou o olhar do marido, que sempre reprovava quando ela vinha com histórias de espíritos, de mortos, desse tipo de coisa. Sueli ficava interessada e queria saber mais; já Fábio morria de medo e às vezes, depois de conversas assim, tinha pesadelos. Por isso seu Felipe tinha pedido à esposa

que não falasse desses assuntos na frente dos filhos. De nenhum deles.

— Deixa pra lá, Sueli. Foi um sonho bom, isso é o mais importante. Fiquei feliz em ver a Lívia, é só isso. Estava com saudade dela.

Mais tarde, os filhos já deitados, dona Eugênia e seu Felipe conversavam outra vez sobre o sonho.

— Não sei por que você ficou tão perturbada com o sonho, não entendi.

— E que não me pareceu um sonho, Felipe. Foi como se tivesse me encontrado com Lívia de verdade!

— Acho que você está impressionada, Eugênia. Está preocupada com o Serginho, com aquela conversa da moto e tudo o mais. Acho que ficou abalada e acabou sonhando com ela.

— Não sei, não, Felipe. Foi como se a tivesse visto.

— Tem uma coisa que não entendo, Eugênia. Se você diz que o sonho foi bom, que Lívia estava bem, bonita, por que ficou impressionada?

— Porque foi muito real, Felipe, foi real como agora converso com você. E também porque sou incapaz de lembrar o que conversamos. Tento, mas não consigo.

— Vai ver então que não conversaram!

— Conversamos, sim, estou certa! Só não consigo lembrar!

— Deixa pra lá, Eugênia! O importante é que foi um sonho bom!

Seu Felipe sorriu para a esposa e ela concordou com a cabeça, dizendo:

— É, Felipe. Foi um sonho bom.

— Então esquece!

— Difícil esquecer aquele rosto de anjo!

Ele olhou a esposa outra vez e sorriu, depois continuou organizando o material para o trabalho do dia seguinte. Sabia que a esposa e Lívia eram grandes amigas e conhecia muito bem o carinho que dona Eugênia dedicava à sobrinha.

Quanto a dona Eugênia, não conseguia parar de pensar em Lívia. Depois que o marido deitou-se, foi até o armário onde guardava lembranças da família e procurou fotos da sobrinha. Encontrou algumas. Sentou-se no sofá da sala com todas as fotos nas mãos e começou a recordá-la.

Lívia fora uma jovem alegre e entusiasmada pela vida. Adorava os tios e os primos, Serginho em particular. Dona Eugênia olhou as fotos de Lívia com Serginho no colo. Contava vinte anos quando o primo nasceu e adorava cuidar dele. Serginho tinha igualmente grande carinho por ela; era sua preferida dentre todos os primos e tios que o paparicavam. Eugênia e Lívia também se queriam muito bem, e Zulmira chegara a ter até certo ciúme do afeto entre tia e sobrinha. Ela havia sido uma pessoa especial, refletia dona Eugênia, observando as fotos.

Lívia nascera prematura, com oito meses de gestação, e era portadora de um problema cardíaco que a deixava sempre cansada. Sua saúde frágil exigia cuidados e atenção constantes, sendo obrigada a estar em hospitais quase semanalmente. Os médicos haviam prevenido aos pais que a menina poderia não passar da adolescência, e para chegar até lá talvez precisasse de algumas cirurgias. Apesar de muitos exames e tentativas dos pais para tratar o problema, era um mal que não tinha como ser totalmente sanado. Sua vida foi curta e ao mesmo tempo marcante. Sua ternura para com os amigos e familiares a fazia querida por todos. Quando, na adolescência, os pais queriam que fosse operada sem garantias de superar a cirurgia, ela resolveu que não passaria por aquela situação e que confiava em Deus e entregava a Ele a decisão sobre sua vida. Alguns anos depois sua saúde tornou-se mais fraca e aos vinte e três anos ela se foi, deixando em todos muita saudade e um carinho enorme.

Dona Eugênia rememorava e estava com lágrimas nos olhos quando Serginho chegou. Encontrou-a na sala, distraída com os

pensamentos e tão distante que não lhe percebeu a entrada. Ao ver a mãe emocionada, aproximou-se tímido:

— Oi, dona Eugênia. O que está fazendo aí sozinha?

— Oi, filho - disse ela enxugando rapidamente os olhos -, estou aqui pensando em sua prima Lúvia. Lembra dela?

— Um pouquinho... Deixa eu ver.

Sentou-se ao lado da mãe e começou a olhar as fotos. — Era bonita, né, mãe?

— Era. Por dentro e por fora.

— Como por dentro, mãe?

— Tinha uma alma linda, meu filho.

— Como você sabe, se a alma não se vê?

— Mas a gente via as atitudes de amor e carinho dela para com todos. Era um anjo!

— É... Tenho poucas, mas boas lembranças dela... Serginho e a mãe permaneceram por mais algum tempo

olhando as fotos e relembando. Só bem mais tarde, depois de recordar momentos e rever muitas fotos, resolveram dormir.

Naquela noite, Serginho teve sono agitado, sonhando muito. Acordou diversas vezes e depois voltou a dormir. Nos momentos em que dormia, via-se correndo atrás de alguma coisa que não podia identificar. Acordou pela manhã de mau humor - aquele mau humor característico de quem não dormiu direito e tem um longo dia pela frente!

Apesar de a mãe não ter falado da moto, ele sabia que isso a estava incomodando. Chegara tarde de propósito na noite anterior, a fim de evitar mais discussões em torno do assunto.

Pulou da cama cedo. O café ainda não estava pronto quando saiu. Não queria conversar com ninguém. Sua decisão já estava tomada e ele desejava evitar que os pais brigassem com ele. Até porque não adiantaria nada, seria perda de tempo.

A mãe ainda tentou conversar, mas ele saiu rapidinho, a pretexto de que precisava estudar um pouco antes da aula. Quando desceu as

escadas e fechou a porta atrás de si, sentiu-se aliviado por não ter de voltar ao assunto da bendita moto!

Seguiu para a escola refletindo: por que os pais eram tão intransigentes? Matutava que o mesmo ocorria com seus amigos. Os adultos davam a impressão de ser todos iguais. Parece que se esqueciam de que já haviam sido jovens um dia. Ele não queria ser adulto; parecia muito chato: o tempo todo preocupado com alguma coisa, correndo atrás de alguma coisa, sem se divertir, sem curtir a vida. Só responsabilidades, responsabilidades e responsabilidades! Como lhe parecia cansativa a vida de adulto! E o pior é que ele próprio estava sentindo o peso da responsabilidade com o vestibular se aproximando, a necessidade de escolher a profissão e tudo aquilo! Como era chato! Ele gostava mesmo era de tocar, de namorar, de viajar, de curtir a vida! Adorava as baladas com os amigos! Isso sim é que era bom! E encasquetava sempre por que os adultos tinham de ser tão preocupados com tudo. Devia haver alguma coisa errada com eles...

Após a aula, Serginho e Paula encontraram-se novamente com o rapaz que estava vendendo a moto. Serginho convencera-o a vender por um preço ligeiramente mais baixo, e a parcelar em duas vezes o pagamento.

— Estou tão feliz, Serginho! Nem acredito que você tomou uma atitude firme e resolveu esse problema!

— Eu disse a você que iria resolver, não disse?

— Mas disse que não ia comprar a moto, né, Serginho?

— Disse, só que mudei de idéia.

— Eu ajudei um bocadinho, não foi?

— Claro que não, Paula! Decidi porque achei que era melhor pra mim, pra nós.

Paula sorriu e não respondeu. Tinha certeza de que tinha contribuído, e muito, para a decisão do namorado.

— Só tem uma coisa que não consegui resolver, ainda. Talvez precise de você pra me ajudar.

— O que é?

— Não quero chegar com a moto em casa. Meus pais ainda não aceitaram completamente a idéia.

— Sério? Tá brincando!

— Não. Eles não querem que eu compre a moto, foi uma briga danada lá em casa quando falei que ia mesmo comprar.

— Pais às vezes são chatos mesmo!

— É, mas não quero ficar brigando o tempo todo. Acho que é uma questão de tempo até eles se acostumarem. Posso deixar a moto por uns dias na sua casa?

Serginho não quis contar que o pai ameaçara sumir com a moto, caso ele chegasse em casa com ela, e sabia que seu Felipe estava falando sério.

— Tenho uma idéia melhor, Sé. Uma amiga minha mora perto da sua casa. A Suzana, lembra dela? Você conheceu no dia do campeonato.

— Lembro. Ela tem espaço pra guardar a moto lá?

— Tem. A casa é grande e tem garagem pra quatro carros. Dá pra deixar, tenho certeza. Ela é legal e os pais dela também não vão se importar. E o melhor de tudo é que a casa fica a duas quadras da sua!

—Poxa, perfeito!

Abraçou a namorada, sentindo-se a um só tempo entusiasmado e ansioso. Estavam se aproximando do prédio. Quando chegaram, foi tudo rápido e fecharam o negócio em dois minutos.

Serginho saiu de lá todo orgulhoso, com a namorada na garupa, e foi assim desfilando até a casa dela. Estava radiante! Antes, porém, passaram onde residia Suzana e combinaram tudo; a mãe dela autorizou sem problemas. Serginho não deu muita explicação: só disse que não tinha lugar para guardar a moto e que seria por pouco tempo, até arrumar um espaço em sua casa.

Quando deixou Paula, os olhos da namorada brilhavam de contentamento:

— Valeu, Serginho! Tô feliz! Agora tudo vai ser mais fácil! Que máximo!

Despediram-se. Serginho combinou buscá-la mais tarde para o ensaio da banda. "Agora sim - pensava ele -, nada vai atrapalhar meus planos..."

Capítulo 7

Enfim, o nome

Os ensaios da banda prosseguiram e se intensificavam, fazendo o grupo melhorar a cada novo encontro. O repertório para a estréia já havia sido escolhido e era ensaiado com crescente dedicação e atenção aos detalhes. O entrosamento dos integrantes igualmente aumentava. Também, não dava tempo para muitas discussões: o dia da apresentação se aproximava rápido. Só uma coisa não fora ainda definida: o nome da banda. Todos os dias alguém vinha com uma sugestão, sem que chegassem a um consenso. Ora a Paula trazia uma idéia, outra vez era o Tiago ou o Renato, mas ao analisarem as sugestões não concordavam. Sempre achavam que o nome ainda não era o mais apropriado. Entretanto, aquela ausência do nome já estava dando nos nervos de todos eles. Como iriam apresentar a banda, sem um nome? A ansiedade também crescia:

— Como vamos achar o nome certo? Estamos quase no dia da estréia, do nosso primeiro *show*, e ainda não temos nenhum nome legal. Como vamos resolver isso?

— Sei lá, Renato! Sei lá! - resmungava Tiago, confuso.

— Sei lá? Não vai fugindo, não, Tiago. Precisamos de um nome!

Paula permanecia pensativa. Também estava preocupada. Serginho, que parecia distante, de repente veio com esta:

— E se chamarmos nossa banda de "Os sem nome"?

— Como sem nome? Sem nome o quê? - perguntou Paula.

— A Banda dos Sem Nome. É diferente, é criativo! -defendeu Serginho.

— Ah, Serginho, dá um tempo! Parece até coisa de quem não quer pensar!

— Mas, gente...

A idéia do rapaz foi unanimemente descartada e ele quase foi linchado pelo grupo. Veja lá a que ponto chegavam sem conseguir escolher o nome adequado!

Mais alguns ensaios se passaram e a ansiedade crescia mais e mais. Logo iriam precisar do nome para colocar nos convites, o tempo escasseava e nada de ele aparecer. Tinham idéia para tudo, menos para isso!

E o nervosismo crescia, insuportável.

Naquele dia Serginho chegou irritado, sem perceber que uma música de sua banda preferida não lhe saía da cabeça. Ele não deu muita atenção, e a música continuou martelando o tempo todo. Mal conseguia ensaiar, porque a todo momento a canção vinha à sua mente.

Em um intervalo no ensaio, Serginho cantarolava baixinho, sem perceber o quê.

— "Se duvidar eu tenho mais de um mar de provas, se duvidar..."

Aquilo chamou a atenção de Paula, que indagou ao namorado:

— Que música é essa aí, Serginho? Tá cantando desde que chegou!

— Cantando? Eu não estou cantando.

— Tá, sim, cantando baixinho. Espera aí, acho que sei que música é.

Paula esforçou-se para lembrar, e por fim disse:

— É "Siderado". Você não pára de cantar essa música hoje, não sei por quê.

— É do Skank? - perguntou Tiago acercando-se do amigo.

— É. Do CD com o mesmo nome - afirmou Paula, lembrando-se precisamente -, canta mais um pedacinho!

— "Porque eu te espero na neblina, porque eu te espero no saguão, aeroporto ou esquina e no sol de verão..."

E ele cantou a música inteira. Dessa vez, todos estavam interessados e Renato perguntou:

— Qual é mesmo o nome dessa música, Serginho?

— "Siderado".

Sem pensar duas vezes, Paula gritou:

— É isso aí, gente! Vocês não percebem? É esse o nome do nosso grupo!

— Como assim?

— O nome da música! Esse será o nome da nossa banda!

— Por quê? O que tem a ver?

— Você tem um dicionário aí, Renato?

— Tenho, por quê?

— Pega pra mim.

Sem entender nada, Renato entregou o dicionário a Paula e todos ficaram em volta esperando para ver o que ela diria.

— Eu sabia! Já tinha lido em algum lugar, acho que numa aula de Português, o significado dessa palavra. Siderado quer dizer fulminado, aniquilado, perplexo, atordoado. E assim que todos vão ficar quando ouvirem nossa banda: siderados!

Surpresos, não sabiam ao certo o que dizer, mas finalmente concordaram satisfeitos que aquele era o nome perfeito para a banda. Estava decidido: Siderado.

Capítulo 8

Final de campeonato

Era a final do campeonato interescolar e o colégio estava alvoroçado, com um entra-e-sai de gente sem tamanho. Com as portas abertas, a escola do Serginho recebia os pais dos alunos, que com outros parentes vinham, corujas, apreciar os dotes dos filhos: todos admirados com as qualidades dos rebentos, que certamente haviam puxado a eles nessa ou naquela qualidade!

Ah! Os pais... Esses seres angustiados e em permanente conflito entre o que querem e o que devem fazer... Estavam todos lá, entusiasmados e cheios de expectativas. Parecia, enfim, uma grande festa.

Dona Eugênia, seu Felipe, Fábio e Sueli compareceram para participar do evento e prestigiar o filho e o irmão. Quando chegaram, as arquibancadas que ladeavam a quadra estavam quase lotadas. Foram caminhando devagar entre os degraus tentando encontrar um lugar mais próximo da quadra, pois era exatamente ali que todos queriam ficar, o mais perto possível dos jogadores. Finalmente se ajeitaram junto a alguns pais de outros jovens, que já conheciam. Serginho estudava naquela escola desde pequeno, desde o início de sua vida escolar, e por isso tinha muitos amigos de longa data e as famílias também se conheciam.

A algazarra ia aumentando. As torcidas organizadas compostas por garotas uniformizadas foram entrando e aumentando ainda mais a animação. Uma equipe fazia mais barulho do que a outra, porém tudo fora ensaiado, antecipadamente preparado. Faziam tudo direitinho, igualzinho. Os pais corujas iam ficando mais e mais animados.

Uma campainha estridente, ensurdecadora, anunciou que a hora do jogo se aproximava. O time adversário entrou momentos depois. Na realidade, era o favorito. Vinha ganhando todos os jogos, desde o

início do campeonato. E ganhava de lavada. As torcidas aumentaram a algazarra, uns para recepcionar e outros para vaiar. Era um barulho ensurdecedor.

Depois foi a vez do time da casa, o time do Serginho, e a gritaria foi até maior, embora as torcidas tivessem quase o mesmo número de pessoas de um lado e de outro.

Dirceu entrou na frente da equipe, todo empinado. Ele tinha muita confiança de que poderiam vencer os favoritos. Sabia que tinham time para isso; só precisava fazer com que acreditassem, confiassem em si próprios. As vezes é difícil crer na própria capacidade. E mais fácil se achar fraco e incapaz, assim não é preciso se esforçar tanto, e justificar o fracasso fica mais confortável. Contudo, Dirceu sabia que se confiassem realmente neles próprios, em quanto já haviam treinado, se tivessem muita garra e determinação, acabariam vencendo o jogo. Não era contra o adversário que deveriam lutar, e sim contra as próprias dúvidas, os próprios medos; esses é que de fato deveriam ser vencidos.

Este havia sido o trabalho dele, como técnico, nos últimos dias: fortalecer a segurança da equipe e a fé dos atletas em si próprios, tão necessária para vencer qualquer obstáculo. Ele mesmo vira time antes invictos serem derrotados por equipes menores, nas quais a autoconfiança e a vontade de vencer haviam ultrapassado dificuldades técnicas aparentemente insuperáveis. E ele confiava naquele time, sabia que todos eram bons de verdade.

Logo atrás do Dirceu seguia Serginho, igualmente confiante. Sabia que poderiam vencer.

Novamente a campainha irritante soou, perdendo-se nos gritos e na barulheira da torcida. Ela avisava que o jogo ia começar.

Todos se posicionaram e o juiz apitou o início da partida. Primeiro set. Sacava o time adversário. A princípio ainda um pouco nervoso, gradualmente foi ganhando firmeza e começou a fazer pontos. Marcava sem parar, um após outro. E o time da casa, o time do

Serginho, perdeu feio aquele primeiro *set*. Não conseguiu marcar mais de seis pontos.

Durante o pequeno intervalo, a torcida da casa, apesar de assustada, apoiou o seu time. "Será que vão perder de lavada?" Era o pensamento de muitos nas arquibancadas, que não obstante incentivavam a equipe de jovens. Sabiam que seria um jogo difícil, e seguiam estimulando os seus.

O jogo recomeçou. Saques e cortadas pra cá, saques e cortadas pra lá. O time da casa continuava a errar e dava pontos e mais pontos para o outro time, justificando sua posição de favorito e fazendo crescer cada vez mais a confiança da equipe, para desespero de Serginho e sua turma, que viam o tão sonhado título de campeões ir desaparecendo de suas mãos.

Dirceu sentia que precisava fazer algo, precisava enfraquecer aquela crescente confiança do outro time. Era só isso, pois a competência técnica seus jogadores tinham.

Gritava para um e para outro pedindo que se concentrassem, e nada acontecia. De súbito lembrou-se de que o time adversário, quase com a mesma equipe, perdera feio dois *sets* no campeonato de três anos atrás, antes de vencer o jogo final. Já havia comentado algumas vezes o fato com a equipe, sem nunca reforçar seu significado. "Como fazê-los perceber que podem ganhar?" - pensava Dirceu, insistentemente. Mas não deu tempo de mais nada: quase sem marcar pontos, perdiam o segundo *set*.

Saíram da quadra cabisbaixos e já se deixavam envolver pelo desânimo. Parecia até que os favoritos tinham crescido de tamanho - tinham ficado gigantes.

A torcida da casa ainda tentava incentivar, porém já estava desanimando diante de tantas dificuldades.

Quando os jogadores saíram, Dirceu não perdeu tempo e foi logo dizendo:

— Muito bem! Vocês estão indo bem!

— Como assim? Estamos perdendo de lavada, Dirceu! Tá louco?

— Não, vocês estão indo bem! Excelente! Ninguém entendeu nada; acharam que o treinador tinha pirado.

— Vocês não estão lembrados? Foi justamente assim que eles venceram a final do campeonato, três anos atrás. Esqueceram? Contei a vocês.

— O que você disse foi que jogaram mal - afirmou Tiago, ofegante.

— Não foi só isso! Eles perderam de lavada os dois primeiros *sets* e depois viraram o jogo e ganharam, exatamente como vocês vão fazer, ao retornarem para a quadra. Quero que esqueçam que é o terceiro *set*. Será o primeiro. Vocês agora já se habituaram com eles, já sabem como jogam e também onde falham. Não sabem? Já conseguem pressentir como eles irão devolver a bola. Sigam o instinto, deixem que ele fale mais alto; vocês já sabem, só precisam prestar atenção no que sabem. Esqueçam que é o terceiro *set*, pensem apenas que os dois outros foram treino, só isso. Vocês estão prontos, preparados para ganhar! Vão lá e ganhem! Não deixem que um só pensamento de derrota cresça dentro de vocês; ao contrário, pensem que eles também viveram precisamente isso que vocês estão vivendo, e venceram. Joguem tudo o que sabem e vençam! É a vez de vocês!

Os rapazes olhavam para o técnico e sentiam a energia crescer dentro deles. Deixaram-se envolver pelas palavras do treinador e começaram a acreditar que poderiam fazer o que ele sugeria.

Quando voltaram à quadra, atendendo às sugestões de Dirceu, todos se fixaram simultaneamente na idéia da vitória. Logo de saída o time adversário marcou ponto. Só que então, ao invés da dúvida, apegaram-se ao desejo de vencer e não desanimaram. Pensavam que o outro time não era infalível e passaram a aproveitar melhor as falhas que cometia. Logo um ponto foi marcado pelo time da casa. E outro, depois outro, mais um e mais outro. O placar foi registrando pontos e mais pontos. A recuperação era incrível. O time crescia dentro da quadra, acreditando que podia vencer, e começou a virar

a partida, para espanto do time favorito. O time da casa venceu o terceiro *set*, jogando como se aquele fosse o primeiro.

Ao saírem para o intervalo, Dirceu reforçou que a estratégia estava dando certo e que podiam confiar inteiramente neles, pois eram bons de verdade, sabiam jogar.

Retornaram à quadra sob o barulho ensurdecedor da torcida, que parecia haver crescido em número, tal o incentivo que dava à equipe.

Dessa vez foi mais difícil, pois o time adversário estava mais atento. Porém, para piorar ainda mais a situação deles,

Serginho, que jogava na rede, parecia ter asas nos pés; saltava e cortava com tanta precisão e rapidez que o outro time ficava perdido. Marcou, quase a um só tempo, mais de seis pontos e o time da casa venceu o quarto *set*, com tranqüila vantagem.

Ao saírem, Dirceu recebeu-os mais sério. Era a hora da decisão, do tudo ou nada. A torcida, nervosa, estava em pé. Ele pediu a todos que dessem as mãos. Todos obedeceram. Disse, então:

— Sintam como vocês são fortes juntos, unidos. Joguem assim, com o mesmo sentimento, e vencerão.

Ao soar da campainha para o quinto *set*, o time da casa não podia se conter, tamanho o entusiasmo e tão grande a força que sentia. Os atletas voltaram à quadra e ganharam sem deixar que o outro time, antes favorito, fizesse mais do que oito pontos.

Aquele era o primeiro campeonato interescolar que o colégio de Serginho vencia e a alegria dos professores e especialmente do diretor, além dos pais e dos próprios jovens, era contagiante.

No final, subiram ao pódio para receber as medalhas e saíram dali naquela tarde como verdadeiros vitoriosos, pois haviam dominado não apenas o time adversário, como a si próprios, tornando-se claramente mais fortes.

Serginho foi carregado pelos colegas como herói, por ter jogado brilhantemente, e da arquibancada, sem perder nenhum detalhe, os pais vibravam ainda mais e não cabiam em si de tão orgulhosos.

Olhavam ao redor como a dizer: é meu filho! Fábio saiu correndo e juntou-se à farra dos amigos do irmão; queria participar. Foi uma tarde alegre e animada! Paula não poupava elogios ao namorado, que deixou a quadra plenamente satisfeito: havia conquistado definitivamente o coração da namorada, sentia que podia alcançar muitas outras vitórias, sua vida era perfeita!

Capítulo 9

Ocultando a teimosia

As comemorações prosseguiram no domingo e ao longo da semana. Seu Felipe queria falar com Serginho sobre a questão da moto, mas evitou o assunto, pois queria que o filho curtisse aquele momento de alegria e vitória. Todavia, a preocupação o incomodava. Como uma pulga atrás da orelha a coçar-lhe as idéias, ele pressentia que o filho tivesse feito alguma bobagem. Igualmente dona Eugênia sentia que o filho fizera ou estava prestes a fazer uma grande besteira. Os dois conversaram algumas vezes sobre o assunto. Em uma dessas vezes, tomando o café da manhã, dona Eugênia disse:

— Estou preocupada, Felipe. Serginho não tocou mais no assunto da moto. Anda muito feliz para ter desistido. Sei que ele fez ou está planejando fazer alguma coisa...

— Sinto o mesmo, Eugênia. Vou falar com ele. Só não fiz isso antes porque queria deixar a alegria da comemoração prevalecer...

— Eu sei, Felipe. Foi por isso que também não toquei no assunto. Mas fica martelando em minha mente...

— Na minha também... Já está na hora. Vou ter uma conversa séria com nosso filho hoje, sem falta! Agora vou indo, à noite falo com ele.

Naquela noite, seu Felipe chegou mais cedo do que era seu costume. Queria garantir que se encontraria com o filho. Serginho se preparava para sair, depois do jantar, quando o pai lhe disse:

— Vai ensaiar novamente, Serginho?

— Vou, pai. A banda está ficando sensacional! Vocês nem imaginam! O *show* de estréia será um grande sucesso, tenho certeza!

— Aposto que sim, meu filho. Do jeito que vocês andam ensaiando sem trégua, sei que vai ser ótimo. Só que hoje, antes que você saia, precisamos ter uma conversa, nós dois.

Serginho, que vinha tentando fugir do assunto e de qualquer oportunidade que os pais tivessem de descobrir que comprara a moto, fez menção de sair. O pai segurou-o pelo braço:

— E sério, Sérgio. Hoje, vamos conversar. Vamos até seu quarto.

— Pai... É que...

— Não tem escapatória, Sérgio. Para o seu quarto, precisamos conversar.

O jovem olhou a mãe, tentando descobrir qual era o assunto. Quando percebeu que dona Eugênia não o olhava nos olhos, teve certeza de que a moto seria o tema. Levantou-se lentamente, com ar aborrecido e entediado, e dirigiu-se ao quarto, onde o pai já o aguardava:

— Feche a porta, Sérgio. Vamos conversar.

— Pô, que sério, hein, pai!

— É muito sério e vou direto ao assunto. Duas semanas atrás tivemos uma conversa sobre uma tal moto, está lembrado?

— Tô.

— Disse que queria comprar e deixei bem claro que não vou admitir que faça isso. Quero apenas ter certeza de que você entendeu bem o que quis dizer.

— Entendi.

— E...

— E o quê, pai?

— Serginho, eu conheço você muito bem. Se não tocou mais no assunto, é porque está aprontando alguma coisa.

— Não é nada disso, pai...

— Você não nos engana, nem a mim nem a sua mãe, que está preocupadíssima.

— Vocês se preocupam muito, à toa! Moto não é assim tão perigosa...

— Eu não vou mais discutir a questão da moto, Sérgio. É muito perigoso, e não sou eu que digo, são as estatísticas dos hospitais e delegacias de polícia. Quem quiser, é só procurar e encontra. Então não vou mais falar sobre isso. O que quero saber é se você entendeu meu ponto de vista, se está tudo claro para você e se sabe as conseqüências, caso insista em teimar conosco.

Serginho emburrou. Aquela conversa o irritou profundamente. Por que o pai tinha de voltar ao assunto? Seu Felipe insistiu:

— E então?

— Olha, pai, se achar que devo comprar a moto, eu compro e pronto! Daqui a vinte dias completo dezoito anos e já poderei tomar minhas próprias decisões.

— Não quero saber se você tem dezoito, vinte ou trinta anos, Sérgio. Enquanto estiver aqui, sob minha responsabilidade, precisa respeitar as regras, e esta é clara: sem moto.

Serginho ficou em silêncio. E como seu Felipe sentia que o filho permanecia inflexível, finalizou a conversa com a decisão:

— Muito bem, você quer continuar insistindo nessa história, não é? Então terei de tomar minhas providências. A partir deste mês, nada de mesada para você. Está suspensa.

O pai saiu do quarto antes que Serginho dissesse qualquer coisa. Fechou a porta e dirigiu-se à sala. Ouviu quando Serginho berrou no quarto:

— Não é justo! Não é justo!

Dona Eugênia estava na sala e perguntou com a cabeça o que havia acontecido. Ele contou, mas ela não ficou satisfeita:

— Isso não me deixa mais tranqüila, não, Felipe. Acho que ele está preparando uma daquelas...

— Eu sei, Eugênia, vamos fazer tudo o que pudermos, tudo o que estiver ao nosso alcance.

Serginho deixou o quarto batendo a porta com força. Não olhou os pais quando passou pela sala e ao sair bateu também a porta de entrada da casa. Estava furioso e desceu as escadas pensando: "Ainda bem que tomei minha decisão! Agora preciso achar um jeito de arranjar dinheiro para o combustível!".

Foi à casa de Suzana, onde guardava a moto, e saiu irritado. Acelerando com tudo, dirigiu-se para o ensaio na casa do Renato.

Dona Eugênia continuou preocupada e pensativa. Buscava, mentalmente, uma forma de influenciar o filho, sem, no entanto, encontrar nenhuma saída. Sueli juntou-se à mãe e logo percebeu que estava aflita:

— Mãe, tá preocupada com o Serginho?

— É, Sueli, seu irmão não tem jeito.

— Será que ele vai comprar a moto, mãe? Será que vai?

— Acho que sim, filha, se é que já não comprou...

— Será, mãe? Por que acha isso?

— Um palpite, pelo jeito que ele evita tocar no assunto... Acho que já comprou, sim...

— E o que vamos fazer, mãe? Fico com medo por ele...

— Eu também, Sueli. Vamos continuar pedindo a Deus por seu irmão. Que nosso Pai cuide dele e o proteja. E o que podemos fazer. E se você descobrir alguma coisa, me conta, não é?

— Claro, mãe! Com certeza!

Era o dia do Evangelho no Lar e dona Eugênia pediu a seu Felipe que participasse. Sem discutir muito, ele aceitou, e pela primeira vez os quatro juntos tiveram uma noite de orações e estudos dos ensinamentos de Jesus.

Quando voltou para casa, Serginho já tinha uma idéia de onde conseguir o dinheiro.

Entrou bem devagar e percebeu que todos já estavam deitados. Foi até o quarto do irmão e viu a luz acesa. Entrou. Fábio, escondido dos pais, jogava *videeo gwme*. Dona Eugênia já tinha dito várias vezes que não era para fazer aquilo, e ele teimava. Serginho sabia que a mãe proibira, que tudo deveria ter sua hora certa. Fábio tinha o horário em que podia jogar, e não era aquele. Já passava da meia-noite e se a mãe soubesse que ele a desobedecia, tiraria a televisão do seu quarto. Por isso o menino assustou-se quando o irmão entrou no quarto; tentou desligar tudo, mas não deu tempo.

— Bonito, hein, Fábio, jogando *videogame* a esta hora?

— Você não vai contar pra mãe, né, Serginho?

— Não sei, não... Estou aqui pensando...

— Não conta, por favor... Ela vai tirar a TV do meu quarto...

— Eu sei. Ela já disse isso... E estou ainda pensando o que fazer...

— Não conta, Serginho, por favor... Faça qualquer coisa, faço o que você quiser; ela vai me deixar de castigo...

— E tirar a *TV do* seu quarto, e proibir você de sair por umas duas ou três semanas, e...

— Vai contar pra ela?

— Isso depende de você.

— Como de mim!¹

— Estou precisando de uma grana extra, só até meu aniversário... Preciso da sua mesada...

— De jeito nenhum! Minha mesada, não! Você tem a sua...

— Tudo bem - disse Serginho, fazendo menção de sair do quarto -, fica aí com sua mesada, sem poder sair de casa...

— Tá bom, que chantagista você é! Só porque sou o mais novo!

— Depois do meu aniversário eu te devolvo.

— Devolve mesmo?

— Devolvo.

— Então tá bom. O pai vai me dar amanhã à noite, aí te entrego.

— Fechado! É bom fazer negócio com você!

— Você me obrigou!

— Não, foi você que aceitou.

Serginho despediu-se do irmão e saiu satisfeito do quarto. Conseguira seu intento. Não precisaria parar a moto por falta de gasolina.

Capítulo 10

Advertência

À medida que o grande dia da estréia se aproximava, os ensaios tornavam-se mais longos, fazendo com que os quatro amigos dedicassem mais e mais horas a se preparar; queriam muito que tudo fosse perfeito!

Serginho andava feliz com sua moto pra baixo e pra cima; tomava, entretanto, cuidados para que ninguém da família descobrisse. Escolhia caminhos alternativos e parava a moto longe da escola, para que a irmã não o visse.

Em casa, à conversa entre seu Felipe e o filho seguiu-se silêncio sobre o assunto. Dona Eugênia e o marido desconfiavam, intuíaam que o rapaz já houvesse comprado a moto. Os pais sempre sentem; por mais que os filhos pensem esconder o que fazem, eles percebem. E o sexto sentido, resultado do amor e da responsabilidade que têm para com os jovens. Às vezes, para Serginho e para seus amigos, parecia chatice e implicância, especialmente quando os pais insistiam em determinado assunto que os jovens queriam a todo custo esconder. Sempre há os pequenos segredos, e os grandes também, e nunca se sabe quais são os mais perigosos. Mas os pais sabem, e de um momento para outro aquilo que parecia tão bem guardado aparece de maneira descontrolada.

Dona Eugênia sofria com aquele silêncio e orava muito pelo filho, compartilhando seus temores e receios com o marido e algumas vezes com Sueli, que, sempre junto da mãe, percebia-lhe a angústia. No entanto, ela sabia que ficar insistindo com o filho seria pior. Precisava descobrir o que estava acontecendo e permanecia atenta a todos os seus movimentos.

Ainda que notasse a preocupação dos pais, Serginho procurava não pensar naquele mal-estar que o acometia ao entrar em casa. Sempre que se sentava à mesa com a família, escondendo de todos o que estava fazendo, sentia-se estranho, incomodado. Mas tão logo descia as escadas de casa, dobrava a esquina e subia na moto, o mal-estar desaparecia. Ao dirigir, crescia sua sensação de liberdade e a sede de aventuras aumentava.

A namorada - ignorando os perigos - o instigava mais a agir com imprudência. Paula era uma jovem de olhos cor de mel, bonita e atraente. Seu rosto era contornado por cabelos castanho-escuros que contrastavam com a pele clara e sedosa. Porém tinha o olhar triste, o qual escondia com atitudes audaciosas e irreverentes. Em sua família, em seus pais, não encontrava o carinho e a compreensão de que necessitava. Diversos problemas de relacionamento se intrometiam naquela família complicada. Paula era filha única e herdeira de uma pequena fortuna, que os pais já haviam herdado e encorpado. Mesmo assim, aquilo tudo não a satisfazia. Queria sempre mais, para preencher alguma coisa dentro dela que desconhecia.

Paula parecia não ter medo de nada e agia como se desafiasse a vida. Delirava quando Serginho dirigia em alta velocidade ou quando fazia manobras perigosas com a moto. Começaram a viajar de improviso após o ensaio, para algum lugar mais ou menos distante, e retornavam quase ao amanhecer.

Serginho se deixava envolver pela deliciosa sensação que lhe vinha de fazer aquelas maluquices e ia aprimorando o controle sobre a máquina, que obedecia cada vez melhor a seus comandos.

Certa noite, Paula sugeriu que ele desse potência máxima na moto, para ver até onde agüentava, e da garupa gritava:

— Vai mais rápido, cara! Mais rápido!

Ele acelerava e a garota berrava, entusiasmada:

— Urraaaaa! Que máximo! Mais depressa! Vamos ver até onde chega, Serginho! Vamos ver até onde esse motorzinho agüenta! Você tem coragem?

Sem dizer nada, Serginho acelerou mais. Percebendo que o motor respondia, aumentou a velocidade. E ainda mais e mais um pouco. Estava determinado a conseguir o máximo, e não diminuía nem nas curvas, que eram de fato seu maior desafio. Para a direita, depois para a esquerda, outra vez para a esquerda. Serginho conhecia bem o caminho, e antes de chegar à curva se preparava mentalmente para o movimento que tinha de fazer. Paula vibrava na garupa, agarrada ao namorado.

Num momento em que a velocidade estava altíssima, ela soltou as mãos e abriu os braços, para sentir melhor o vento. A sensação de liberdade era maravilhosa! Serginho desconcentrou-se ligeiramente, preocupado com a namorada, e quando entrou na curva seguinte... Que derrapada!

Ele perdeu o controle da moto, que entrou mal na curva e tombou, derrubou cada um de um lado e continuou se arrastando pela rua, até parar alguns metros à frente. Foi um tombaço daqueles! Tudo aconteceu tão rápido que o rapaz não conseguiu fazer nada e em um breve segundo estavam os dois no chão.

Assim que conseguiu se refazer um pouco do susto, ele se levantou, branco como papel alcalino, e correu até a namorada. Paula estava meio zonzona e totalmente trêmula. Serginho tirou-a da rua e sentou-a na calçada.

Em poucos segundos, outros motoqueiros pararam e um carro que seguia mais atrás também. Sem demora os dois estavam cercados de pessoas. Serginho lembrou-se, então, de que não tinha documentos

e procurou se livrar depressa de todo mundo, garantindo que estavam bem, embora Paula ainda se mostrasse atordoada.

Por sorte, a moto estava inteira, tinha sofrido somente alguns arranhões. Ao se ver livre, o rapaz subiu na moto com Paula e sumiu. No caminho, falava todo o tempo com ela, perguntando se estava mesmo bem. Ao deixá-la em casa, naquela noite, retornou pensativo e assustado.

Entrou cabisbaixo - a cor ainda não lhe voltara completamente ao rosto. Ao passar pela sala, deu de cara com a mãe, a irmã e o irmão. Estavam prontos para começar a leitura semanal do Evangelho que realizavam juntos.

Serginho, que percebeu no olhar da mãe a indagação sobre o que acontecera, sentou-se no sofá. Resolveu participar com eles e, desse modo, calar na mãe qualquer pergunta. De mais a mais, naquele momento sentia uma vontade enorme de colo.

Durante a oração da mãe, foi envolvido por um sentimento estranho e teve vontade de chorar. Enquanto a mãe lia um pequeno trecho do Evangelho, ele pensava e pensava no que acabara de ocorrer. Aos poucos se acalmava e dava-se conta do perigo pelo qual passara.

Pensou na vida, na família e em tudo de bom que possuía. Refletiu que devia cuidar mais de si próprio, pois tinha ainda muito a realizar, sua vida estava apenas começando. Olhou para a mãe e os irmãos com carinho e percebeu, naquele momento, quanto gostava deles. Ficou mais triste por estar mentindo para eles, enganando-os daquela forma.

Ao se deitar, naquela noite, sentiu que tinha alguma coisa a fazer com sua vida, que era mais do que aquilo que podia enxergar. Incomodado com o fato de estar escondendo da família a história da moto, e preocupado com o tombo que levava, decidiu que na manhã seguinte iria contar tudo à mãe; ela teria de compreender e ele prometeria, de todo o coração, ser mais cuidadoso, mais atento ao dirigir.

Prometendo a si próprio os cuidados que teria dali por diante, Serginho adormeceu.

Na manhã seguinte, mal dona Eugênia se levantara, o telefone tocou. Era uma ligação da Paula para o namorado. Ela bateu na porta do quarto do filho e avisou:

— Serginho, telefone.

Nenhuma resposta. Serginho ainda dormia. Batendo outra vez, a mãe falou um pouco mais alto:

— Serginho, é a Paula.

O jovem abriu a porta meio sonado e pegou o telefone das mãos da mãe.

— E aí, Paula, tudo bem?

— Não, Serginho, não estou nada bem. Não preguei os olhos a noite toda com dores no peito. Parece que tem alguma coisa quebrada aqui dentro.

Ainda atordoado, o rapaz tentava compreender bem o que Paula lhe dizia:

— O que poderia ser?

— Não sei, Serginho; estou pensando que pode ser do tombo de ontem. Não quero contar nada a minha mãe para não assustá-la. O que você acha que devemos fazer?

— Estou indo pra aí agora mesmo. Arrume-se, vamos ao hospital. Precisa ver o médico. Já devíamos ter ido ontem!

— É que ontem eu me sentia bem... E você, como está?

— Bem, Paula. Fiquei assustado, mas estou legal agora. Te pego em uma hora.

— Tá bom. Fico pronta.

Serginho desligou o telefone preocupado. Teria acontecido algum dano a Paula, no acidente? Lembrou-se de que às vezes, logo após um susto grande, o organismo camufla lesões, de tanta adrenalina que joga no sangue, para manter a pessoa alerta. E se fosse isso? E se Paula tivesse algum problema sério? Ele teria sido o causador de

tudo! Com o medo e a culpa rondando a mente, terminou de arrumar-se e saiu sem tomar o café. Tinha pressa de ver Paula.

Quando a mãe, ao vê-lo sair, questionou se tudo estava bem, respondeu disfarçando a ansiedade:

— Lógico, mãe, tá tudo bem. É que temos algumas coisas importantes pra conversar, sobre o *show*, e Paula pediu que fosse mais cedo para o colégio, pra trocarmos umas idéias antes da aula. Vai dando um nervosinho em todo mundo, você sabe, né?

— E, filho, imagino! O momento que vocês tanto esperavam está chegando!

— Nem fala, mãe. É daqui a três dias! Todo mundo tá ficando ansioso!

— Vai dar tudo certo, filho.

Sem dizer nada, Serginho sorriu. Dona Eugênia era uma mãe muito amorosa. Mais uma vez, envergonhado por esconder dela os últimos acontecimentos, saiu depressa.

Sem perda de tempo, Serginho levou Paula ao médico e contaram todos os detalhes do acidente. Após examiná-la minuciosamente sem nada encontrar, ele solicitou uma série de exames; poderia ainda haver algum tipo de lesão interna que só seria detectada através de uma tomografia completa do tórax.

— Façam o exame, peguem o resultado e retornem o mais breve possível. Se houver algum problema interno, saberemos após o resultado.

Assustados, os dois deixaram o consultório médico e foram imediatamente fazer os exames. Quase não conversavam, angustiados e com medo do que poderia estar ocorrendo com Paula. Ao saírem, o enfermeiro lhes assegurou que no dia seguinte os resultados estariam prontos.

Do hospital, Serginho e Paula dirigiram-se à casa dela e passaram a tarde juntos. Eles concordaram em não contar nada a ninguém até receberem os resultados. Entretanto, no dia seguinte Paula se sentia

muito melhor, a dor quase desaparecera. Embora o namorado pedisse cautela, já estava bem disposta e queria ensaiar.

— Vá com calma, Paula. Não force.

— Não tô forçando, Serginho. Tô bem melhor. Quase não sinto dor; só uma pontadinha.

— Espera até amanhã, Paula. Os resultados saem mais tarde e aí teremos certeza de que tudo está bem.

— E os ensaios, Serginho? Ontem quase não consegui cantar e a apresentação já é depois de amanhã! Não vai dar tempo, não!

— Tá bom, Paula, mas pega leve, sem forçar!

— Pode deixar. E como estão os preparativos para a festa? Tá tudo pronto?

— Quase. Minha mãe tá cuidando de tudo. Ela contratou uma moça que organiza festas e tá ajudando, tá ficando legal. Escolhi os detalhes da decoração, lembra que conversamos semana passada?

— É, e ficou legal?

— Acho que sim, pois não vi tudo finalizado. Minha mãe disse que ficou legal.

— E o salão? Precisamos ir lá amanhã pra levar todos os equipamentos e fazer um ensaio geral, verificar a acústica, essas coisas.

— Tá tudo acertado também. Amanhã, depois do almoço, já podemos começar a levar os equipamentos pra lá. E podemos ensaiar até a hora em que quisermos!

— Maravilha! Vai ser maravilhoso, Serginho, tenho certeza!

— Claro que vai! Quem tem dúvida?

Mais uma vez os ensaios acabaram tarde da noite. A banda estava afinadinha e tocando muito bem. A dedicação e os esforços do grupo vinham dando frutos e o *show* de estréia prometia ser um sucesso.

Paula estava cada vez melhor como vocalista e Serginho, que já era apaixonado pela namorada, tinha ficado fascinado com o talento dela para a música.

Rapidamente o dia tão esperado se aproximava.

Capítulo 11

Outro aviso

A família se preparava entusiasmada para aquela festa: Serginho ia completar dezoito anos.

Enquanto providenciava o café naquela manhã de sexta-feira, dona Eugênia pensava se todos os detalhes da festa estavam em ordem. Repassava mentalmente tudo o que precisava finalizar para que no sábado a comemoração fosse muito especial, inesquecível. Acima de tudo, desejava ver o filho feliz e realizado. Sabia que para ele a apresentação da banda seria o ponto alto da festa; mesmo assim, queria que tudo o mais saísse perfeito.

Entre um item e outro da lista mental que seguia, pensava no filho. Lembrava-se dele desde pequeno: seus primeiros passos, suas primeiras palavras, seu primeiro dia na escola, as primeiras dificuldades com os colegas, a primeira namorada. Seu filho estava tornando-se um homem e ela sentia uma pontinha de receio por ele. Sabia que a vida era como uma jornada desafiadora, e pensava se estaria fazendo sua parte, como mãe, no sentido de preparar o filho para enfrentá-la com sabedoria. Achava-se responsável, às vezes, pela teimosia de Serginho. Recordou de súbito a questão da moto, que continuava a incomodá-la, e imediatamente um estranho calafrio percorreu-lhe o corpo. Eugênia, aflita com o pressentimento, interrompeu o que estava fazendo e foi até o quarto para orar. Desejava que aquela ansiedade desconfortável desaparecesse.

Após alguns instantes de prece silenciosa, retornou à cozinha. Serginho já estava tomando o café da manhã.

— Bom dia, mãe.

— Bom dia, filho. Tudo bem? Você não está atrasado?

— Tá tudo certo, dona Eugênia. Hoje não vou ao colégio; vamos levar os equipamentos de som e todo o material para o salão. Vamos ensaiar a tarde toda. Afinal, é amanhã o grande dia!

— É, meu filho, é amanhã, seu aniversário. Será mesmo um dia muito especial...

Notando um tom de melancolia na voz da mãe, Serginho perguntou:

— O que foi, mãe? Parece triste...

— Triste, não, estou preocupada.

— Com o quê? - insistiu ele, enquanto comia o pão e engolia o leite.

— Com você, Serginho, apesar de não saber ao certo o porquê.

Cuide-se, meu filho, cuide-se!

— O, mãe, que coisa! Por que essa preocupação agora?

— Não sei... Estava aqui pensando em você, desde pequeno, em como está se transformando em um homem e, de repente, lembrei toda aquela história da moto e fiquei triste.

Serginho gelou. Será que a mãe tinha descoberto?

— Mas o que te perturba?

— Não sei. Quero que você seja feliz, meu filho, é só isso.

Abraçando a mãe com muito carinho, ele disse:

— Tá com medo que o filhão aqui cresça, né, mãe? Já tá com saudade de quando eu era pequeno? De quando podia controlar minha vida?

— Talvez seja isso mesmo, filho. E difícil pra mim acreditar que você já tem dezoito anos. Ainda ontem era uma criança, correndo pela casa. E agora... Está quase um homem feito.

Lágrimas brotaram nos olhos de dona Eugênia, impedindo-a de continuar. Serginho abraçou-a novamente.

— O mãe, eu te amo, viu? Vou sempre ser seu menino, só que um pouco mais crescido.

Dona Eugênia não respondeu. Apenas abraçou Serginho e beijou-o com ternura na face.

Ao terminar seu café da manhã, ele se despediu da mãe e de Sueli, que acabava de levantar-se. Abraçando a mãe bem apertado, disse:

— Te vejo mais tarde, mãe. Você vai para o salão hoje à tarde?

— Talvez não seja necessário. A Amelinha está organizando a festa e acho que tudo caminha bem. Vou é ligar para alguns amigos e confirmar a presença deles; inclusive de sua tia, que deverá vir para seu aniversário.

— Legal, mãe. Então nos vemos à noite. Tchau, Sueli. Beijou a irmã no rosto, saiu apressado e desceu as escadas

correndo. Depois de pegar a moto, foi direto à casa do Renato. Os amigos estavam todos lá, entusiasmados, tentando disfarçar a ansiedade. Já embalavam os equipamentos quando Serginho chegou. Juntando-se aos outros, finalizaram rápido a organização e duas horas mais tarde estavam desembalando tudo no salão, onde fariam a tão sonhada estréia.

Paula encontrou lá os amigos, e Serginho sentiu-se mais aliviado ao vê-la:

- Estava preocupado com você. Tudo bem? Não ia encontrar a gente na casa do Renato? Pensei que estivesse passando mal.

— E estava.

— A dor de novo?

— Não. Nervoso. Não consegui comer nada e pus par fora tudo o que tinha no estômago.

— Mas por quê? O que você tem?

— Nervoso, já falei. Toda vez que fico tensa deste jeito, me dá um nó no estômago que não consigo controlar. Já estou tomando um calmante natural, pra tentar relaxar.

Serginho respirou aliviado. Após o almoço, os dois deixaram o grupo e foram buscar os resultados dos exames. Embora Paula não

sentisse mais nada, queriam ter certeza de que estava realmente bem.

Logo que pegaram os exames, foram ao médico que os havia pedido. Que alívio! Estava tudo bem! Nenhum problema apareceu. Assim mesmo, ele examinou Paula detidamente, concluindo:

— Deve ter sido o susto, muito nervosismo. Você é bem tensa, não é?

— Se sou, você nem imagina!

— Imagino, sim. Deve ter sido a tensão que ocasionou a dor. Mas está tudo certo. Agora, cuidem-se. Moto é um perigo!

Deixaram o consultório ignorando por completo as últimas palavras do médico. Aquela sombra de inquietação havia desaparecido por completo e podiam, finalmente, curtir como nunca aquele dia especial!

Faltavam apenas algumas horas para o grande evento. Paula e Serginho, depois de deixar o consultório médico, saíram felizes.

— Isso requer uma comemoração, Serginho.

— Tudo bem, depois do ensaio, Paula.

— Não, já! Precisamos comemorar, e eu acho que beber um pouquinho vai me fazer bem.

— Mas o pessoal está esperando.

— Liga lá e fala que estamos indo. É só um pouquinho, vai, Serginho...

Alegre pelos resultados dos exames, Serginho resolveu atender a namorada, que ele nunca conseguia contrariar. E, afinal, que mal haveria em uma ou duas cervejas?

No caminho, pararam em um barzinho que costumavam frequentar.

— Vamos começar com uma cerveja bem gelada! pediu Paula nem bem se acomodou na cadeira.

Começaram, então, a beber. A princípio Serginho queria apenas uma cerveja, consciente de que iria dirigir. Devagar, porém, sem perceber, foram se deixando dominar pela euforia, pela satisfação

de constatar que a saúde de Paula estava em ordem. O sentimento de que alcançariam o que quer que desejassem também era intenso. Tinham a sensação de poder tudo! De que o mundo lhes sorria e lhes pertencia. Serginho, que se sentara um pouco tenso, foi relaxando a partir da segunda cerveja e achando que tinha tudo sob controle, conforme ele queria.

Descontraíram-se mais e mais e uma nova rodada de cerveja foi pedida. Sentiam-se mais do que satisfeitos, e foram bebendo, ignorando o tempo que passava e o perigo em que se envolviam. Beberam sem perceber a que ponto estavam sob o efeito do álcool.

Capítulo 12

Celebração inconseqüente

Duas horas e algumas cervejas mais tarde, o celular do Serginho tocou:

— Cadê vocês, Serginho? Tamos esperando aqui há mais de duas horas! O que aconteceu? Vocês estão bem?

Era Renato, preocupado e irritado com os amigos. Serginho tentou explicar que haviam dado uma paradinha para comemorar, e foi aí que Renato se irritou ainda mais:

— Legal, né? Vocês bebendo, enquanto a gente fica aqui no maior calor esperando! Podiam ao menos ter trazido umas geladinas pra gente, seus egoístas!

— Ah... É isso que tá pegando, né? Não seja por isso, Renato, vamos pra aí agora mesmo e levamos umas cervejas bem geladas!

— Mas vê se não demoram! Tá todo mundo ficando cansado de esperar! E a hora tá passando, precisamos ensaiar!

Serginho e Paula saíram imediatamente, assustados com o tempo que corraera sem perceberem. O pior foi que não notaram nem se importaram com o quanto Serginho havia bebido. Aliás, nem pensaram no assunto; simplesmente pagaram a conta, levantaram-se, subiram na moto e saíram.

Continuaram eufóricos, sob o forte efeito do álcool. Em plena avenida, Paula, insistente, incitava Serginho a correr mais para que chegassem depressa. O que ela queria, na verdade, era viver intensamente suas emoções.

Sem pensar nas conseqüências de seus atos, com a mente e o raciocínio entorpecidos, ele acelerou e acelerou... Serginho não atentava para o fato de que sua percepção estava sensivelmente reduzida pela ação do álcool sobre o organismo; uma sensação agradável e relaxante não lhe permitia observar o que se passava à sua volta com a mesma precisão de quando não bebia. E ele aumentava a velocidade da moto sem se dar conta de que o chão estava molhado, com o leve sereno que caía...

Ainda em alta velocidade, não percebeu quando o sinal fechou. Só teve tempo de ver o ônibus que vinha logo adiante parar de repente. Assustado, freou de uma vez, mas com o chão molhado a moto não pôde parar e bateu com muita força na traseira do ônibus.

De dentro do coletivo o pessoal ouviu o barulho seco do choque da moto com a lataria; e começou uma gritaria, todos falavam a um só tempo:

— O que foi isso, meu Deus?

— Batemos em alguma coisa!

— Será que atropelou alguém? Enquanto o povo tentava entender o que se passava, o

motorista, que vira a batida pelo espelho retrovisor, sem dizer nada, de um salto, deixou seu lugar e desceu rapidamente as escadas da porta dianteira. Antes que alguém o visse, já estava gritando, assustado, atrás do ônibus.

Instantes depois todos haviam descido e um rapaz ligava para a polícia, pedindo socorro:

— São dois jovens, e acho que... Não sei, não... É melhor virem depressa. A coisa foi feia... Muito feia, meu Deus!

Paula foi lançada para o meio da rua e deslizou alguns metros sobre o asfalto. Serginho ficou preso nas ferragens da moto, prensado no ônibus.

A garoa que caía transformou-se em chuva fina. Instantaneamente se fez um aglomerado de pessoas ao redor de Paula e de Serginho, que permaneciam desacordados. Havia tanta gente curiosa querendo chegar perto dos dois que o resgate do corpo de bombeiros teve dificuldade em se aproximar. Assim que o conseguiram, os bombeiros acionaram o hospital informando que o caso era gravíssimo. A primeira a ser atendida foi Paula. Estava de bruços quando chegaram, e ao virá-la compreenderam a seriedade do acidente. O capacete que ela usava se havia rachado em dois, tamanha a força do impacto. Imobilizaram-na e colocaram-na no carro de resgate. Foi imediatamente para o hospital, recebendo os primeiros socorros.

Veio um segundo carro de resgate. Os bombeiros trabalhavam contra o relógio, lutando para salvar a vida do jovem, ainda preso nos ferros da motocicleta. Serginho perdia muito sangue e tentavam estancar a hemorragia enquanto o soltavam.

— Alguém encontrou algum documento? Precisamos avisar a família! - lembrou o comandante dos bombeiros.

— Ele tem uma mochila. Acho que assim que conseguirmos soltá-la poderemos encontrar alguma informação.

Enquanto falavam, um telefone celular começou a tocar insistentemente. Como ninguém atendesse, o comandante se pôs a procurar o aparelho, que silenciou e em seguida voltou a tocar.

Um jovem bombeiro achou o celular jogado no meio-fio, a poucos metros do local do acidente, e ao atender ouviu:

— Pô, Serginho, já faz mais de uma hora que nos falamos e nada! Cadê vocês, cara? Que falta de respeito!

— Com quem você quer falar?

— Quem está falando? Serginho?

— Com quem você está tentando falar?

— Com o Serginho, mas acho que erreí o número.

— Pode ser que não. O que o Serginho é seu?

— É meu amigo, por quê?

— Ele tem uma moto?

— Tem.

— Bem... Pode ser que este seja mesmo o celular do seu amigo. Houve um silêncio do outro lado da linha. Ao ouvir iburburinho e o som de sirenes, Renato gelou. O bombeiro continuou:

— Houve um acidente com dois jovens cujos nomes ainda não sabemos; um homem e uma mulher. Ainda não foram identificados.

— Será que foi o Serginho?

— Não sei dizer. Só sei que este celular estava perto do local do acidente, tocando sem parar.

— Meu Deus! Posso falar com o rapaz?

— O acidente foi grave, estão ambos desacordados.

— Onde foi? Estamos indo pra aí!

— Não creio que seja uma boa idéia. Estamos levando os dois para o HC, digo, o Hospital das Clínicas, para o atendimento de emergência. Acho bom se vocês forem para lá. Estamos procurando documentos para identificação e para localizar a família. Espere um momento, meu superior imediato está me fazendo sinal. Afastou o fone da boca por um instante, e o superior confirmou:

— O rapaz é Sérgio Melo e Silva. Ainda não conseguimos identificar a garota, ela não tem bolsa por perto.

O bombeiro voltou ao celular e não precisou nem confirmar:

— É o Serginho mesmo! É meu amigo! Meu Deus do céu! É muito sério?

— Não dá pra saber o estado dele ainda, porém foi bem grave. Tanto ele como a garota sofreram ferimentos sérios, mas estão vivos...

Do outro lado da linha, os jovens entraram em desespero.

— Olha, estamos removendo o rapaz agora. Localizamos o telefone da família e vamos entrar em contato. Preciso desligar.

Renato desligou o telefone, atônito. Não acreditava no que ouvira. Marcelo pedia maiores informações, quando dona Eugênia entrou no salão. Ela acabara vindo dar os últimos retoques na decoração, pois queria pessoalmente ter certeza de que tudo estava em perfeita ordem.

Embora tudo corresse bem, ela passara a tarde toda angustiada, com um aperto inexplicável no peito. Chegou com Amelinha, que a auxiliava na organização da festa. Sueli também vinha com elas.

— Oi, meninos, tudo bem? O que foi? Vocês estão brancos! Cadê o Serginho?

— Dona Eugênia...

— O que foi, Renato? Cadê o Serginho?

— É que... - Marcelo tentou balbuciar algumas palavras, sem conseguir.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? O que foi?

— Dona Eugênia... O Serginho...

— O que houve? Cadê meu filho?

— Ele sofreu um acidente, dona Eugênia. Acabamos de falar com o bombeiro que o está socorrendo.

— Bombeiro? Meu Deus! O que foi? O que houve? Ele não devia estar aqui com vocês? Não vieram juntos?

— Não.

— Por quê? Onde ele estava? O que aconteceu?

— Ele estava de moto, dona Eugênia. Ele e a Paula estavam juntos.

— A Paula, de moto?

— Não, o Serginho estava de moto.

— De quem?!

— Dele. Ele comprou a moto há alguns dias.

— Ah, meu Deus! Meu Deus, eu sabia, eu sabia. Meu Deus do céu, meu filho! Onde ele está? Onde foi o acidente?

— Ele está sendo levado para o Hospital das Clínicas, junto com Paula.

Sueli chorava. Com o semblante lívido, Amelinha não conseguia falar. O celular de dona Eugênia tocou.

— Alô.

— Eugênia, é Felipe.

— Felipe, o Serginho...

— Eu sei, estou indo aí te pegar para irmos ao hospital.

— Felipe...

— Reze, Eugênia, reze.

Impossível descrever a dor de um coração de mãe. A angústia e o desespero que dona Eugênia sentia naquele momento eram inenarráveis.

Alguns minutos depois, dona Eugênia, seu Felipe, Sueli e Fábio estavam a caminho do hospital. Seguiam mudos. O coração de dona Eugênia batia descompassado e suas mãos estavam geladas; ninguém era capaz de dizer nada. Sentiam muito medo.

Os amigos também se dirigiram para lá. Embora não quisessem nem pensar, todos temiam o pior. Serginho e Paula tinham sido levados inconscientes, e o estado de ambos era muito grave.

Ao se aproximarem do hospital, dona Eugênia sentiu uma dor mais profunda no peito e uma certeza brotou: seu filho não resistiria. Junto com essa suposição insuportável, porém, uma outra força lhe surgia na alma. Olhou para Sueli e Fábio, sentados no banco de trás, e segurou forte nas mãos dos dois filhos.

O movimento no saguão do hospital era intenso. A família de Paula já havia chegado. A mãe dela, ao ver entrar dona Eugênia, iniciou um monte de acusações:

— A culpa é toda do seu filho. Onde já se viu? Ele é um irresponsável! Pobre de minha filhinha!

Dona Eugênia não disse palavra. Foram encaminhados à UTI, a famosa unidade de terapia intensiva, e lá colheram as primeiras informações:

— A situação dele é gravíssima. Está passando, neste exato momento, por uma cirurgia. Tentamos estancar vários focos de hemorragia, especialmente na área do tórax. Infelizmente não posso dizer nada. Tudo dependerá do organismo, da forma como irá reagir... Precisamos esperar o final da cirurgia. Se ele resistir, faremos outros exames.

— Quanto tempo dura a cirurgia? - perguntou seu Felipe quase sem voz.

— Não posso precisar. Depende do que irão encontrar. Dona Eugênia mal conseguia parar em pé. Suas pernas estavam bambas.

— E a Paula? A garota que estava com ele.

— Está pior ainda. Teve traumatismo craniano... Dona Eugênia, agora em lágrimas que escorriam pelo seu rosto, lamentava:

— Meu Deus! Que tragédia! Que coisa terrível! Por que, meu Deus, ele tinha de nos desobedecer?

— Ah, meu filho, era isso que temíamos, justamente isso! - balbuciou seu Felipe, igualmente aflito.

— A senhora é a mãe do rapaz? - perguntou o médico que os atendia.

— Sou.

- Vou providenciar um remedinho para acalmá-la.

Sem forças para responder, dona Eugênia olhou-o apenas. Sueli chorava e Fábio segurava com força as mãos da irmã, apavorado. Adorava o irmão e sentia que seu mundo se despedaçava, desconhecendo aquelas emoções de medo e dor, mas o aperto em seu peito era tão forte que parecia que iria arrebentar.

Os familiares e amigos ficaram longo tempo na sala de espera da cirurgia. Ao chegarem o relógio marcava quase oito da noite. Já se

havam passado cerca de cinco horas de torturada espera e angustiosas interrogações.

Perto das onze da noite uma enfermeira pediu que os pais de Serginho e Paula a acompanhassem. Somente os pais. Os quatro seguiram a jovem, que os levou até a ante-sala de cirurgia. Lá, dois médicos os aguardavam.

-Infelizmente as notícias não são boas. Sentem-se.

A cirurgia de Sérgio foi bem. Ele tinha mais de oito focos de hemorragia interna. Suturamos todos, porém ele perdeu muito sangue e, principalmente, teve alguns órgãos internos afetados. Tem edemas, inchaços internos que nos impedem de avaliar completamente a situação de cada um dos órgãos atingidos- Vamos ter de aguardar para ver se o organismo reage.

- Quais são as chances? - perguntou seu Felipe, hesitante.

- O quadro é muito grave, muito mesmo. Mas ele é jovem e percebe-se que tem boa saúde. Vamos ver se consegue reagir. Precisamos esperar.

- E quanto à minha filha, como está? - indagou, entre lágrimas, a mãe de Paula.

- O caso dela está mais complicado. Lamentavelmente, devemos dizer que as chances são pequenas.

A mãe de Paula começou a chorar, em desespero.

— Eu quero vê-la! Quero vê-la! Não pode ser! Não pode!

Tiveram de segurá-la e a enfermeira trouxe um comprimido, que ela tomou quase sem notar. Estava totalmente descontrolada.

Renato, Marcelo e Tiago permaneciam mudos, sentados ao lado dos familiares. Não podiam crer. Tudo parecia um sonho - não, um pesadelo de terror. Tais coisas só aconteciam nos filmes ou com outras pessoas. Eles não acreditavam estar realmente vivendo aquilo.

— Acho melhor vocês irem para casa agora, e retornarem amanhã. Eles serão transferidos para a UTI e poderão vê-los no horário de visitas.

— Não! Vou ficar aqui, perto dele! - disse dona Eugênia, desolada.

— Eugênia, não adianta. Vamos pra casa.

— Não, não vou sair daqui, Felipe, e não insista. Não há nada que eu possa fazer, eu sei, mas não existe outro lugar na Terra onde possa estar neste momento. Vou ficar.

— Vou ficar com a mamãe! - afirmou Sueli, agarrándose aos braços de dona Eugênia.

— Não, filha, você vai com seu pai.

— Quero ficar, mãe. Não vai ficar aqui sozinha.

— Eu preciso, Sueli.

— Seu Felipe, se quiser levo-os para a casa de algum parente... - interveio Renato, solícito.

— Acho melhor. Aqui está o endereço de meu irmão. Eles já sabem que talvez eu mande os meninos pra lá. Agradeço muito, Renato.

— O que é isso, seu Felipe? Se precisar de algo mais, estou à disposição. Quero ajudar no que for preciso!

— Obrigado, meu filho. Leve-os para mim. Eu agradeço muito.

Despediram-se de Sueli e de Fábio, que, apesar de contrariados, obedeceram. Quando sumiram no corredor, seu Felipe sentou-se lentamente ao lado da esposa, que chorava baixinho e orava sem parar pelo filho que tanto amava.

Lá fora o barulho dos carros continuava na agitada sexta-feira à noite. Jovens conversavam e riam, perto da janela onde estavam os pais de Serginho. E dona Eugênia chorava e orava sem parar.

De madrugada o médico veio informar que ambos seriam transferidos à UTI em alguns minutos. Quando a maca passou pelo corredor, transportando Serginho, dona Eugênia quase desmaiou. O filho tinha a cabeça toda enfaixada e estava repleto de canos saindo por todo o corpo.

Depois foi a vez de Paula, também inteiramente envolta em faixas.

Na UTI o horário de visitas era rigoroso. Portanto, dona Eugênia e seu Felipe resolveram ir até sua casa, para um breve descanso. Retornariam à hora permitida para visitas. Ao invés de ir direto, porém, seu Felipe dirigiu-se ao salão onde seria realizada a festa do filho.

— O que você veio fazer aqui, Felipe?

— Precisamos avisar que a festa está cancelada, Eugênia; não vamos poder ligar para todos os convidados, e sim somente para os familiares mais próximos. Acho melhor avisarmos aqui. Por favor, fique no carro. Volto já.

Seu Felipe unha a chave do salão. Entrou, acendeu algumas luzes e foi à procura do vigilante que passava a noite toda no local. Parou no meio do salão. Olhou toda a decoração ao seu redor. Viu os equipamentos da banda no palco e não suportou a dor. Sentou-se ali mesmo, no meio do salão, e soluçou sentidamente. Alguns minutos depois, dona Eugênia entrava no salão e, abraçando-se ao marido, choraram por longo tempo.

O segurança observava tudo e não ousava aproximar-se. Ele também era pai e sabia do acidente. Não conseguia chegar perto do casal... Só de pensar na dor daqueles pais, ele também chorou à distância.

Quando enfim se recompôs, seu Felipe pediu que o vigilante informasse a ocorrência aos convidados que acaso aparecessem, desse o telefone dele para contato e, obviamente, avisasse que não haveria festa.

Ao voltarem ao hospital para a visita, o saguão estava repleto de parentes e amigos que, sabendo do acontecido, quiseram oferecer sua solidariedade ao casal e informar-se melhor sobre a situação dos dois jovens.

A visita foi rápida, e apenas seu Felipe e dona Eugênia puderam entrar.

Ao aproximar-se da maca, dona Eugênia orava mais e mais pedindo forças a Deus. Segurou a mão de Serginho, o único pedacinho do

corpo que estava sem faixas. Apertou-a e conversou com ele, entre lágrimas que desciam incessantemente pelo seu rosto:

— Meu filho querido, tenha forças. Confie em Deus e pense em Jesus. Ele está sempre perto de você. Ele te ama, meu filho, nunca se esqueça disso!

Nenhuma reação visível. Ele parecia dormir profundamente. Mas Serginho, como se estivesse no fundo de um abismo, confuso e mal podendo identificar as palavras da mãe, escutava-as ainda que muito distantes. Sua mente estava perturbada. Não sentia direito seu corpo, e não sabia bem o que lhe acontecia. Era como se estivesse sonhando, sem poder acordar; como quando tinha pesadelos e se esforçava para despertar. Só que agora, por mais que tentasse, não conseguia acordar.

Após breve visita, iam descendo o corredor da UTI até a recepção quando ouviram assustados os gritos da mãe de Paula. Estava sendo retirada da UTI pelo marido, que também chorava, e por alguns enfermeiros. Gritava desesperada e angustiada. Dona Eugênia e seu Felipe entreolharam-se. O coração acelerou ainda mais. Uma das enfermeiras desceu apressada e dona Eugênia perguntou, meio hesitante:

— A menina está pior?

— A garota acabou de falecer. Dona Eugênia ficou muda. Olhou para seu Felipe como

a pedir socorro. Ele abraçou-a apertado e ponderou:

— Melhor não conversar com eles agora. Estão sofrendo demais.

Dona Eugênia olhou-o em desespero, e não disse nada.

A cada manhã em que dona Eugênia se levantava da cama (porque dormir era quase impossível), tentava recobrar o ânimo e a confiança, mas sentia que seu filho não conseguiria reagir. Passados dois dias da morte de Paula, Serginho entrou em coma, o que enfraqueceu ainda mais as esperanças dos pais e amigos.

Alguns dias após o acidente dona Eugênia havia emagrecido a olhos vistos e estava extremamente abatida. Embora buscasse o fortalecimento na oração e na fé em Deus que sempre nutrira, sentia as esperanças diminuírem mais e mais... Até que, naquela manhã, enquanto tomava o café ao lado dos filhos e do marido, o telefone tocou, quebrando o silêncio absoluto em que se mantinham todos, ecoando forte pela casa.

— Deixe que eu atendo - seu Felipe levantou-se rapidamente, correndo até o aparelho.

Entretanto, não demorou nem um segundo e ele voltou para a cozinha com o rosto branco e com lágrimas a lhe descerem pela face.

— Era do hospital - falou por fim, depois de muito esforço para controlar-se diante do olhar desesperado da esposa.

— E... - foi a única coisa que dona Eugênia pôde balbuciar.

Seu Felipe movimentou a cabeça em sinal negativo e disse:

— Ele se foi.

No estreito abraço em que envolveu a esposa e os filhos, choraram sentida e longamente. Depois seu Felipe respirou fundo. Tinha muitas providências a tomar.

— Precisamos de alguém que fique aqui com você, Eugênia.

— E de alguém que o acompanhe, Felipe. Conheço um casal muito especial lá do núcleo espírita, que tem me dado muita força em todo esse processo. Vou ligar para os dois. Pediram que os procurasse se precisássemos de apoio. Vou ligar, precisamos de toda a ajuda agora.

Seu Felipe não disse nada, estava exausto demais. E não se arrependeu. Quando o casal chegou, muito o impressionou a firmeza do apoio oferecido a ele e a seus familiares.

Amparados pela presença fraterna de Eunice e Antunes, e de muitos amigos espirituais da família - que permaneciam bem perto deles, apesar de não poderem ser vistos com os olhos do corpo -, encontraram forças para passar por aqueles momentos de dor e

tristeza tão profundas que jamais poderão ser traduzidas em palavras. Somente aqueles que perdem filhos ou entes muito próximos podem imaginar o sofrimento imenso que se oculta nas palavras.

Do Outro Lado da Vida

Segunda Parte

Capítulo 13

Perturbação

Serginho sentia-se confuso e aflito. Durante todo o período em que estivera na UTI, ouvia conversas distantes, pessoas falavam sem que compreendesse o que diziam. Às vezes, reconhecia a voz de dona Eugênia e tinha vontade de falar com ela, porém não conseguia sequer abrir os olhos. Seus sentimentos estavam tumultuados, não entendia o que se passava com ele. Seus pensamentos eram também perturbados e desconexos. A única coisa que lembrava com clareza era o instante em que sua moto batera no ônibus. A sensação terrível daquele choque estava permanentemente com ele, como se o acidente se repetisse a todo momento.

Algumas vezes percebia vultos ao seu redor, sem possibilidade de identificar ninguém. Aos poucos, as vozes foram diminuindo e sumindo, e ele sentiu como se caísse num fundo abismo. A angústia e o desespero tomaram conta do rapaz, que se esforçava intensamente para despertar daquele pesadelo.

Então, de repente, sentiu-se um pouco mais leve mais solto. E foi aí que teve aquela visão terrível: viu-se dentro de um quarto escuro.

Era a primeira vez que distinguia algo à sua volta. Algumas pessoas em torno de uma cama cuidavam de alguém. Tentava entender o que acontecia, e só quando as pessoas se afastaram e ele conseguiu ver foi que percebeu, com pavor, que era ele próprio o ocupante da cama. Sentiu o coração descompassado. Estava petrificado. Queria correr, mas não tinha como se afastar dali. Estava preso. Fazia um esforço enorme para sair, e permanecia preso. Ficou observando a si mesmo, imóvel, deitado na cama, e se perguntava, com o parco raciocínio que lhe restava:

— O que está acontecendo? Por Deus, alguém precisa me explicar o que se passa!

O silêncio era seu companheiro constante. Silêncio e escuridão. Após um tempo que lhe parecia interminável, sentiu-se de novo meio zozzo, meio atordoado, e quando deu por si estava em outro lugar, desta vez com muita gente ao seu redor. Viu a mãe, que chorava de cabeça baixa, abraçada a Sueli e a alguns parentes próximos. Serginho queria falar com a mãe. E gritava, desesperado:

— Mãe, me ajuda! O que acontece? Por que você está triste?

Viu seu Felipe, que também chorava, e reconheceu parentes e amigos, todos ali presentes: Renato, Marcelo, Tiago e outros, muito tristes. Ele pensava, angustiado:

— Afinal, o que se passa? Por que eles não me vêem? Por que não conversam comigo? Meu Deus, acho que ainda estou sonhando e não consigo acordar!

Foi então que algumas pessoas se afastaram e ele pôde ver, em aflição, que aquele era seu próprio funeral! Sentiu vertigens e enjôo. Precisava acordar daquele pesadelo terrível e desesperador.

E assim Serginho acompanhou todo o cerimonial. O único momento em que teve certo alívio foi quando Antunes e alguns outros amigos de dona Eugênia, que freqüentavam o núcleo espírita, fizeram juntos uma oração. Naquele minuto algo o fez sentir ligeira paz. Ouviu que oravam por ele. E! Oravam por ele, Serginho! Pediam a Deus por ele, para que tivesse paz e amparo na outra vida que se

iniciava. Serginho ouviu tudo atentamente. Logo após a oração, sentiu-se novamente envolvido pelo desespero e pela agonia; e em meio a tudo aquilo que não compreendia, pensava:

— Meu Deus, que brincadeira é esta? O que está ocorrendo comigo? Por que não posso acordar? O que se passa? Este pesadelo não termina nunca? Jamais, em toda a minha vida, tive um sonho tão real e tão terrível!

Serginho tremia de medo e angústia, pressentindo, ainda que inconscientemente, que talvez tudo aquilo fosse real. Sentia o corpo inteiro gelado e, por mais que se esforçasse, não despertava daquele pesadelo.

Algum tempo transcorreu até que voltou aquela vertigem estranha. De novo, quando deu por si, ele estava num lugar escuro e fechado. Todos haviam desaparecido e se encontrava só, em profundo silêncio e terrível escuridão.

Dessa vez, fez um esforço ainda maior para despertar; lutava para se mover e não conseguia. Sentia angústia e desamparo. Estava só, abandonado por todos que amava, e não sabia por que aquele pesadelo horrendo não terminava. Estava cansado, cansado demais... E chorando convulsivamente, extenuado, adormeceu.

Os dias foram se sucedendo. Dona Eugênia e seu Felipe sofriam profundamente a perda do filho mais velho. Para Sueli e Fábio aquela fora uma experiência traumática e inesquecível. A realidade pareceu-lhes excessivamente dura e atravessaram um longo período de depressão e ansiedade. Apesar da dor profunda, dona Eugênia precisou dar atenção especial aos dois, que, logo após a tragédia, começaram a dar muito trabalho aos pais.

Sueli não ficava sozinha e queria dormir com a mãe. Fábio tinha pesadelos e de madrugada acabava igualmente no quarto dos pais. Além disso, os dois não queriam ir à escola, fugiam a encontros com amigos e parentes - enfim, estavam passando por um momento sério de depressão.

Preocupada, dona Eugênia buscava forças para não desamparar os filhos mais novos.

— Eles estão sofrendo muito, Eunice, não sei direito como agir. E muitas vezes me faltam forças. Sei que gostariam de poder falar mais sobre o ocorrido, porém é doloroso demais para todos nós. Então nos calamos. É um assunto sobre o qual evitamos conversar.

— Sei que é duro, Eugênia, mas talvez por isso os meninos estejam com maior dificuldade de superar. A dor é grande e para eles, que ainda são tão jovens, o impacto de uma realidade dessas é bem forte.

— É, é forte e chocante para todos nós... Dona Eugênia não conseguiu terminar. Começou a chorar.

— Chora, minha amiga, chora que isso vai te aliviar um pouco.

— Não creio. Tenho tanta dor em meu coração que poderia chorar a vida inteira, sem parar.

E continuou, procurando enxugar as lágrimas que desciam incontroláveis:

— Evito pensar, sabe, Eunice? Só que quando menos espero revejo tudo diante de mim. Todas as noites me pego a esperar pelo Serginho. É terrível...

Eunice abraçou a amiga e não disse nada. Orava baixinho para que Deus a consolasse, pois somente o Pai poderia ajudar aquela família. Após alguns instantes, dona Eugênia acalmou-se; e secando as lágrimas novamente, perguntou:

— Como será que ele está, Eunice? Onde estará meu filho? Será que está bem, será que foi amparado? Penso tanto nisso! Como terá chegado ao outro lado? Ele é tão teimoso...

— Vamos pedir muito a Deus por ele. Serginho está nas orações em todas as reuniões de nossa casa espírita. Vamos pedir a Deus por ele e por vocês. Ele será amparado, Eugênia. Nossos amigos espirituais haverão de ouvir as nossas preces e ajudá-lo.

Sem dizer mais nada, dona Eugênia despediu-se da amiga e foi para casa. Naquela noite iriam reiniciar o Evangelho no Lar. Já fazia mais

de dois meses que Serginho partira, e ela até agora não encontrara forças para orar. Sentia algum alívio na alma unicamente quando estava no centro espírita que freqüentava. Somente lá diminuía sua dor, mesmo que por breves momentos. Ainda assim, esforçava-se para retomar o estudo do Evangelho em casa. Nem que fosse apenas com uma oração em favor do filho, sabia que precisava fazê-lo. E havia os outros dois que necessitavam de amparo.

Por outro lado, Felipe a preocupava sobremodo; estava amargurado e revoltado. Falara até contra Deus por diversas vezes, só se calando ao ser admoestado por ela. Sabia que a dor do marido era tão intensa quanto a sua; mas se as luzes dos céus não pudessem tocar seu coração, como iriam consolar-se?

Naquela noite, ela retomou o culto do Evangelho apenas com Sueli. Sentaram-se as duas na sala e dona Eugênia ficou longo tempo de cabeça baixa, procurando forças para iniciar. Então, ergueu a cabeça lentamente e olhou para a filha, que trazia os olhos umedecidos e vermelhos. Tomou nas mãos o Evangelho segundo o Espiritismo e começou a leitura. Devagar, bem devagar, conseguiu ler e depois oraram. Foi com muita dificuldade que finalizaram as preces.

Nas semanas seguintes, ela continuou a fazê-lo. E a cada nova reunião, apesar da dor que persistia, ficava mais fácil orar. Aos poucos, as duas passaram a sentir-se reconfortadas e aliviadas, nos momentos de oração. Fábio decidiu participar também e os dois filhos foram gradativamente melhorando e saindo da depressão.

Durante os minutos de estudo, entretanto, dona Eugênia seguia apreensiva quanto às condições do filho que partira. Como Serginho estaria reagindo, por se ver desprovido do corpo físico, tão jovem e tão cheio de sonhos? Isso a preocupava e ela orava pelo filho todos os dias, todas as horas.

Serginho, ainda ligado ao corpo físico, despertava e adormecia, atormentado e perturbado. Quando sua consciência se fazia mais lúcida, sentia o corpo bater na lataria do ônibus e se desesperava. Algumas vezes ouvia vozes, sem nada enxergar. A escuridão era

total. E assim permaneceu por longo tempo, até que pouco a pouco começou a estar mais desperto do que adormecido. E foi aí que o sofrimento se revelou ainda maior; imaginava-se preso a um pesadelo sem fim. Então a memória foi clareando e o raciocínio tornou-se mais coerente.

Ele pensava: "Lembro-me de estar com Paula na moto, saindo de um bar, antes do acidente". Visualizou tudo com lentidão e rememorou o tumulto à sua volta; nada viu, porém algumas palavras soltas lhe vinham à mente. "Ele está muito mal; depressa! Foi muito grave!"... "Houve um acidente com dois jovens"..."O acidente foi sério. Estão ambos desacordados"..."Estamos levando os dois para o Hospital das Clínicas⁵..." "O rapaz é Sérgio Melo e Silva".

E ele refletia, à medida que conseguia: "O que aconteceu comigo? Lembro do acidente, das pessoas à minha volta, mas é tudo tão nebuloso... Será... Não, não é possível! Se eu tivesse morrido, estaria em algum lugar e não neste vazio estranho e negro! Não, não é possível que seja isso. Deve haver alguma outra explicação. Devo estar doente, sei lá!".

O tempo passava e Serginho se mantinha fortemente ligado ao corpo físico, através de finos fios fluídicos; por isso repercutiam em seu espírito o vazio, o silêncio e a escuridão que cercavam o corpo que lhe pertencera; por isso não lhe era possível movimentar-se, nem compreender nada³.

Não obstante, sua consciência ia clareando e a angústia e o tormento que sentia começaram a perturbá-lo profundamente. Ele se cobrava: "Eu não devia ter bebido tanto. Devia ter sido mais cuidadoso".

Em outras ocasiões questionava: "Por que corria tanto!¹ Se estivesse mais devagar, teria conseguido parar a moto a tempo"...

Pensava então na mãe e, mentalmente, pedia-lhe socorro e ajuda. Quando isso acontecia, dona Eugênia ficava bastante perturbada. Recordava de imediato o filho e sentia que ele estava aflito e em desespero. Como isso a afligia muito, passou a ler ainda mais, a

aprofundar-se no estudo da Doutrina Espírita, procurando conhecer melhor seus princípios. Queria ajudar o filho, e para isso precisava compreender seu estado, saber mais sobre ele.

Compartilhando seus receios e angústias com Eunice e outras amigas da casa espírita com quem estudava, seguia pedindo orações e ajuda para Serginho. Sabia em seu íntimo que ele não estava bem. Em uma dessas conversas, mais de oito meses depois da morte do filho, Eunice lhe sugeriu:

— Por que você e o Felipe não vão fazer uma visita ao Chico Xavier?

— Ele não iria.

- Por que não? Quem sabe se, participando do trabalho desse nosso missionário do bem, vocês não obterão a graça de compreender melhor?

E por que não recebemos, em nossos trabalhos, alguma notícia de meu filho?

— Você sabe que as coisas não são assim, Eugênia. Nem todos podem ou conseguem se comunicar, nem todos têm permissão.

— Está vendo? Então ele deve estar mesmo muito mal! Se não consegue se comunicar, é porque está mal. Tenho lido muitas mensagens de jovens que se foram, dirigidas a seus pais. Eles sempre dizem que são amparados e estão se recobrando, e logo se comunicam. Mas nada do Serginho, nenhuma mensagem... Estou preocupada, angustiada, Eunice. Sinto que preciso de ajuda. Não vou agüentar mais se não tiver uma luz, algo para acalmar meu coração...

— Vamos ao Grupo Espírita da Prece, em Uberaba. Vamos visitar o Chico.

— Mas ele tem ido aos trabalhos? Não está adoentado e fraco?

— Embora bem fraco, sei que mesmo assim tem ido aos trabalhos.

³ Inconsciência da morte: mais informações em notas complementares

— E ele ainda escreve mensagens?

— Não sei ao certo, Eugênia, só sinto que devemos ir até lá. Pode deixar, eu vou organizar tudo. Vamos aproveitar e montar uma caravana para visitá-lo. Há alguns anos não vamos a Uberaba e muitos estão sentindo falta. Vou me encarregar de tudo. Fale com o Felipe, convença-o. O resto deixe por nossa conta.

Dona Eugênia sorriu, encorajada pelo entusiasmo da amiga. Não entendia ao certo o que fariam lá, mas sabia que aquele homem era um ser de muito amor e de muita luz. E refletiu rapidamente que sem dúvida estar em sua presença poderia trazer a ela algum conforto.

Naquela noite, chegou em casa decidida. Iria fazer a viagem com ou sem o marido, e resolveu conversar com ele imediatamente.

— Nem pensar, Eugênia. Não me oponho a que você vá ao centro espírita, porém não vejo nenhum benefício em fazer uma viagem dessas. Para quê? O que iremos fazer lá? Você sabe que não gosto de perder tempo. Não, Eugênia, nem pensar. Está fora de questão!

— Então eu vou sozinha, Felipe - ela retrucou com firmeza na voz. Seu Felipe olhou-a sério. Percebeu que estava decidida e nada respondeu. Deitou-se na cama, virou-se de lado e adormeceu.

Dona Eugênia demorou a conciliar o sono, matutando na decisão já tomada e sentindo-se um pouco insegura. Por fim, depois de muito se remexer, também adormeceu.

Capítulo 14

Chico Xavier

O dia marcado para a viagem aproximou-se depressa. Dona Eugênia preparou tudo para que a casa funcionasse perfeitamente

em sua ausência. Deixou tudo organizado e no dia marcado despediu-se dos filhos e do marido, que mesmo na última hora, contrariado, argumentou:

— Continuo achando isso uma perda de tempo e de dinheiro, Eugênia. Não entendo o que você vai fazer lá!

— Eu também não sei ao certo, Felipe; o que sei é que devo ir, tenho de ir. Por favor, não me questione mais. Será que você não vê? Qualquer coisa que alivie a minha dor e me traga paz em relação a nosso filho vai me ajudar. E o médium Chico Xavier é alguém muito especial. Quem sabe se no contato com ele encontro alguma luz?... Quem sabe, Felipe?

— Boa viagem, Eugênia. Espero que encontre o que está procurando.

— Não sei bem o que procuro, Felipe. Ou melhor, sei que o que mais desejo são notícias de meu filho. Levo a esperança de saber que a vida dele continua, ainda que longe de nós; que sua morte não foi o fim...

Notando as lágrimas que se formavam nos olhos da esposa e sentindo-lhe a angústia e a tristeza, seu Felipe não disse mais nada. Despediu-se de Eugênia, que ao partir deixou Sueli e Fábio chorosos.

Durante toda a viagem, ela seguiu calada e pensativa. Orava pedindo ajuda para si e para sua família. Pensava no filho e chorava.

A viagem transcorreu tranqüila. Chegaram cedo do Grupo Espírita da Prece, o núcleo espírita onde o médium trabalhava. Muitas pessoas já estavam presentes, em fila. Lá a mãe de Serginho encontrou outras mulheres que, como ela, sofriam pela perda de filhos. Conversou um pouco com algumas e constatou quanta dor também guardavam em seus corações.

Entretanto, apesar do sofrimento, aos poucos ela foi sendo envolvida por suave conforto. A dor diminuiu levemente e ela experimentou uma serenidade que há muito tempo lhe faltava.

Esperaram algumas horas e, finalmente, aproximou-se o momento do início do trabalho: Chico Xavier estava chegando.

— Venha, Eugênia, venha ver nosso amado Chico.

Eugênia acompanhou Eunice e viu chegar, amparada por amigos, aquela figura doce e generosa. Assim que olhou para ele, sentiu sua grandeza e uma luz a invadiu, deixando-a ainda mais serena.

As atividades da noite desenvolveram-se como de costume: leitura do Evangelho, comentários, orações. Dona Eugênia estava embevecida com tanta claridade que lhe banhava a alma. Havia até esquecido, por instantes, o motivo central que a levava até ali, suas dores e preocupações. Sentia-se aconchegada e amparada, como se mãos invisíveis a tomassem no colo. Sorria pela primeira vez em tantos meses, olhando aquele homem quase etéreo, diante dela.

Ao final do trabalho, porém, uma surpresa estava reservada para Eugênia. Chico Xavier recebera algumas mensagens, uma das quais, com poucas palavras, estava endereçada a ela. Mas, incapaz de sair do lugar, subitamente assustada, parecia colada ao banco. Foi Eunice quem se levantou, ao perceber a dificuldade de Eugênia, e correu para pegar a mensagem. Entregou-a à amiga, que agora chorava.

Ela abriu o pequeno pedaço de papel com as mãos trêmulas e leu o singelo recado:

"Não se atormente mais com nosso garoto. O socorro virá. Continue orando por ele.

Lívia."

Dona Eugênia leu e releu a pequena mensagem umas duzentas vezes, sem conseguir despregar os olhos daquele recado.

Ao final, quando todos retornavam, a caminho do hotel, Eunice perguntou à amiga, percebendo-a mais aliviada:

— E aí? O que diz a mensagem? É do Serginho?

— Não, Eunice, é de Lívia.

— Quem é Lívia?

— Uma sobrinha muito querida que já partiu há algum tempo para a vida espiritual.

— E o que diz a mensagem?

Sem falar, dona Eugênia entregou o papel a Eunice, que depois de ler sorriu, fitando a amiga:

— Está mais tranqüila agora?

— Como é possível que um pequeno pedaço de papel possa trazer tanto conforto ao nosso coração?

— Não é o pedaço de papel, e sim a grandeza da vida que continua sempre, Eugênia.

— Obrigada, Eunice. Vir até aqui renovou minhas forças de urna forma que jamais poderia imaginar. E se não fosse por você e sua insistência, não teria vindo.

— Acho que foi a Lívia que me inspirou.

— Deve ter sido! Ao voltar, Eugênia trazia o coração suavizado pela nova

esperança que nele se acendera. Sabia, sim, que sua preocupação era justificável: o filho não estava bem; mas agora, com aquela mensagem clara da sobrinha, tinha certeza de que ele receberia ajuda. Redobrou também a coragem para dar seqüência ao Evangelho no Lar e às orações pelo filho, como o meio de que dispunha para ajudá-lo, fazendo sua parte.

Ao chegar em casa, era esperada com ansiedade, inclusive por Felipe, que, fingindo não acreditar em nada, guardava no fundo da alma a esperança de que algo pudesse atenuar a dor que igualmente sentia.

— Você deveria ter vindo comigo, Felipe. Com certeza estaria melhor agora.

— O Serginho foi lá, mãe? - perguntou Sueli, que não duvidava da possibilidade de comunicação dos que se foram para a pátria espiritual com aqueles que ainda estão aqui.

— Não. Ele não veio, porém nós recebemos um grande presente, filha.

— O que foi?

Dessa vez foi Fábio quem perguntou, curioso. Sem dizer nada, dona Eugênia entregou a mensagem ao esposo.

— O que é isso?

— Leia, Felipe. Leia para todos, em voz alta.

Seu Felipe leu a curta mensagem e, quando terminou, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Mãe, é aquela prima do papai?

— E, sim, Sueli.

— Aquela com quem você sonhou, mãe?

— É, Fábio, ela mesma.

Seu Felipe, embora emocionado, não entendia o que significava aquilo. Dona Eugênia então contou a todos, detalhe por detalhe, o que havia ocorrido: como se sentira desde que chegara e tudo o que acontecera naquela noite.

Começou contando um pouco mais sobre Francisco Cândido Xavier, o querido médium de Uberaba.

— Enquanto vinha para cá, pude ler um livro que fala da vida desse missionário dos céus. Ele é realmente muito especial e desde pequeno, muito jovem, foi preparado para a tarefa que desempenha. É um baluarte do Espiritismo e um servidor fiel de Jesus.

Eugênia narrou a todos dados da história de Chico Xavier⁴, transmitindo-lhes uma síntese do que lera sobre ele e que a havia encantado.

Finalizando, afirmou:

— E mesmo fascinante o pouco que li sobre a vida desse médium. No entanto, o mais impressionante foi a vibração de energia pura e luminosa que senti emanar dele. Parece que quando ele chegou um clarão se acendeu onde estávamos. É um verdadeiro missionário, disso não tenho dúvida.

— Você ficou sabendo de tudo isso no livro que leu, mãe? - perguntou Sueli, com os olhinhos atentos.

— Alguma coisa eu já sabia, Sueli. E também li algumas histórias da vida dele, neste livro - dona Eugênia retirou da bolsa o livro "Lindos Casos de Chico Xavier" -, que é impressionante; aprendi muito.

— Deixa-me ver! - Fábio arrancou o livro das mãos da mãe.

— Eu primeiro, Fábio, a mãe já estava me dando!

— Calma, Sueli, deixa o Fábio olhar, depois você vê. Seu Felipe ouvia tudo em silêncio, sem querer expressar a admiração que nele nascia por aquele homem desconhecido.

Dona Eugênia acrescentou ainda que aquela mensagem era uma resposta clara às suas preocupações. E foi aí que residiu a maior dificuldade: explicar ao marido o motivo de suas preocupações em relação ao filho. Ele não compreendeu e ficou ainda com muitas dúvidas. Todavia, a mensagem era clara.

Como poderia haver qualquer farsa no que acontecera? Como alguém saberia de sua sobrinha? Deveria haver alguma verdade em tudo aquilo, pensou seu Felipe, ao final da noite. Ao se deitarem, ele disse à esposa:

— Quando você vai ao centro?

— Na quarta-feira.

— Vou com você, quero conhecer um pouco melhor.

— Ótimo! Que bom, Felipe. Sei que irá fazer muito bem a você.

— Você sabe que não me deixo enredar por qualquer coisa, Eugênia, não tenha expectativas. Só quero entender melhor o que ocorreu com você nessa viagem. Como é possível alguém saber assim de uma pessoa como Lívía, é o que mais me intriga.

— É, Felipe... Os mortos não estão mortos, eles vivem. Lívía está viva! E pôde mandar essa mensagem carinhosa, para nos consolar.

Seu Felipe matutou muito antes de adormecer, naquela noite. Estava intrigado e curioso, queria conhecer mais. Dona Eugênia também demorou a dormir.

⁴Chico Xavier: mais informações em notas complementares

Apesar da dor profunda que insistia em apertar seu coração, sentiu uma suave alegria pela decisão do marido e teve a certeza de que uma nova fase se abriria para eles.

Dias mais tarde seu Felipe acompanhou a esposa ao centro espírita, bem como na semana seguinte, e na outra novamente.

Passou a se interessar e a estudar, tornando-se mais um defensor do Evangelho no Lar. Começou a participar e não parou. Ao menos esse consolo dona Eugênia tinha: agora a família estava toda reunida em torno do Evangelho.

Capítulo 15

O socorro

O estado de Serginho piorava; já não dormia, mantinha-se constantemente desperto. Ouvia gritos e gemidos, sem ter a menor idéia de onde vinham. Quase não podia mover-se, sentindo-se preso sem saber onde. Encontrava-se sempre envolvido por uma espessa escuridão que o deixava apavorado e desesperado. Pensava na mãe o tempo todo e pedia que ela o ajudasse; não adiantava: sentia-se cada vez pior, não melhorava...

Desconfiava que aquilo não era um sonho, não podia ser, porque sonhos nunca duravam tanto, e por outro lado não compreendia o que de fato estava acontecendo. Perdera toda a noção de tempo e espaço, apesar de ter plena consciência de seus pensamentos e emoções. Seu corpo também lhe parecia muito estranho: mesmo sem poder movê-lo, sentia-o por inteiro e em cada uma de suas partes. Sentia os pés, as mãos, sem movimento algum. Queria sair daquele lugar, mas não conseguia. E desesperava-se cada vez mais.

Ele não tinha nenhuma noção de quanto tempo transcorrera e sofria profundo cansaço, chorando amargurado. Naquele dia, em especial, o desespero foi maior e começou a recordar o culto doméstico que a mãe fazia. Lembrou-se das orações, de algumas lições que havia escutado, e a saudade da mãe foi ainda mais forte:

— O que se passa? Mãe, me ajuda! Onde você está? Pra onde você foi? Onde está todo mundo?

Erguia mais e mais a voz em pranto entrecortado de soluços:

— Deus, deve existir um Deus! Me ajuda, meu Deus! Será que estou enlouquecendo? Não entendo o que se passa!

— Não, Serginho, você não está enlouquecendo.

— Quem disse isso? Quem está aí? Por favor, me ajude! Estou desesperado e é a primeira vez em muito tempo que consigo falar com alguém! Não vá embora, por favor!

— Calma, você não está sozinho.

— Quem é você?

— Por enquanto, só posso pedir que tenha paciência e conserve a calma. Você logo estará melhor.

— O que se passa comigo? Por que não consigo ver você? O que está havendo? Como você sabe meu nome?

— Serginho, tenha fé em Deus, confie nele e você logo estará livre da prisão em que se encontra.

— Prisão? Estou em uma prisão? Por quê? O que foi que eu fiz? Onde fica esta prisão que não consigo nem me mexer?

— Não posso explicar mais nada por enquanto. Só peço que seja paciente e ore; ore para que possamos tirar você daqui.

— Orar? Como? Não sei orar direito!

— Você conhece a oração do Pai Nosso?

— Pai nosso que estás nos céus... Essa?

— Essa mesmo. Lembra-se dela inteira?

— Mais ou menos, mas posso tentar; minha mãe sempre terminava suas preces com essa oração.

— Então se concentre quanto puder e ore, pensando com vontade e fé em cada uma das palavras dessa oração. E peça a Deus que o ajude. Você logo estará livre. Agora ore, Serginho, ore.

— Por favor, diga ao menos onde estou; que lugar é este? Nenhuma resposta se fez ouvir; silêncio absoluto outra vez.

— Ei, você está aí? Para onde foi? - Serginho insistiu, angustiado. Silêncio.

— Por que não responde?

Acabou por aceitar que estava novamente só. Chorou de raiva, depois de angústia e outra vez de raiva. Como alguém podia deixá-lo assim, sozinho naquelas condições? Por fim, lembrou-se da oração que a suave voz Ihe sugerira e contendo o pranto se pôs a repeti-la.

A princípio orava maquinalmente, até que uma força surgiu de seu interior, fazendo as palavras adquirirem sentido, e ele compreendeu o significado da prece⁵. Pensou então no Criador no Universo como nunca o fizera antes. Pensou que se Deus estava em toda parte por certo poderia ajudá-lo. Pensou na grandeza do Criador e em seu amor, e começou a acalmar-se. A fé em Deus brotava aos poucos em seu jovem coração cansado. Era apenas uma pequena chama, porém estava acesa. Quanto mais repetia mentalmente a oração do Pai Nosso, mais aquela nova e boa emoção o envolvia, e então chorou e orou sem parar.

Muito tempo se passou até que Serginho se acalmasse por completo, e foi aí que percebeu um pequeno vulto ao longe. Uma figura indistinta, rodeada por suave luz aproximou-se pouco a pouco, até chegar bem perto dele.

— Dê-me sua mão, vamos. Estenda sua mão.

— Quem é você?

— Dê-me sua mão, Serginho, venha comigo. Aquele doce pedido, ele ergueu as mãos, e tocou nas mãos delicadas estendidas em sua direção.

³ A prece: mais informações em notas complementares

— Muito bom. Agora, levante-se.

Sem perguntar nada, e sem maiores esforços, ele se ergueu e em alguns instantes estava ao lado daquela linda garota.

— Mas... Quem é você? Seu rosto me parece tão familiar...

— É somos muito familiares, mesmo. Agora vamos, depois conversamos.

— Você veio me buscar nesta prisão pra me levar finalmente pra casa, né?

— De certo modo, Serginho.

— Como assim, de certo modo?

— Quero que confie em mim. Por ora você precisa descansar, dormir.

— Não, estou cansado de dormir! E se eu dormir e voltar pra aquele lugar horrível? Não!

Serginho divisou outros vultos se aproximando, um a um, e vários deles foram ficando definidos.

— Quem são todas essas pessoas?

— São amigos, vieram me ajudar a levá-lo daqui.

— Isso está muito estranho! Quero saber quem é você. Não vou a lugar algum sem saber quem são vocês!

— Serginho, olhe bem para o meu rosto. Com atenção. Tente lembrar-se de onde nos conhecemos. Faça um esforço.

Serginho olhou-a por instantes, fazendo grande esforço, pois para sua mente confusa e perturbada era difícil funcionar normalmente.

— Não consigo. Não sei, só me parece familiar.

— Sou Livia, sua prima. Recorda-se?

— Livia, minha prima?

Olhou-a firmemente, empenhado em tentar lembrar.

— Claro, é isso mesmo, Livia! Vi sua foto uma vez, é você... Mas você morreu há muito tempo!... Que brincadeira... Pera aí, me explica isso... Como estou falando com você?

Livia permaneceu em silêncio por alguns instantes, depois lhe disse:

— Você está aqui conosco, Serginho, você veio para cá também. Antes da hora, é verdade, só que já está aqui e vamos cuidar de você.

— Você quer dizer que... Que morri? E isso? Que brincadeira é essa?

— Você duvida dos seus próprios olhos?

Num breve instante tudo veio à mente do rapaz: o acidente, o velório, a tristeza dos pais, o silêncio absoluto, a angústia e o desespero. E ele compreendeu o que ela dizia, compenetrando-se de que era verdade. Estava morto.

— Como isso foi acontecer comigo, meu Deus? Sou muito jovem para morrer!

— Você tem toda a razão, veio para cá antes do que devia...

— Como assim? Meu Deus! E agora? Mas... Como continuo sendo eu mesmo? Estou vendo meu corpo, como sempre foi... Não consigo entender...

— Serginho, por favor, acompanhe-nos, viemos para ajudá-lo. Acalme-se. Sente-se aqui um pouco e relaxe. Durma. Quando acordar, estará bem melhor, eu prometo.

— Promete? Jura que não vai mais desaparecer? Que não vão me deixar sozinho de novo?

— Claro. Agora que você está liberto, será mais fácil.

— Liberto do quê? De onde?

— Mais tarde, quando estiver mais tranquilo, vamos conversar sobre tudo, tudinho. Pode confiar em mim. Responderei tudo o que eu souber, e você vai entender melhor.

— Não pode ser... Não posso ter morrido. Não é justo, sou muito jovem. Tenho tanta coisa pra fazer... Não pode ser, deve haver algum erro.

— É... Você tem razão. Há alguns erros. De qualquer modo o que está feito... Está feito.

— Como assim? Que erros? Não quero! Não quero morrer... Quer dizer, não posso estar...

Envolvido por energias sutis e serenas, emanadas do grupo que acompanhava Livia, o rapaz foi induzido ao sono, para que pudesse ser socorrido e auxiliado.

Livia aconchegou-o ao peito como uma criança, e o grupo partiu.

Capítulo 16

Difícil despertar

Sem saber quanto tempo dormira, Serginho despertou lentamente. Olhou à sua volta e viu-se num lugar muito sossegado. O silêncio era quase total. Registrava somente vozes suaves ao longe, conversas distantes. Observou o teto, e depois as paredes, procurando identificar o local em que se encontrava. Era um quarto com fraca iluminação, o que não o impedia de constatar que se tratava de ambiente pequeno, contendo apenas a cama, onde ele estava, e alguns poucos móveis. O lugar lhe transmitia suavidade e calma. O jovem refletiu:

— Puxa, que bom! Finalmente estou despertando daquele sonho horrível. Eu sabia que era um sonho, só podia ser. Que terrível! - e suspirando profundamente - Puxa! Graças a Deus o pesadelo acabou.

Levantou-se devagar, porém uma forte vertigem o obrigou a sentar-se na beira da cama, tentando recobrar as energias. Enquanto estava ali, a porta abriu-se e uma jovem com rosto radiante e familiar entrou alegremente no pequeno quarto.

— Levante-se com cuidado, Serginho. Você precisa ir se acostumando aos poucos, sem pressa.

— Você?!

Lívia lhe sorriu amorosamente.

— Sente-se melhor?

— Como melhor? Estava bem até você entrar aqui! Desculpe, não quero parecer indelicado, mas pensei que tudo havia sido um sonho... Ver você me fez lembrar de tudo. Então... Não foi um sonho?

— Não, meu primo, embora tenha parecido um verdadeiro pesadelo. Você está aqui mesmo, deixou a vida na Terra. Está no mundo onde vivem os espíritos.

— Como isso é possível? Não posso crer! Não sou um espírito, sou eu mesmo!

— Sim, e você pensa que quando deixamos o corpo nos tornamos outra coisa? Não! Continuamos a ser nós mesmos!

— Eu me recordo de você ter dito que vim antes da hora. Por que isso foi acontecer? Como pôde haver um erro desses? Quero falar com o responsável por este lugar. Ele precisa me dizer como foi que um erro desses pôde ocorrer.

— Serginho, o que aconteceu não pode mais ser revertido; você entenderá tudo a seu tempo, tenha paciência.

— Mas eu não quero ficar aqui, Lívia. Tenho muita coisa para fazer, tenho uma vida inteira para viver! Tem uma porção de coisas que quero realizar... Como posso fazer isso se estou aqui? Você não entende? Temos de conversar com o responsável. Se, como você disse, houve um erro, então precisamos descobrir quem foi que errou e pedir que reparem o erro, me deixando voltar. Tem de haver um jeito de eu retornar!

Lívia sentou-se na cama ao lado do primo. Sentia sua angústia e desejava auxiliá-lo. Contudo, temia que a verdade inteira de uma vez o deixasse ainda mais perturbado. Segurou com as duas mãos o rosto do primo e lhe disse:

— Sei o que você está sentindo; lembre-se de que já passei por isso e, portanto, sei exatamente como se sente. O que lhe asseguro é que

a vida aqui pode ser agradável. Você poderá aprender e realizar muitas coisas. Se se acalmar e encontrar seu caminho, poderá renovar propósitos, se desenvolver...

— Não, Lívia! Não quero! Preciso voltar! - e dizendo isso, num movimento brusco se pôs de pé, embora titubeante.

Lívia amparou-o na vertigem que sentia e se colocou ao seu lado.

— Vamos caminhar um pouco, para que você possa conhecer o lugar e acostumar-se.

— Não quero me acostumar...

— Serginho, quanto tempo acha que já se passou desde que você deixou a vida na Terra?

— Sei lá! Como vou saber? Nem sabia que não estava mais lá!

— Pois vou lhe dizer. Faz mais de um ano e meio que você desencarnou.

— Desen... o quê?

— Desencarnou⁶, deixou seu corpo físico.

— Mesmo? Um ano e meio?! E o que houve com meu corpo... Este aqui não é meu corpo?

— Esse corpo, que é igualzinho ao seu corpo físico, com as mesmas cicatrizes e tudo, é um corpo mais sutil, mais etéreo, que chamamos de perispírito⁷.

— E onde ele ficava quando eu estava na Terra? Como foi que nunca notei que existia?

Lívia sorriu.

—Ele é muito sutil, por isso não se dava conta de sua existência.

— E como sinto frio, fome, sono, tudo igual?

— É que esse corpo também é material; só que a matéria é mais etérea e por isso é mais leve. Dá para você me entender?

⁶ Desencarnar: mais informações em notas complementares

⁷ Perispírito: idem.

— Mais ou menos, não consigo entender direito.

— Mas sabe o que significa ter desencarnado há mais de um ano e meio?

Serginho sentou-se deprimido em um banco do belo jardim por onde seguiam. Ficou acabrunhado.

— Sei. Não posso mais voltar pro meu corpo.

— Não. E claro que não.

— E onde fiquei todo esse tempo? Onde eu estava? Você disse que estava preso.

— Estava preso ao seu corpo.

— Qual deles?

— Ao seu corpo mais denso, aquele que usou na Terra.

— O quê? Quer dizer que esse tempo todo eu estava...

— Estava preso ao seu corpo, por isso a escuridão.

— Por isso não podia me mover?

— Exatamente. Ficou preso num corpo inerte, que já não tinha vida; e como você estava fortemente preso a ele e, mais ainda, sem consciência de sua nova situação, não conseguia mover-se.

— Que coisa terrível! Como alguém pôde deixar isso acontecer? E muito triste. Deixaram-me lá um ano e meio, literalmente apodrecendo?

— Serginho...

O jovem levantou-se de novo.

— Desculpe-me, Lívia, estou indignado! Isso não se faz! Que coisa horrível! Por que não foram me buscar antes? Quero falar com o responsável por este lugar, por este processo, sei lá como vocês chamam isto aqui, mas tenho de me entender com o responsável!

Lívia, que permanecia sentada calmamente, respondeu:

— Pois bem, já que você insiste tanto, pode falar. Fale com o responsável.

Serginho olhou em volta e, não vendo ninguém, irritou-se:

— Então é você a responsável?

— Não, claro que não. O responsável é você mesmo. Terá de se entender com você.

— Como assim? Não brinque com uma coisa tão séria, Livia.

— Eu não estou brincando.

— E como posso ser responsável?

— Serginho, você veio realmente antes da hora. Sua vida terminou antes do tempo devido, porque você cometeu... uma espécie de suicídio.

— Como, suicídio? Foi um acidente de moto, não um suicídio!

— E, mas e a causa do acidente, qual foi?

— Sei lá! O chão estava molhado, o ônibus freou de repente, não sei ao certo.

— O que você fazia antes do acidente, consegue lembrar?

— Estava com Paula...

Pela primeira vez Serginho lembrou-se com limpidez da namorada e gelou. Havia pensado nela, durante todo o tempo em que estivera semiconsciente, porém agora que conhecia seu verdadeiro estado o fez de modo diferente.

— Onde está Paula? O que aconteceu com ela? Livia não respondeu. Apenas olhou-o fundo nos olhos.

— Ela também...

— Também.

— E onde ela está? Vocês foram buscá-la?

— Infelizmente ainda não foi possível, Serginho.

— Por que não?

— Há muitas coisas que você desconhece completamente e não posso explicar tudo de uma só vez porque não adiantaria você não iria compreender. Por isso vamos devagar, um pouco de cada vez, para que você entenda. Isso se quiser, se tiver boa vontade, pois se continuar arredo e rebelde demorará muito mais tempo para assimilar uma série de novos conceitos, de novos conhecimentos. Não bastam as informações, é preciso que seu coração esteja aberto para absorver as verdades.

Serginho se manteve calado por alguns instantes, e depois perguntou:

— Mas que estória é essa de suicídio, Lívía? Não é verdade! Existe algum erro de informação aí.

— Lembra-se do que fazia horas antes do acidente?

— Estava com Paula, comemorávamos tudo o que vinha acontecendo de bom com a gente...

— E como estavam comemorando?

Serginho olhou-a firme nos olhos, já pressentindo onde ela queria chegar, e se colocou na defensiva, relutante:

— Bebíamos uma cervejinha. Qual o problema?

— O problema não foi beber. Foi o que fez na seqüência. Você dirigia totalmente alterado sob o efeito do álcool, Serginho.

— Mas não estava bêbado, só tinha tomado umas duas cervejas.

— Duas? Seja mais honesto. Sabe que foi muito mais do que isso; foram tantas que você nem sabe quantas.

— E daí? Isso não quer dizer que foi suicídio.

— Serginho, você dirigia após ter bebido muitas cervejas, ou seja, com o estado de consciência afetado. E para piorar corria muito, ía em alta velocidade. Seus reflexos eram lentos; o chão estava molhado, e o ônibus parou corretamente, pois havia um farol adiante e ele freou com cuidado, bem antes do sinal. Não houve qualquer imprudência do motorista, muito embora até hoje ele se sinta intimamente responsável pelo que ocorreu a você.

— Então foi uma fatalidade! - afirmou ele, carrancudo.

— Não, também não foi fatalidade. Você poderia ter evitado tudo; aliás, nada teria acontecido se tivesse agido certo.

— Não é justo! Não foi suicídio! Eu não queria morrer! Não quero estar morto! - Serginho chorava de angústia.

Lívía abraçou-o com carinho e o deixou chorar até que se acalmasse.

— Não é justo, Lívía. Eu não queria isso, de maneira alguma! Só queria comemorar, me divertir, estava tão feliz com tudo... Por que

uma coisa dessas foi acontecer? Por que você não me ajudou, impedindo o acidente?

— Serginho, temos o direito de tomar decisões em nossa vida; isso se chama livre-arbítrio⁸. Decidimos todos os dias, todas as horas, nas mínimas coisas. Esse é o nosso direito ao livre pensar, à liberdade. Podemos pensar e agir como melhor nos parecer. No entanto, todas as nossas ações trazem conseqüências; todas, sem exceção. Agindo de acordo com a Lei de Deus, as conseqüências são boas, positivas. Se agirmos contra nós próprios ou contra nosso próximo - enfim, contra as leis divinas que regem o Universo - as conseqüências serão negativas e colheremos o resultado de nossas decisões e ações; do contrário não seríamos verdadeiramente livres. Isso se chama lei de ação e reação. A toda ação corresponde uma reação. A escolha foi sua. E você sabia que dirigir depois de beber era um grande risco. Sabia ou não sabia?

Sem coragem de levantar a cabeça, ele apenas acenou afirmativamente.

— Então não há desculpas. Você tinha consciência de que aquilo era perigoso e não podia ser feito. E agravou ainda mais a situação estando em alta velocidade; outra decisão sua, exclusivamente sua. Você escolheu as ações, e elas trouxeram conseqüências naturais, das quais não podemos fugir, Serginho. Não tem jeito. Percebe por que sua morte foi considerada suicídio⁹?

— Percebo seu raciocínio, mas não concordo! Não acho justo! Tinha de haver um jeito.

Ele acrescentou, triste:

— E Paula? Foi minha culpa também?

— Também houve a participação dela no ocorrido. Serginho calouse, abatido. As lágrimas desciam pela sua face. Chorava de angústia e de raiva, pois desejava ardentemente que nada daquilo tivesse acontecido, queria poder voltar no tempo e agir de outro modo. Só que agora era tarde. Como dissera Livia, o que estava feito não tinha mais retorno. Após

demorado silêncio, dois homens aproximaram-se de Livia e do primo.

— Como está, Serginho, em seu primeiro passeio pela colônia?

— Nada bem - respondeu ele sem erguer a cabeça. Os dois olharam para Livia e logo compreenderam o que se passava.

— Estaremos por aí quando desejar companhia, seja para conversar ou simplesmente passear.

— Obrigado - respondeu o jovem a contragosto, embora percebesse amizade e carinho naqueles dois homens. - Quem são eles?

— Dois dos cinco amigos que trabalharam ativamente para resgatá-lo.

— Foi tão difícil assim? Por quê?

— Não era sua hora, Serginho. Foi um suicídio, por isso sua energia vital era enorme e não se extinguiu com a morte do corpo. A bem da verdade, não fosse toda a ajuda que voce recebeu, especialmente de sua mãe, e sobretudo a atenuante que tinha pela situação, ainda estaria lá.

— Que atenuante?

— Exatamente o fato de que você não queria morrer, de que não foi algo premeditado, planejado e desejado. O que ocorreu foi resultado de atos inconseqüentes de sua parte, mas o seu objetivo não era esse, daí a atenuante. Nesses casos, a despeito de sofrer as conseqüências de uma morte antecipada - enfim, de um suicídio -, o auxílio também chega mais rápido. Compreendeu?

— Não muito bem. E como está minha mãe? Sinto tanta saudade... Senti, e sinto tanta falta dela...

— Sua mãe sofreu bastante e ainda sofre, porém o amor que sente por você é um presente divino, Serginho. Ela está se fortalecendo, principalmente agora que sabe do amparo que você tem recebido.

— Ela sabe de tudo o que aconteceu?

— Desconhece os detalhes, apenas sente sua angústia e ora por você. Teme que sua adaptação na nova vida seja difícil, devido ao seu temperamento, que ela bem conhece.

— Quero ver minha mãe, minha família. Não quero ficar aqui, Lívia. Agradeço muito o que você fez por mim, mas quero voltar, quero estar próximo de minha família, minha casa, meus amigos, minha vida...

— Sua vida agora é aqui, Serginho. Há tanto a aprender, existem infinitas possibilidades que você ignora... Tantas novas experiências o aguardam... Não há mais nada a fazer em sua antiga vida; só sofrimento, acredite-me. Não será bom para você. Aproveite a ajuda enorme que recebeu e comece vida nova.

Lívia apelava com ternura para o bom senso e o raciocínio do primo, porque sabia o que o aguardava caso decidisse retornar. E quanto mais ela argumentava, mais Serginho sentia crescer a saudade do antigo lar e o desejo de voltar. As lembranças acentuavam-se, as recordações lhe traziam imagens claras e podia quase sentir o cheiro agradável do café que todas as manhãs a mãe preparava.

— Quero voltar, Lívia. Quero estar com eles.

— Mais tarde, quando estiver ambientado à nova vida, você poderá fazer breves incursões pela antiga casa, sem se prejudicar, Serginho. Por enquanto é prematuro; irá sentir-se muito fraco, em especial emocionalmente. Não está pronto para retornar.

— Mesmo assim, é o que quero fazer. Quero voltar. Quero ficar próximo da minha família.

— Você vai se arrepender.

— Não acredito. Meu lugar é lá e não aqui.

— Está bem, Serginho. Tenho de conversar com alguns amigos que foram importantes no seu resgate, e trago logo a resposta. De qualquer forma, precisamos da autorização deles.

Enquanto Lívia se dirigia calma e serenamente por uma das vielas ladeadas de pequenas flores coloridas, num imenso parque,

Serginho, ansioso, observava o que havia ao seu redor, sem, no entanto, atentar para a beleza do lugar, a pureza do ar e a suavidade do ambiente. Só tinha um pensamento: regressar ao antigo lar. E a ansiedade o dominava por inteiro.

Depois de algum tempo, Lívía retornou com ar sério. Já não sorria descontraída como fizera todo o tempo que ficara ao lado do primo. Parecia mais compenetrada e preocupada.

Ao vê-la e notar-lhe o semblante sério, Serginho levantou-se:

— O que foi? Não vão me deixar ir?

— Prepare-se. Estamos a caminho. Esperamos Josué e Antônio, dois amigos que nos acompanharão. Eles estarão aqui em breve e partiremos de imediato.

— Então por que está tão séria, Lívía?

— Você não entende, não é?

— Não entendo o quê?

— Entristeço-me porque sei o que o aguarda.

— Não adianta querer me convencer a ficar. Eu quero voltar!

— E vai voltar, não se preocupe.

Em poucos minutos Antônio e Josué juntaram-se a eles e iniciaram o regresso, Serginho amparado por Lívía de um lado e Antônio do outro, com Josué à frente.

— Segure-se em nós dois e ore. Feche os olhos e ore. Logo chegaremos, mas não pare de orar.

— Por quê?

— Serginho, ao menos nisso você tem de colaborar. Se quer voltar, precisa ajudar.

— Está bem. Pode ser o Pai Nosso?

— Claro que sim.

O rapaz fechou os olhos para melhor concentrar-se e começou a orar. Repetiu a prece algumas vezes e então ouviu a voz de Lívía:

— Chegamos.

Serginho, ansioso, abriu os olhos e perguntou: -Já?

Estavam em frente à porta de sua casa.

— Aqui estamos, meu primo. Lembre-se de que a oração é forte ligação com Deus. Se tiver problemas, não hesite em orar. Não se esqueça disso, está bem?

— Claro. Obrigado, Lívia, obrigado por tudo. Obrigado, Antônio; obrigado, Josué. Ficarei bem, não se preocupem.

Lívia olhou para o primo e beijando-o na face despediu-se. Sozinho diante daquela porta, Serginho ficou emocionadíssimo. Nunca sentira tanta saudade daquelas escadas que tantas vezes subira e descera tão alegremente. Ficou ali olhando a porta e as escadas por longo tempo, sem coragem para entrar. Por fim, ao sentir-se preparado, procurou abrir a porta, sem sucesso. Tocava-a e era como se ela lhe escorregasse das mãos. Não conseguia fazê-la abrir-se. Tentou com insistência, e não teve sucesso. Pela primeira vez percebeu que realmente estava numa condição diferente. Sentou-se na beira da calçada para esperar, enquanto pensava: "Bom, em algum momento, alguém vai aparecer e entro junto".

Serginho observava outras pessoas que caminhavam pela rua, pelas calçadas, algumas com olhar triste, outras totalmente transtornadas. O que estaria ocorrendo com elas? Normalmente o lugar onde morava era tranqüilo, com gente comum a andar pela calçada; já aquelas pessoas, na maioria, lhe pareciam desesperadas, verdadeiras almas penadas. Um passavam por ele como se não o vissem, outras o olhavam e nada diziam. Achou tudo estranho demais...

Muito tempo depois, uma perua escolar estacionou e Sueli e Fábio desceram, conversando despreocupados. Vinham falando sobre algo que acontecera na escola naquele dia. Assim que os viu, Serginho levantou-se feliz e saudoso. Queria abraçar os irmãos e correu ao encontro deles:

— Sueli, que saudade! Fábio, como você está, garoto?

Eles continuavam conversando, e passaram por Serginho como se fosse por dentro dele. Sem tempo até para demonstrar seu pavor, o irmão os seguiu rapidamente, pois tinha de aproveitar e entrar com

eles na casa. Quase se colou a Sueli, e atravessou a porta antes que ela a fechasse outra vez.

Quando se viu no antigo lar, o jovem emocionou-se intensamente. A mãe, como de hábito, estava na cozinha terminando de preparar o almoço. Serginho queria abraçá-la. Aproximou-se e beijou-a na face. Ela nada percebia. Queria que o abraçasse também, era isso que desejava, porém dona Eugenia ficou conversando com os outros filhos, sem notar sua presença. Sentiu-se rejeitado.

Deixou a cozinha e foi ao antigo quarto, desejoso de rever suas coisas. Surpreendeu-se ao encontrá-lo totalmente diferente, transformado em um quarto de hóspedes. Apenas sua bateria estava ali, todinha montada. Decepcionado, pensou: "Eles mudaram tudo! Minhas roupas, minhas coisas, não tem mais nada aqui! Só restou a bateria!".

Serginho sentou-se em um canto do quarto e, segurando os joelhos com os braços, chorou sentido. Estava profundamente angustiado. De súbito, ouviu uma voz bem perto:

— Está triste, garoto? Quer ajuda? Serginho levantou-se, espantado.

— Quem é você?

— De vez em quando ando por aqui. Geralmente não consigo ficar por muito tempo, porque tem uma mulher que fica rezando a toda hora; a casa se enche de luz e tenho de sair, ir embora. Mas vejo que você está muito sozinho, precisando de companhia.

Ao verificar o olhar inquieto e esquisito do homem que lhe falava, Serginho respondeu assustado, enxugando as lágrimas:

— Obrigado, estou bem. Quero ficar sozinho.

— Nunca estamos sozinhos, rapaz. Há sempre alguém nos observando.

— Como assim?

— Se você não pode ver a todos, muitos podem vê-lo sem que perceba. Alguns sabem fazer isso muito bem. Tome cuidado.

— Vou tomar. Agora quero ver minha mãe. Serginho ergueu-se e voltou para a cozinha. Quando entrou, percebeu que aquele homem que encontrara continuava ao seu lado.

— O que quer aqui? Pode ir embora!

— O, rapaz, faço o que quero, vou para onde quero, você não pode me dar ordens, não. Se quiser, passo a morar aqui e pronto. Você não pode fazer nada.

Serginho calou-se. Tentou participar da conversa da mãe com os irmãos, mas não conseguia tirar a atenção daquele homem que insistia em ficar por perto. Subitamente angustiado e fraco, sentou-se no chão da cozinha, a fitar a mãe e os irmãos que tanto amava... Tinha vontade de gritar que os amava, em alto e bom som. Entretanto, nada podia fazer... Eles não o ouviriam.

Capítulo 17

O Evangelho no Lar

Alguns dias se passaram. Serginho sentia fome e sede; estava fraco. Ainda que junto da família, como havia desejado, via-se invadido por aflição e tristeza. E havia aquele homem estranho sempre próximo, incomodando-o, e muitas vezes vinha acompanhado por outros.

Naquela noite, após o jantar, viu chegarem outras pessoas. Todas tinham aparência de doentes, e na grande maioria não viam Serginho. Pareciam conduzidas por outras, que por sua vez não eram vistas pelo rapaz. Este notou que a sala onde sua família se reunia foi tomada por nova claridade. Todos participavam, inclusive seu pai.

O homem que constantemente perambulava por ali disse a Serginho:

— Bom, vou dar umas voltas. Hoje é dia do Evangelho no Lar, aqui. Eles são espíritas e cismam de realizar esse tal de Evangelho todas as semanas. E um horror. Quase sempre tenho de sair, como hoje, e às vezes é difícil voltar...

O homem disse aquilo e saiu através da parede da sala, diante do olhar surpreso de Serginho.

— Será que é assim que a gente se movimenta por aqui? -indagou a si próprio.

No mesmo instante, viu dois homens que lhe sorriam.

— Como vai, Serginho?

— Vocês me conhecem?

— Sim, bastante. Somos assíduos freqüentadores do Evangelho na casa de seus pais. Temos participado desde quando sua mãe começou sozinha a estudá-lo. Ver agora a família toda unida em torno do Evangelho é motivo de muita alegria, pois certamente terão suas forças redobradas.

— Quem são vocês?

— Somos amigos.

— Sim, mas quem são?

— Somos amigos de sua família e, quando estamos em trabalho por perto, sempre participamos. Soubemos do seu resgate e ficamos felizes. Pena que você decidiu voltar. Não tem mais nada a fazer aqui, Serginho, não percebe?

— Já sei, foi a Livia que pediu que vocês viessem me obrigar a ir embora.

— De forma alguma! Ninguém vai obrigá-lo a nada, pode ficar tranqüilo. Você sempre fará suas escolhas.

— Lá vêm vocês de novo com essa conversa d escolhas...

Serginho ia questionar os dois homens, quando eles pediram silêncio. O Evangelho ia começar.

Serginho sentiu-se um pouco mais leve e reconfortado naquela noite, como se tivesse sido alimentado.

Ao final, os dois homens, que haviam permanecido o tempo todo com os olhos fechados e os braços estendidos sobre cada pessoa da família, alternadamente, dirigiram-se ao jovem mais uma vez:

— Tem certeza de que não quer voltar para junto de Lívía? Podemos ajudá-lo.

— Certeza absoluta. Estou bem aqui.

Sem dizer mais nada, os dois partiram, bem como aqueles que pareciam doentes. Serginho sentou-se no sofá, ao lado da mãe, com a impressão de estar absolutamente só. Dona Eugênia sentiu um aperto no peito e pensou no filho.

Ao deitar-se, orou por ele com pleno sentimento de amor.

Os dias se sucediam e a vida na casa do jovem transcorria normalmente. Por diversas vezes, viu a mãe chorando com sua foto nas mãos, escondida dos outros filhos e do marido. No restante, contudo, a vida deles continuava. Via que todos tinham seus afazeres e seus interesses. Ele observava a si próprio, triste e acabrunhado, fraco, quase sem poder andar direito e completamente desanimado. Sentia-se sem esperanças, sem nada. Apenas as lembranças de sua antiga vida estavam sempre com ele; daquela vida para a qual não poderia mais regressar. Abatido ao extremo, percebeu que os únicos momentos de maior alívio eram os que tinha no dia do Evangelho. Naqueles cinqüenta minutos, ficava mais disposto e com a sensação de que ainda poderia ser feliz. Quando o Evangelho terminava, via-se novamente entristecido e sem forças.

Foi aí que os estudos realizados na casa passaram a despertar-lhe maior atenção e compreensão. Devagar, e sem dar-se conta, o rapaz começava a captar as verdades espirituais, com as quais lutara tão teimosamente. Dona Eugênia, intuída pelos espíritos amigos, passou a fazer comentários mais extensos sobre a vida espiritual,

apoiada nas coisas que vinha aprendendo nos livros. Serginho,
apesar

de ainda resistir a aceitar a realidade, percebia que não mais poderia ignorá-la. Dia após dia, foi entendendo alguns fatos que lhe pareciam muito estranhos a princípio, e ficava ansioso para que a noite de Evangelho chegasse.

A medida que compreendia um pouco mais, tomava consciência de sua situação e de como deixara para trás, junto de Lívia, algo importante que desconhecia. Sua condição começou a causar-lhe grande aflição.

Então uma noite, logo após o Evangelho, totalmente esgotado ele orou: "Meu Deus, estou desesperado! Não tenho mais lugar nesta vida, e não quero outra! Me ajude a aceitar o que me aconteceu! Meu Deus, me ajude! Pai Nosso que estás nos céu, santificado seja teu bendito nome"...

Sua súplica era sincera e estava dominado por forte emoção, enquanto copioso pranto lhe banhava o rosto. Ao final da oração, sentiu alguém tocar sua face:

— Finalmente, está começando a compreender, Serginho. Há algo muito melhor aguardando você. Só precisa querer!

— Lívia! Você! Não está chateada comigo por não ter ouvido o que me dizia!¹ Estou envergonhado...

— Não se entristeça por isso. Sei que muitas vezes precisamos ver com nossos próprios olhos para acreditar. Acho que já chega de sofrer, não! Podemos ir?

Serginho levantou-se, auxiliado pela prima. Olhou uma vez mais tudo ao seu redor com carinho e saudade indescritíveis. Era difícil para ele a partida. Ainda desejava ficar.

Foi até o quarto da mãe, que se preparava para dormir. Olhou-a com ternura, e envolveu-a em forte e suave abraço. Depois fitou o pai, que lia, acomodado à cabeceira da cama. Percebeu que uma luz branda banhava aquele quarto. Pela primeira vez, desde que retornara ao lar, enxergava aquela luz suave, que não dependia da

lâmpada nem da claridade do sol. Era uma luz que emanava da própria casa.

Em seguida, foi até o quarto dos irmãos. Acheou-se a Sueli, que dormia calmamente. Beijou-a na face, e ela remexeu-se na cama balbuciando as palavras:

— Eu amo você, Serginho, e sinto saudade. Serginho, que se fazia acompanhar por Lívia, interrogou-a:

— Ela pode me ver?

— Não. Mas como Sueli é sensitiva, percebe-lhe intensamente a presença, mesmo sem ter consciência disso. Você notou como ela se tornou mais triste nos últimos meses?

— E verdade. A mãe ainda comentou isso dias atrás. Vi que estava preocupada com Sueli.

— Pois é, Serginho, essa tristeza é sua.

— Como assim?

— Não é um sentimento propriamente da Sueli, e sim seu. Ela apenas absorve sua tristeza, como um rádio capta ondas magnéticas. A mente dela, especial e preparada para captar as ondas de outras mentes, e afinada como estava com você, apreendeu imediatamente suas emoções. Sueli está adoecendo lentamente. Será muito bom para ela que você se afaste agora, para que possa se recuperar.

Sem dizer nada, ele olhou-a mais uma vez e, afagando seu rosto com delicadeza, disse-lhe:

— Desculpe, Sueli, não queria te deixar triste. Sueli remexeu-se na cama e sorriu, serena.

Depois foi a vez de Fábio. Serginho entrou no quarto e contemplou algumas fotos suas pregadas à parede do quarto do irmão. Quanta admiração nutria por ele! Percebeu o carinho que tinha de toda a família e seu desejo de ficar cresceu ainda mais. Lívia, observando-lhe a dificuldade, abraçou-o e disse:

— Algo muito melhor o aguarda, acredite em mim. Você irá compreender. Depois, no futuro, poderá estar sempre perto deles, você verá!

— Queria falar com minha mãe, dizer quanto a amo... E como sinto por Ihe causar tanta tristeza...Queria dizer a todos eles quanto os amo também...E que continuo vivo!

— Você poderá fazê-lo, no momento certo.

— Promete?

— Prometo. Agora, segure-se em mim e vamos. Serginho deixou-se por fim conduzir pelos braços

firmes da prima e, fechando os olhos, começou a orar enquanto partiam. As lágrimas corriam pelo seu rosto, porém ele não tinha mais forças para resistir. Sabia que precisava aceitar.

O Aprendiz

Terceira Parte

Capítulo 18

Novas lições

A partida foi extremamente dolorosa. Agora que Serginho tinha consciência da sua condição atual, a separação daqueles que tanto amava Ihe dilacerava a alma; era como se um grande machado tivesse feito um buraco em seu coração e retirado dele um pedaço. Que dor no peito, no corpo inteiro!

Ao chegarem na colônia, Lívia levou-o novamente ao pequeno quarto, onde despertara após o socorro inicial, e falando-Ihe com ternura pediu:

— Descanse, você precisa recobrar as forças. Descanse, durma. Você se sentirá bem melhor mais tarde, e então poderemos conversar. Temos tempo para falar. Deve recuperar as energias para que possa compreender o que o espera.

— Não tenho vontade de nada, Lívía; queria que a morte fosse um silêncio profundo, que não houvesse nada...

— Não diga isso, Serginho. Você não sabe o que esta falando. Há vida aguardando por você; novas alegrias, muitas coisas boas... Não se deixe abater dessa forma. Agradeça a Deus por estar aqui, Serginho, entre amigos. Agradeça e não desanime.

Com o olhar cansado e quase sem forças ele balançou a cabeça, envergonhado. Sabia que ela estava certa, e queria confiar no que dizia. Enfiou-se na cama e fechou os olhos, tentando dormir. Seus pensamentos eram confusos e sentia o coração agitado e aflito. Porém, aos poucos, envolvido na suavidade e na serenidade indefiníveis do lugar em que se encontrava, deixou seus olhos pesarem mais e mais e, finalmente, entregou-se ao sono reparador.

Dias mais tarde despertou refeito, recebendo os raios de sol que entravam suaves no pequeno quarto. Levantou-se e procurou água. Ao ver um pequeno jarro com água fresca notou que alguém havia cuidado dele enquanto repousava. Minutos depois Lívía entrou animada:

— Puxa! Que bom que acordou! Esteve dormindo por longo período!

— Quanto tempo? Será que foi por mais um ano e meio?

— Não, claro que não. Dormiu por três dias.

— Menos mal.

— Vejo que já está mais refeito.

— Um pouco, mas ainda sinto uma estranha dor no peito. Quando retornávamos, julguei ser a dor da separação; hoje percebo que é como se meu peito se partisse... Dói muito.

- Precisará de paciência para se recuperar completamente. Isso que você sente ainda  reflexo da forma como desencarnou.
- Como, se este aqui  um corpo diferente, espiritual? Como posso ter a mesma sensao de quando morri?
- Exatamente por isso. A lesão que houve em seu corpo físico afetou seu corpo espiritual, porque ele  matéria, apesar de menos densa.
- Dá pra explicar melhor?
- O perispírito, esse corpo que mantemos quando desencarnados,  semelhante ao corpo físico, só que mais leve, menos material. Ele fica entre o corpo físico e o espírito, fazendo como que uma ponte entre ambos, e completa a composio do nosso ser integral. Tudo que fazemos com o corpo físico deixa marcas no perispírito. Se cuidarmos mal do nosso físico, se, por exemplo, nos entregarmos a vícios que o danifiquem, estes deixarão igualmente marcas profundas em nosso perispírito.
- Quer dizer que ainda tem o espírito?
- Sim, e esse  o mais importante.
- E por que nosso espírito não pode ficar livre de uma vez?
- Porque não podemos viver sem algo de material, ao menos por enquanto.
- Por qual motivo?
- Precisamos nos elevar, nos espiritualizar, adaptando-nos a cada nova condio. Um dia, porém, quando estivermos totalmente purificados, seremos luz. A matéria nos imobiliza, nos protege de nossa própria inconseqncia.
- Como assim?
- Nosso pensamento cria, Serginho. Se o homem encarnado promove tanta destruio com o pouco que consegue usar do seu poder mental, como seria se não tivesse a matéria a dificultar-lhe a manifestao e a movimento do pensamento? A medida que evoluímos, que nos purificamos, vamos nos tornando mais e mais aptos a utilizar a mente para o bem. Deus  sábio, Serginho! Quanto

mais compreendemos suas leis, mais percebemos que infinita é sua sabedoria.

— Como tudo isso é complexo, difícil de entender!

— Vê por que precisamos crescer aos poucos? Até as coisas boas nos causam sofrimentos quando não estamos preparados para elas. Por isso você deve ir com calma. Essa dor será tratada devagar.

— Não dá pra resolver logo? Não tem um remédio que me cure por completo? Ela me incomoda...

— Paciência e trabalho, estudo e compreensão, são algumas ferramentas. Além disso, você passará por alguns tratamentos aqui, recebendo apoio para que possa superar esse sofrimento, que é mais moral do que no próprio perispírito.

— Pera aí, primeiro você me diz que é na matéria, depois que é moral? O que é, afinal?

— Você causou sua morte, lembre-se. Deverá libertar-se da culpa gradualmente. Muitos reencarnam e levam consigo a dor, que no futuro aparece outra vez em seus corpos físicos.

Serginho olhou-a confuso e contrariado. Detestava ouvi-la dizer que fora ele próprio o responsável pelo que sofria, e a dor no peito o afligia ainda mais. Todavia, tentando mudar de assunto, tocou em outro ponto que o intrigava:

— O, Lívía, você tá me deixando confuso, me explica esse negócio de reencarnar, o que significa? E viver outra vez? Como é isso?

— Temos uma reunião agora e é importante que venha. Amigos que o ajudaram o aguardam; será um momento de alegria e bem-estar para você, quando receberá também tratamento para a dor que o aflige. Tenha calma. É necessário que você estude muito para poder entender as verdades espirituais.

— Pensei que ao morrer a gente descobria tudo, sabia tudo... Não pensei que morrer fosse desse jeito...

Lívía sorriu e abraçou o jovem com extremado carinho:

— Você irá se adaptar. Agora vamos. Temos irmãos queridos à nossa espera.

Seguiram ambos para um grande salão onde eram aguardados com ansiedade. Ao percorrer na companhia de Livia as alamedas floridas em que estivera tempos atrás, percebia como aquele lugar era lindo e agradável. Apesar disso, a dor no peito ainda o importunava.

Na reduzida assembléia que os esperava, Serginho recebeu o apoio de amigos e de alguns instrutores da colônia que o auxiliariam em sua adaptação. Após elevada explanação do Evangelho de Jesus e sentida oração que envolveu a todos em luzes suaves e equilibrantes, Serginho foi convidado a conhecer algumas áreas de estudo, onde poderia esclarecer dúvidas com um orientador e desenvolver nova consciência espiritual.

— Há muito que estudar aqui, Serginho, para que você possa realmente se adaptar, retirando o melhor desta experiência. Antes de retornar à Terra, terá a oportunidade de preparar-se melhor, para que sua próxima experiência -isto é, sua próxima encarnação - seja bem-sucedida.

— Vou voltar logo para a Terra?!

— É cedo para saber. Organizar uma reencarnação implica um processo longo e complexo de que participam muitos trabalhadores, bem como altos instrutores da vida espiritual, em particular quando já existe certa lucidez espiritual e o ser que vai encarnar o faz conscientemente.

— Alguns voltam sem querer?

— Muitos. É a reencarnação compulsória.

— E o tal do livre-arbítrio de que a Livia me falou?

— Todos estamos submetidos à Lei Divina, queiramos ou não, e essa lei prevalece sobre nossos caprichos. Muitas vezes, não conseguimos escolher o que é melhor para nós. E a reencarnação é sempre uma grande bênção. Muitos não conseguem compreender e têm de voltar, por ser o melhor para eles em determinado momento.

Serginho manteve-se em silêncio, refletindo nas palavras do instrutor quanto a ter maior sucesso da próxima vez, e também em tudo o que abrangia um processo reencarnatório. Em uma pausa do instrutor, arriscou perguntar:

— Então eu falhei na minha vida, na minha encarnação?

— Todas as vezes em que deixamos a Terra antes da hora, sem ser para o bem geral da Humanidade, nós falhamos.

— Mas isso que vocês dizem não é justo! Eu não tenho culpa do que aconteceu!

— Serginho, você falhou principalmente pela teimosia. Precisa reconhecer o quanto é teimoso! Precisa aprender a admitir suas falhas!

— Eu já estive aqui?

— Antes de reencarnar estive em outra colônia.

— Existem outras?!

— Sim, existem muitas colônias e outros lugares onde os espíritos se demoram nos intervalos de suas experiências na carne.

— Por que, então, não consigo lembrar-me de nada?

— Porque não lhe é permitido, para o seu próprio bem. O mais importante agora, Serginho, é você aproveitar a oportunidade que lhe é oferecida. Muitos que desencarnam em situação semelhante à sua sofrem por tempo prolongado até receberem o socorro. Concentre-se em aprender e agradeça a Deus por essa oportunidade - fruto, é claro, daquilo que já conquistou e da ajuda constante daqueles que o amam e o sustentam com suas orações. Procure trabalhar sua teimosia, começando por aceitar plenamente a nova condição.

Serginho não tinha o que responder, diante da firmeza com que o amigo o orientava. Ainda que envolvesse aquela orientação em amorosa doçura, não lhe subtraía de forma alguma a seriedade com que era pronunciada.

Ao regressarem, Lívía os esperava à porta.

— Por ora, aceite só mais um conselho: aproveite enquanto tem Lívía ao seu lado, pois ela ficará conosco por pouco tempo.

Serginho agradeceu e despediu-se do amigo que o alertava, apesar de se sentir entristecido pelas palavras que dele ouvira. Entristecido e contrariado.

— Você vai embora, Lívía? Para onde? Não mora aqui?

— Não, Serginho. Moro em outra colônia espiritual, mas tenho ainda algum tempo para estar com você. Vamos aproveitar.

— E onde mora?

— Como você é curioso, não ? Quer saber tudo de uma só vez! Calma!

Seguiram os dois pela alameda que levava ao quarto de Serginho. Ao retornarem, ele se deu conta de que o lugar era uma espécie de ambulatório, com muitos quartos e inúmeras pessoas que pareciam médicos e enfermeiros a entrar e sair do prédio.

—Vejo você mais tarde.

Serginho abraçou a prima sem dizer nada e entrou no quarto que o abrigava.

Capítulo 19

Uma inspiração

Entrou lento e cabisbaixo. Sentou-se na cama e ficou observando as paredes, os poucos móveis e objetos que havia no quarto. Pensou nas palavras que há pouco escutara sobre ter falhado em sua vida. Sentia-se traído por algo que desconhecia. Não conseguia aceitar que fora responsável pela própria morte. Mesmo entendendo, não aceitava. Relutava contra a nova situação e saber-se criador dessa

realidade lhe doía profundamente: "Como pode ser isso? Que coisa terrível! Então eu fui o culpado?".

Subitamente, lembrou-se de Paula e a dor no peito aumentou. "Onde será que a Paula está? Puxa, coitada... Será que ela tem recebido ajuda como eu?".

Por alguma razão ignorada, temia que Paula estivesse sofrendo tanto ou mais do que ele. Pensou longamente na namorada e no quanto gostava dela, ficando ainda mais entristecido.

Depois de muito meditar, sentado em sua cama, resolveu sair para um breve passeio. Embora fraco, caminhou até um banco do jardim ao lado de seu quarto. Contemplou o céu que escurecia aos poucos, anunciando o anoitecer. Uma brisa suave soprava. Serginho recordou-se de casa, da família, enfim, da vida que deixara, e chorou amargamente, quase arrependido pelas atitudes que acabaram por levá-lo àquela situação. Depois de muito chorar, retornou ao quarto, pois as dores no peito se haviam intensificado.

Não obstante o bem-estar que o ambiente em redor lhe proporcionava, sua alma estava em conflito e dolorida. O despertar da consciência no tocante às conseqüências dos próprios atos impensados fazia brotar em sua alma a culpa, e uma nova dor surgia.

Depois que a noite desceu por completo, exaurido, voltou ao quarto. Estava exausto e sabia que precisava repousar. A noite lhe pareceu mais longa e angustiante. Durante o repouso, cenas do acidente se repetiam diante de seus olhos. Revia sua família e outras lembranças misturavam-se às imagens.

Ao acordar na manhã seguinte, sua angústia não havia diminuído, nem era menor a dor que lhe dilacerava o peito.

Lívia encontrou-o muito abatido. Preocupou-se de imediato. Sabia que o primo necessitava despertar, abrir sua mente, mas que junto com o despertar vinha também a consciência dos próprios atos, e isso era, com freqüência, por demais doloroso.

— Não vai levantar-se hoje?

— Não tenho vontade. Sinto-me tão angustiado que não dá vontade de nada. Acho que estou deprimido...

— Quem diria!? Você, deprimido?

— Por que diz isso?

Ora, você sempre foi tão alegre, tão otimista! Precisa encontrar forças para lutar com esses sentimentos, Serginho! Precisa reagir.

— É que tudo me parece tão difícil, Lívia! Não sei ao certo lidar com esta nova vida, a falta da vida que deixei me pesa, não sinto forças para vencer esta dor, e tenho tanta saudade de todos, de Paula... Tudo me parece dor e sofrimento...

— Depende de como você encara essa nova vida. Se puder vislumbrar quanto tem para aprender, para descobrir, dentro de um novo universo de possibilidades que se descortina para você...

— Não sei onde está esse universo de possibilidades de que fala... E ainda por cima você vai embora, vai me deixar aqui sozinho... O que vai ser de mim, meu Deus?

— Calma, não vou imediatamente, ainda temos algum tempo. Por isso quero que se anime, para que possamos conversar, para que você possa aprender e descubra esse novo mundo de oportunidades...

— Não consigo...

Lívia olhou pensativa para o primo. O que fazer para auxiliá-lo? Teve então uma idéia.

— Serginho, talvez uma viagem lhe faça bem. O que acha?

— Uma viagem?

— Sim! Que tal conhecer um lugar muito bom?

— Sei lá! Que lugar é esse?

— Existe uma colônia muito linda, um lugar interessante, que creio que você gostaria de conhecer. E há uma pessoa com quem eu queria muito que você conversasse.

Lívia levantou-se e foi até a porta.

— Volto em um instante.

De fato, alguns minutos depois ela reaparecia satisfeita.

— Está aprovada. Nossa viagem está aprovada. Vamos! Levante-se, vai conhecer um lugar maravilhoso!

— Não sinto vontade.

Lívia sentou-se calmamente ao lado do primo e, colocando a mão em sua testa, orou em silêncio por algum tempo. A medida que orava, luzes partiam de seu coração e envolviam o primo, que atônito observava o fenômeno. Ele ameaçou perguntar algo, e ela, num gesto, pediu que ficasse quieto. Ao final daquela curta sessão de passes fluídicos, Serginho já se sentia mais animado.

— O que foi que fez comigo, Lívia? Que luzes foram aquelas?

— Foi só uma transmissão de energias de amor e carinho, para fortalecê-lo.

— Mas que lindo! Tantas luzes...

— O lugar para onde estamos indo é muito mais iluminado. Você vai gostar, pode ter certeza!

Mais animado, Serginho levantou-se.

— Então vamos, estou curioso para conhecer esse lugar!

Lívia pediu que segurasse em seus braços, porque iriam voitar até a outra colônia; flutuariam pelo ar, como haviam feito da Terra até o local onde se encontravam. E concluiu:

— Precisa também se manter em oração o tempo todo. Pensar somente em Jesus e orar para que nos ampare nesta viagem. Do contrário, não conseguiremos chegar.

Serginho, sério e compenetrado, concordou e iniciaram a viagem.

Capítulo 20

Morada luminosa

Ao se aproximarem da colônia, Serginho surpreendeu-se com a luminosidade que dela emanava. Ao tocarem o solo, ele se assustou: Lívia igualmente resplandecia aos seus olhos; quase não podia olhar para ela.

— Lívia, o que aconteceu com você? Como brilha!

A jovem apenas sorriu e continuou caminhando. A beleza da cidade era algo inacreditável para Serginho. Ele nunca poderia imaginar que houvesse um lugar tão lindo e inexplicavelmente elevado. Tinha um brilho intenso, cores fortes, tudo ali era cheio de vida, cheio de energia.

Lívia caminhou com o primo, apresentando-lhe a colônia. Mostrou-lhe lagos, rios, parques e cachoeiras. O ambiente era agradável, com arquitetura harmoniosa e organizada, vibrante de atividades e pessoas que transitavam para todos os locais. Os semblantes eram invariavelmente suaves e alegres. Lívia conhecia muita gente, pois todos a cumprimentavam à medida que caminhavam. Alguns se demoravam um pouco mais, querendo notícias:

— Então, esse é o Serginho?

— Sim, Marcos, é meu primo.

— Que bom vê-lo recuperar-se! Estamos todos orando muito por você, para que brevemente esteja bem.

Serginho olhou sério para os dois homens que acompanhavam Marcos. Seus rostos lhe pareciam conhecidos. Fitou-os tentando lembrar. Adivinhando seus pensamentos, um deles lhe disse:

— Você realmente nos conhece. Encontramo-nos várias vezes em sua casa, durante o Evangelho no Lar que sua mãe realiza.

— E verdade!

— Eu sou Marcos e este é Antônio.

— Aqui vocês brilham ainda mais do que lá! Como Lívia. Nunca a vira tão brilhante! Por quê?

Todos sorriram sem responder. Pela segunda vez, ninguém lhe explicava o estranho fenômeno.

Despediram-se. Lívia e Serginho prosseguiram com a visita. O jovem se mostrava fascinado por tudo que via. A dor em seu peito havia desaparecido. O bem-estar e a leveza que sentia naquele ambiente eram absolutamente novos para ele. Jamais imaginara existir tal lugar.

— Isto aqui é o céu, Lívia?

— Não, longe disso. Muito longe disso! É uma colônia onde moram espíritos um pouco mais esclarecidos do que os que estão no posto de resgate onde você se encontra. Aqui já temos maior consciência das verdades espirituais e uma predisposição constante de ajudar, de trazer mais criaturas para perto de Deus. O amor também é mais puro, por isso nos sentimos tão felizes neste ambiente.

— Então, se isto não é o céu... como será ele?!

— Serginho, há inúmeras outras cidades onde residem seres mais evoluídos, onde o bem-estar e a beleza são nitidamente maiores. Onde só há alegria, paz e... muito, muito trabalho. O trabalho em favor da Humanidade não cessa nunca; pelo contrário, é mais intenso à medida que os mundos são mais esclarecidos no amor a Deus. Nos mundos evoluídos, a Lei Divina é vivida por todas as criaturas. E por isso neles não há dor, nem egoísmo, nem orgulho, nenhum sofrimento proveniente dessas falhas humanas. A Lei Divina governa todas as mentes e todos os corações; por conseguinte todos são felizes e úteis, realizando importantes tarefas no sentido do progresso geral do Universo. E seguem cada vez para mais perto do Pai. "Na casa de meu Pai há muitas moradas", disse-nos Jesus. Essas colônias¹⁰ e cidades espirituais são todas moradas do Pai, abrigando almas em diferentes estágios de evolução.

Serginho ouvia tudo atentamente, fascinado pelas palavras de Lívia. Já podia imaginar a beleza de tais lugares, e sua curiosidade se agigantava.

— Não podemos ir a um desses lugares?

— Não, ainda não.

— Por que não? Não é só irmos voando para essas outras cidades?

— Não, Serginho, não é assim que funciona. Nosso passaporte para essas cidades evoluídas é nosso progresso moral, o progresso da nossa alma¹¹. Só crescendo no bem, no amor, no serviço a Deus e ao próximo, poderemos, um dia, empreender a viagem por nós mesmos.

— Mas não conseguimos vir até aqui?

— Eu moro aqui, Serginho, portanto posso chegar a esta colônia sem maiores dificuldades. Esta é minha casa. Mas para ir a lugares elevados necessitamos de preparo adequado e da ajuda dos que já conquistaram o direito de viver acima daqui.

Serginho olhou-a, pensativo. Então ela vivia naquele lugar maravilhoso! E irradiava aquela luz suave e doce... Pela primeira vez deu-se conta de quanto Lívia era especial e suspeitou do tamanho dos benefícios que recebia. Lívia concordou:

- Sim meu querido, você recebeu muita ajuda. Compreende agora porque não deve deixar a oportunidade escapar? Precisa aproveitar para crescer, e para ser útil! Precisa aprender a ajudar, a doar um pouco de você aos outros. Assim e somente assim, vai crescer interiormente e começar a entender com o coração aquilo que não pode ser ensinado apenas com palavras. Precisa amadurecer...

- E como posso fazer isso, Lívia? Eu gostaria tanto de viver aqui com você! Mas sinto que não seria capaz de viver em um lugar tão equilibrado.

- Você poderá, um dia, elevar suas vibrações, purificar seus sentimentos e fazer do amor desinteressado ao próximo o seu sentimento dominante. Nesse dia, quando vibrar em seu íntimo o

amor a Deus e aos nossos irmãos de humanidade, você estará preparado para viver em moradas mais abençoadas.

- E como fazer isso? Como melhorar? O que preciso fazer? Quero melhorar, Lívia, para viver em um lugar maravilhoso como este e conhecer outros mais legais ainda! Puxa, como será o céu então?

- Não temos capacidade sequer de imaginar como são os mundos em grau evolutivo imediatamente superior ao nosso, quanto menos recursos para supor, de longe, como pode ser a morada de Deusa e dos seres perfeitos que gravitam à sua volta. Temos muito que trabalhar para nos aprimorarmos, estamos muito, muito longe...

E o que devo fazer Lívia? O que posso fazer para melhorar, para crescer?

- Está disposto a pôr a mão na massa? A trabalhar para o bem do próximo? De verdade?

- Estou. Quero vir logo para este lugar e viver aqui com você! Quero fazer o que for preciso!

- Pois bem. Vamos conversar com alguém que também reside aqui. Ele é meu instrutor, mentor de meu desenvolvimento. Vamos procurá-lo. Por certo nos auxiliará com alguma idéia do que você poderá fazer para se aperfeiçoar, do tipo de trabalho que poderá ajudá-lo nessa nova experiência.

Os dois seguiram por larga alameda cercada de árvores frondosas.

¹⁰ Colônias espirituais: mais informações em notas complementares

¹¹ Ascensão do espírito a mundos superiores: idem.

Capítulo 20

Uma nova chance

Enquanto caminhavam, Serginho ficava mais ansioso. Decidira fazer tudo que lhe dissessem desde que pudesse ir logo para aquele lugar maravilhoso. Encantava-se a cada paisagem, a cada novo prédio que via e a cada semblante que divisava. Ele percebia que eram todos ocupados e compenetrados, diferentemente das pessoas que encontrava nos arredores do ambulatório onde se recuperava. Lá observava dor e angústia em muitas faces. Na colônia que ora visitavam todos lhe pareciam felizes e entusiasmados.

Ao se aproximarem de grande edifício, Livia olhou firme para o primo e alertou-o:

— Serginho, você tem contado com muita ajuda. Agora busque dentro de você toda a força de que sua alma dispõe para aproveitar essa oportunidade da melhor maneira possível. Não sabemos qual será a orientação que receberá; pode ser uma instrução de que não goste, ou de que discorde. Mas ao invés de retrucar e recusar, fique calado, medite e tente entender. Aqui queremos somente o seu bem, mesmo que pareça um tanto incompreensível em um primeiro momento. Prometa que vai controlar seu temperamento, vai procurar ouvir atentamente e agir com cautela. Serginho abraçou a prima, agradecido:

— Não se preocupe, Livia. Vou aceitar o que me oferecerem, seja o que for. Faço o que for preciso para melhorar.

Livia sorriu e entraram em busca do seu mentor. Clarêncio os aguardava em uma sala, cercado de muitos livros. Eram títulos e mais títulos enfileirados em prateleiras, como em uma biblioteca. Serginho notou que alguns livros brilhavam como se tivessem luz própria. Foram recebidos calorosamente:

— Livia, que bom vê-la! E esse é Serginho?

— Serginho - disse ela, em tom de respeito e quase cerimônia -, este é meu amigo e mentor, Clarêncio, que tem orientado minha trajetória.

— Prazer, seu Clarêncio.

— Não precisa me tratar de senhor, não. Pode me chamar só pelo nome.

— Está bem. É que Lívía fala em você com tanto respeito...

— Lívía é um doce. E então, como vamos ajudar? Lívía ajeitou-se em uma cadeira, Serginho em outra, e

os três iniciaram uma conversa que durou longo tempo. Lívía contou em detalhes tudo que o primo estava experimentando e mencionou seu desejo de progredir depressa, de crescer, descobrindo como poderia colaborar para o bem comum.

Clarêncio, que já conhecia a história do rapaz, seguia atentamente as experiências narradas por Lívía. Serginho reafirmou seu intento:

Sabe, Clarêncio? Quero vir morar junto com Lívía. Este lugar é especial, nunca vi nada semelhante, e quero vir

para cá. Sinto-me tão bem aqui que até as dores no peito, que tanto me incomodam, desapareceram.

— Compreendo, Serginho.

— Quero vir logo, entende? Desejo muito morar em um lugar lindo assim!

Lívía e Clarêncio se entreolharam em silêncio, ouvindo Serginho discorrer sobre sua vontade de mudar-se em breve para aquela colônia encantadora. Após terminar seu pequeno discurso, ele olhou com ansiedade para Clarêncio, que permaneceu quieto alguns minutos. Depois se levantou calmamente, foi até a janela de sua sala, que dava para um grande lago, e continuou em silêncio, meditando. Serginho, cada vez mais ansioso, olhou para Lívía e cochichou:

— Qual é o problema?

— Espere, Serginho! —Mas...

Clarêncio voltou-se para o rapaz e lhe perguntou:

— Você tem certeza de que quer fazer qualquer coisa, submeter-se a qualquer aprendizado para melhorar?

— Sem dúvida! Aquilo que me fizer chegar aqui mais rápido, é o que mais quero.

— Pois bem, creio que temos um trabalho apropriado, que irá exigir muito de você, Serginho. Inicialmente, receberá um treinamento detalhado, um preparo para exercer sua nova atividade. Depois passará por alguns estágios, sendo acompanhado por Lívia em suas primeiras atividades, e se for diligente e obtiver bons resultados poderá enfim assumir sua nova função. Entretanto, se durante o treinamento e a preparação não se empenhar o bastante, não será considerado apto a realizar essa tarefa.

— Não tem problema, eu me preparo, faço o que for exigido. Qual é a atividade, afinal?

Clarêncio fitou Lívia, que sorriu satisfeita, compreendendo sem necessidade de palavras o que Clarêncio pretendia.

— Você será um aprendiz de anjo da guarda.

— Um anjo da guarda¹²? Que máximo! De quem?

— Um aprendiz, Serginho, por enquanto só aprendiz; vai exercitar e aprender para um dia, dependendo do seu desenvolvimento espiritual, se tornar um verdadeiro anjo da guarda.

— Tudo bem, um aprendiz, mas para cuidar de quem?

— Quando estiver em treinamento deverá dedicar-se a diferentes pessoas. Muitos são os que precisam de ajuda, e assim você irá exercitando antes de assumir um protegido com exclusividade.

— Tudo bem! Para mim está ótimo! Quando começo?

— Logo que retornarem ao seu núcleo de recuperação, amanhã mesmo, começará o seu treinamento. E o resto dependerá de sua aplicação. Quanto mais se dedicar, estudar, procurar aprender, mais cedo estará preparado para começar suas atividades.

— Puxa, Clarêncio, como posso agradecer? Aceito de todo o coração a excelente oportunidade. Tenho certeza de que conseguirei

aprender rápido e logo estarei aqui, vivendo neste lugar magnífico com você e Lívia.

Clarêncio abraçou o rapaz, desejando-lhe muita força, e já saíam quando enfatizou:

— Seja paciente, Serginho, pois o processo é longo. Seja paciente e perseverante.

Despediram-se e iniciaram a viagem de regresso. Crescia em Serginho o anseio por começar o treinamento.

— Lívia, o que faz exatamente um anjo da guarda?

— Ajuda as pessoas, Serginho.

— Ajuda como?

— Você irá descobrir tudo através de seu treinamento.

— Você já fez esse curso?

— Já, e aprendi muito.

À medida que se afastavam da colônia onde Lívia vivia ressurgiam as dores no peito de Serginho. Quando chegaram ao núcleo de recuperação, as dores já incomodavam o rapaz como antes.

— A dor voltou, Lívia.

— Eu sei. Tenha paciência, com calma e determinação você superará isso. Ore, Serginho, dedique algum tempo à oração, para colher os benefícios maravilhosos da prece.

— Vou tentar.

— Precisa exercitar a oração para que possa ser um bom aprendiz. Sem orar, não realizamos nada.

Serginho olhou-a sério. Começava a desconfiar, ainda que ligeiramente, de que aquela atividade iria exigir dele mais do que gostaria.

— Amanhã começa seu curso. Venho cedo para acompanhá-lo. Descanse, precisa se refazer.

¹² Anjos da guarda e espíritos protetores: mais informações em notas complementares

— Obrigado por tudo, Lívía, você é um anjo. Sorrindo Lívía lhe disse, espirituosa:

— Agora você também será um! Ainda que, por enquanto, aprendiz...

Ele sorriu contente e entrou em seu pequeno quarto. No dia seguinte estava em pé bem antes de Lívía chegar. Imaginava como seria o curso e o que iria aprender. A prima o encontrou ansioso e aflito:

— Lívía, o que vou aprender nesse curso, como ele é?

— Tenha calma, você verá.

Foram juntos até o prédio onde acontecia o treinamento. Lá se dirigiram a uma pequena sala na qual algumas pessoas, sentadas, aguardavam o início da aula. Lívía despediu-se do primo, desejando-lhe sucesso na nova tarefa.

Serginho ajeitou-se inquieto na cadeira, observando todos à sua volta. Eram pessoas de idades diferentes. Algumas aparentavam dor e angústia; outras, uma resignação apática. Supunha que num curso como aquele os participantes estariam mais animados e alegres. Afinal, seriam anjos da guarda!

O instrutor do curso apresentou Serginho a todos os membros daquela turma, que já estava em pleno andamento, e orientou-o:

— Para acompanhar os outros, precisará estudar os assuntos pelos quais eles já passaram. Ao final da aula, ficamos um pouco mais e lhe dou a bibliografia que deverá estudar, pesquisar, para alcançar a turma. Tudo bem?

Serginho balançou a cabeça concordando, embora um tanto assustado. Quanto teria de estudar?

Naquele dia, saiu dali carregado de livros. Deveria lê-los e meditar sobre as lições. Alguns seriam de vital importância em suas tarefas, como por exemplo "Os Mensageiros", de André Luiz. Ele deveria estudar, anotar todas as suas dúvidas e tirá-las ao término de cada aula. O instrutor se oferecera para ficar todos os dias até mais tarde, ajudando-o até que alcançasse o restante da turma.

Já em seu quarto, fechou a porta, sentou-se em uma cadeira e suspirou:

— Puxa vida, que trabalhadeira!

Olhou desanimado para a pilha de livros sobre a mesa e procurou decidir qual seria o primeiro. Caminhou até a janela e ao voltar viu sobre a cama outro livro e um bilhete:

"Comece por este. Lívia."

Serginho pegou o livro e folheou-o. Ele o conhecia: era "O Evangelho segundo o Espiritismo". Sentou-se na beira da cama e recordou o carinho da mãe, estudando aquele livro em sua casa, nas noites de Evangelho. Abriu-o no princípio e leu o resto da tarde.

Ao anoitecer, Lívia apareceu e saíram para um passeio. Serginho estava de novo abatido e cansado.

— Quando irei melhorar, Lívia? Quando?

— Seja paciente. Precisa ler, meditar e, acima de tudo, orar. Busque Deus de todo o seu coração, Serginho. Ele vai te ajudar, como já está ajudando.

— Eu sei. É que queria melhorar mais rápido!

— Fique calmo, o importante é estar no caminho certo.

Os dias tornaram-se uma rotina de estudos, leituras e longas caminhadas ao lado de Lívia. Serginho sentia-se freqüentemente desmotivado. Queria fazer coisas diferentes, conhecer lugares, queria novidades! E muitas vezes ameaçou desistir. Aquela história de ficar estudando e estudando era cansativa. Tudo bem que aprendia coisas interessantes, mas...

Lívia procurava estimulá-lo, incentivá-lo para que não desistisse:

— Não são apenas coisas interessantes, Serginho, são extremamente necessárias para que possa auxiliar as pessoas e saiba cuidar de você ao mesmo tempo. Estará num ambiente mais denso e pesado do que aqui. Precisa aprender a se proteger. Não desanime, você prometeu ser paciente.

— Tá bom! Vou continuar tentando.

Para Serginho os dias se arrastavam. Ele estudava, meio a contragosto, pois desejava mesmo emoção, aventura e ação! O estudo lhe parecia cansativo e chato; porém, como não tinha outro jeito, lia e assistia às aulas com maior ou menor atenção, conforme o dia.

Dois meses depois Serginho alcançou a turma e gradativamente seu interesse se acentuou. Já era capaz de concentrar-se um pouco mais nas aulas, quando o instrutor anunciou que começaria uma nova fase no curso. Passariam metade do tempo estudando a parte teórica, como já vinham fazendo, e a outra metade seria dedicada à prática.

Serginho vibrou! Finalmente alguma ação!

Encerrada a aula, vários servidores mais experientes juntaram-se aos que principiavam os passos na tarefa de doar-se.

Lívia acompanharia Serginho em seus primeiros exercícios práticos. Ele ficou radiante!

Capítulo 22

Experimentando

Após algumas instruções e recomendações, Serginho e Lívia deixaram a sala de aula, preparando-se para o primeiro exercício prático. Caberia a Lívia avaliar o desempenho do primo.

— E qual será a missão, você já sabe? - perguntou Serginho, curioso.

— Sim.

— É importante? O que vamos fazer?

— Todas as ações de auxílio ao próximo, grandes ou pequenas, são importantes, Serginho. Pequenas ações somadas vão construindo

um grande processo. Lição número um: nunca despreze uma oportunidade de auxílio, seja do tamanho que for.

— Certo, já entendi. E qual será nossa missão?

— Lembra-se do motorista do ônibus em que você bateu com a moto?

— Claro que não! Como vou lembrar?

— Não lhe falei que ele trazia na alma uma culpa oculta, achando-se responsável pelo que aconteceu a você e a Paula?

— Sim, e aí?

— Vamos ajudá-lo. Será sua primeira missão.

— Ajudá-lo em quê?

— A libertar-se de uma culpa que não necessita nem deve carregar.

— E quanto a Paula? Pensei que fôssemos ajudá-la. Você disse que ela não está bem...

— Não está, porém o momento adequado não chegou.

— Por que não?

Lívia fitou-o quase zangada e disse:

— Você estudou muitos casos e sabe que cada coisa tem sua hora. Levaremos o auxílio a Paula, quando ela estiver em condições de recebê-lo.

Serginho calou-se, relembrando exemplos e mais exemplos estudados. Sabia que Lívia estava certa. Então, esboçou um sorriso e afirmou:

— Tudo bem, Lívia, tem razão. Como se chama mesmo o motorista?

— Adalberto. Por hoje, descanse. Partimos pela manhã. Serginho beijou-a carinhosamente no rosto ao se despedirem.

Já deitado, ficou a pensar no motorista, tentando recordar o acidente. Aquelas lembranças lhe causavam dor e angústia; buscou afastá-las da mente e adormeceu. Em sonho, reviu o acidente e o semblante do motorista lhe apareceu nítido, como se o conhecesse.

Bem cedo, Lívia e Serginho partiram. Não demorou muito e entravam em pequena casa na periferia de São Paulo. Tratava-se de

uma casa modesta, mas cuidada com carinho. Uma jovem preparava o café da manhã para duas crianças.

— Venha até o quarto. Adalberto está dormindo. Ele trabalha a noite toda e dorme durante o dia.

Quando se aproximaram, Serginho assustou-se ao perceber a ansiedade e a opressão energética na região do peito do homem.

— Vê essa área escura no peito e envolvendo toda a cabeça dele?

— Sim. Ele está angustiado.

— Não conversa com ninguém, não consegue externar seu sentimento de culpa pelo que ocorreu a você e a Paula, e isso está prejudicando a vida dele. A culpa reprimida e dissimulada faz com que se sinta inseguro para dirigir e já lhe ocasionou vários problemas. Instala-se lentamente uma síndrome do pânico que poderá, se não for tratada, comprometer sua vida. Agora entende por que precisamos ajudá-lo?

Serginho comoveu-se. Em seus olhos brotaram lágrimas que não controlou. "Pobre homem - pensava -, não teve culpa alguma e cobra-se...".

Lívia notou a compaixão que crescia no coração do rapaz e ficou feliz.

— Como vamos ajudá-lo? - foi a pergunta que ouviu.

— Você vai conversar com ele.

— Eu? Como?

— Vamos conduzi-lo a um núcleo espírita sério, onde este tipo de tarefa se desenvolve, e lá você lhe enviará uma mensagem. Devidamente preparado, a mensagem cairá nele como um bálsamo reconfortador e limpará toda a dor que sente. Por outro lado, receberá auxílio magnético, através dos passes, para restaurar completamente a energia em seu campo perispiritual.

Por meio da intuição de uma amiga do casal, a esposa de Adalberto foi orientada a levá-lo a um núcleo espírita. A princípio ela relutou um pouco, pois não conhecia nada sobre o Espiritismo e tinha medo; além do mais, não tinha idéia alguma do que se passava no

íntimo do marido. Para ela, tudo estava normal. Ainda assim, cedendo à orientação da amiga em quem confiava muito, e por quem já havia sido amparada em outros momentos, conversou com o marido.

Adalberto, apesar de estar sendo envolvido pelas energias de Lívía e pelo carinho de Serginho, relutava. Não aceitou o que a mulher lhe sugeriu.

— Imagina se tem cabimento, Matilde, eu ir a um centro espírita. Deus me livre! Fazer o quê?

— A Alice falou que alguma coisa insistente lhe diz que devemos ir. Ela garante que isso é sempre sinal de que algo diferente está acontecendo. Acho que deveríamos ir, Adalberto.

— Não, de jeito nenhum! Não gosto disso. E pra quê? Não vamos, não.

Lívía e Serginho intensificaram seus esforços. Oravam constantemente ao lado da cama de Adalberto, buscando fixar-lhe na mente a idéia, sem sucesso.

— Puxa, Lívía, que dificuldade! E se ele não quiser mesmo ir?

— Teremos de respeitá-lo.

— E desistir?

— Não. Poderemos tentar outras alternativas, que talvez não tragam os melhores resultados.

Felizmente a esposa de Adalberto não desistiu. Continuou falando no assunto com o marido, que algumas semanas depois, para livrar-se da chateação insistente dela, acabou cedendo. Serginho e Lívía ficaram plenamente satisfeitos. Serginho poderia, afinal, transmitir àquele homem o que era necessário.

Na mesma noite, Serginho e Lívía dirigiram-se ao núcleo espírita, onde já haviam estado diversas vezes em atividades de preparação. Lá passaram a noite e o dia seguinte trabalhando, junto com os demais colaboradores da casa.

Matilde e Adalberto chegaram no horário, com a amiga. Uma ansiedade inexplicável tomou conta dele. Sentia uma expectativa

por algo que não sabia definir. Sentou-se e permaneceu calado. Profundamente influenciado por Livia e Serginho, e também por seu protetor espiritual, que cooperava com os dois jovens, pensou com insistência na noite do acidente e viu claro, pela primeira vez, como a culpa o estava angustiando. Argumentava consigo próprio que não tivera culpa alguma, mas sentia que ela estava lá.

Em determinado ponto do trabalho Serginho acercou-se do médium que recebia mensagens e envolveu-o com carinho, da forma que aprendera. Havia treinado muito, no decorrer de todas as semanas em que vinham trabalhando, pois Ihe parecia demasiado difícil passar suas idéias àquele médium, não obstante ser ele tão experiente e dedicado. Serginho tinha dificuldade em Ihe transmitir seus pensamentos; sabia que era dele o problema, não do médium.

No desejo sincero de auxiliar Adalberto, a quem se afeiçoara, esforçou-se o máximo que pôde e finalmente a comunicação aconteceu.

'Adalberto

Não se torture inutilmente. Você não teve nenhuma culpa. A responsabilidade foi minha e o que houve foi uma fatalidade. Não se torture mais. Estou me recuperando e você vai me deixar muito feliz se esquecer de vez aquele acidente e libertar seu coração dessa culpa inútil. Cuide de seus familiares com amor, conforme eles merecem.

Muita paz. Serginho."

Quando Adalberto ouviu a mensagem, sentiu uma explosão de alívio em sua alma. Compreendeu que o jovem acidentado estava presente, oferecendo a ele compaixão e amparo. Chorava como criança, vendo-se liberto de um pesado fardo. Matilde suspeitou do que se tratava, enquanto Alice, que desconhecia por completo o ocorrido, quis saber maiores detalhes.

¹² Anjos da guarda e espíritos protetores: mais informações em notas complementares

Terminado o trabalho da noite, Adalberto contou a todos o que vinha sofrendo e afirmou que aquela mensagem lhe havia trazido alívio e alegria novamente; livrara seu coração daquele peso que sentia desde que soubera da morte do rapaz no acidente.

Nas semanas seguintes, Lívía e Serginho assistiram o motorista de perto, até constatarem sua completa recuperação e seu reequilíbrio psíquico e emocional. A tarefa estava concluída.

— Bem, Serginho, hora de retornarmos. Como se sente?

— Estou bem. Embora as dores no peito ainda me incomodem bastante, sinto-me feliz.

— Vai melhorar cada vez mais, pode acreditar. Lívía e Serginho deixaram a crosta da Terra e retornaram à colônia de recuperação onde o rapaz se preparava. Satisfeita, Lívía cumprimentou o primo:

— Parabéns, saiu-se bem em sua primeira experiência.

— Você acha mesmo?

— Acho. Um pouco impaciente às vezes, mas foi bem. Acho que conseguiu ter noção das dificuldades que vai encontrar. Sabe que, no caso de Adalberto e Matilde, seus corações simples e amorosos nos permitiram ajudá-los prontamente. Não será assim com todos. Só os que têm coração puro e fé sincera nos possibilitam uma ligação rápida, e aí os resultados são mais eficazes. Há situações em que a nossa assistência, infelizmente, sequer se faz percebida.

— É, estudamos casos assim nas aulas. No entanto, verifico que aqui, em contato direto com as emoções das pessoas, tudo pode ficar mais difícil.

Sim, você compreendeu. Depende muito deles, da disposição de cada um para receber ajuda, de como deixam a fé crescer em seus corações e mantêm a esperança acesa. De qualquer modo, não se preocupe. Seu aprendizado está apenas começando. Esse foi um exercício pequeno e simples. Sua primeira tarefa como aprendiz de anjo da guarda está sendo planejada.

— Vamos poder socorrer Paula?

- Acredito que ainda não... O que não impede que a ajude desde já, orando por ela.
- Já estou fazendo isso.
- Ótimo, então persevere. O momento chegará e você precisa estar bem preparado.

Capítulo 23

A primeira missão

Na sala, grande expectativa pairava no ar. Os aprendizes ansiavam por ouvir seus acompanhantes e, sobretudo, por saber o que viria a seguir.

Lívia fez uma avaliação detalhada da experiência e do desempenho do primo, que ficou surpreso ao ouvi-la. Suas deficiências e dificuldades, apontadas com gentileza e carinho, foram relatadas para que ele pudesse aprimorar-se. Serginho se chateou ligeiramente; contudo, notou a ternura de Lívia, e entendeu que era para seu bem.

No final, feitas as avaliações, todos iriam prosseguir com as aulas teóricas. Em algumas semanas, a primeira tarefa seria entregue a cada um. Serginho ficou frustrado. Gostara de sua experiência, e queria mais ação. Acabrunhou-se na cadeira e ficou sério. "Quando poderei voltar a agir?" - pensava, aborrecido. Lívia, que deixava a sala, censurou-o com o olhar. Ele compreendeu e disse baixinho:

— Eu sei. Paciência... Paciência!

Lívia saiu e deixou-o com suas aulas.

Sucediam-se as semanas e a expectativa de Serginho aumentava. Depois de vivenciar algumas dificuldades que suas novas tarefas lhe apresentavam, estudava com mais afinco. A despeito disso,

sentia-se desgostoso. O tempo passava e nada de chegar o momento de agir.

Certa manhã, resoluto, foi falar com o instrutor. Considerava que deveriam começar logo, que já estavam prontos.

— Sei quanto apreciou sua experiência; o que precisa entender é que ela se deu sob condições fortemente controladas e num caso bem simples. Nem todas serão assim. Você enfrentará situações muito mais complexas e precisa estar bem preparado; do contrário poderá haver prejuízo tanto para você como para aqueles a quem irá auxiliar. Ainda não está pronto. Deve estudar mais, instruir-se melhor.

— Mas não será uma tarefa acompanhada pela Lívia?

— Amparada, não totalmente acompanhada.

— Como assim?

— Lívia estará presente parte do tempo, dando as orientações e as instruções, porém a tarefa será realizada por você. E creia-me, você sentirá a diferença.

— Eu sei. Lívia é experiente e tem luz própria.

— É, você captou o que eu quis dizer. Tenha paciência. Continue estudando com calma, o momento certo se aproxima.

— Ao menos dá para saber qual será a tarefa?

— Ainda não. Você saberá quando chegar a hora. Serginho continuava acabrunhado e contrariado.

Apesar do gosto que vinha pegando pelo estudo, fazer as coisas, estar em contato com as pessoas, era muito mais interessante e estimulante. Por outro lado, sabia que naquele curso a disciplina era fundamental. Messias, sempre atencioso e afetuoso, era ao mesmo tempo extremamente disciplinado e rigoroso, levando tudo a sério.

Dias, semanas se passaram, repletos de aulas e mais aulas, livros e mais livros. Complementarmente, algumas viagens à Terra para observação e aprendizagem, rápidas incursões com a turma toda para estudar alguns exemplos práticos. Serginho era o mais animado nessas viagens. Para ele, ainda que fossem curtas, já eram

alguma coisa. O grupo tirava importante aprendizado dos processos examinados.

Enfim, para entusiasmo e alegria gerais, o grande momento foi anunciado. Teriam as aulas temporariamente interrompidas para estágio prático. Receberiam a primeira incumbência individual.

Serginho continuava desejando com fervor que fosse Paula a escolhida para ser ajudada por ele.

Todos estavam ansiosos. O instrutor começou a informar cada um sobre sua missão: alguns iriam auxiliar pessoas próximas, familiares, amigos ou conhecidos; outros atuariam junto a desconhecidos.

Chegou finalmente a vez de Serginho. Ele ouvia com atenção, quase sem respirar, esperando ouvir o nome da namorada. Qual nada! Nova frustração. Mais uma vez iria auxiliar alguém que não conhecia! Por que as coisas nunca eram do jeito que ele queria?

— As coisas vêm sempre para o nosso bem, mesmo que não sejam como gostaríamos que fossem. Pode ter certeza, Serginho: nosso Pai jamais nos dá algo que não vise ao nosso bem, tenhamos ou não capacidade de compreender seus desígnios. Nosso entendimento é muito pequeno e nossa visão muito limitada. Precisamos confiar em Deus e nos entregar a Ele sem reservas. Quando assim procedemos, o Pai nos guia invariavelmente pelos caminhos que nos trazem o melhor. Vamos, anime-se! Você irá gostar de Paulinho; além disso, ele necessita muito de ajuda!

Serginho tentou elevar um pouco o ânimo e perguntou:

— Lívia vai me acompanhar?

— Sim. Ela já sabe tudo em detalhes. Vai chegar em breve para iniciarem a programação da tarefa. Aqui está um dossiê completo do caso do Paulinho. Deve estudá-lo cuidadosamente para poder conhecê-lo e às circunstâncias que o envolvem.

Serginho pegou das mãos do instrutor um calhamaço com as informações que teria de conhecer sobre o garoto. Suspirou resignado e comentou:

- Então é melhor começar logo.
— É isso mesmo. Quanto antes, melhor!

Capítulo 24

Paulo

Com o punhado de folhas de papel nas mãos, despediu-se dos colegas e dirigiu-se para o quarto, encafifado. "Por que será que as coisas têm de ser assim? Por que tudo é diferente do que esperamos?" - questionava. Seguia imerso em seus pensamentos, buscando sinceramente apreender as primeiras lições de sua nova atividade, quando ouviu uma voz conhecida às suas costas:

— É isso que fará você crescer, Serginho. Discutir, pensar, refletir.

— Já está por aí, Lívia?!

— Temos urgência em começar nossa tarefa. Muitos são os necessitados de ajuda e poucos os que se dispõem seriamente a ajudar da forma correta. Muitos até pensam que querem ajudar, mas teimam em fazer as coisas ao seu próprio modo e, na maioria dos casos, os resultados acabam sendo comprometidos para ambos.

— Para ambos?

— Sim, quem é auxiliado e quem auxilia. Todos estamos aprendendo, Serginho; onde quer que estejamos, a vida nos traz novas lições a cada dia. Basta estarmos atentos para compreendê-las. Exatamente como você fazia há pouco. Para crescer, devemos refletir e questionar, estudar e meditar.

— Estou com as informações do meu protegido aqui. Messias disse que você sabe de todos os detalhes.

— Sim, já tomei conhecimento dos fatos. O dossiê é completo, e inclusive estive junto a ele diversas vezes para acompanhar a situação.

— E como iremos fazer? Quando partiremos?

— Creio que você precisa de dois ou três dias para assimilar todas as informações. Aí teremos mais algum tempo para discutir e planejar, e então poderemos ir.

— Quanto tempo?

— Creio que uns quatro dias sejam suficientes.

— Quatro dias?! Tudo isso?

— Não tenha pressa. Prepare-se adequadamente. Será mais produtivo para todos.

Chegaram ao quarto do rapaz. Lívia abraçou-o carinhosamente e combinaram encontrar-se em três dias para acertar os pormenores da empreitada.

Serginho entrou resignado. Puxou para perto da janela um sofá confortável que ficava ao lado da cama. Queria começar a estudar o caso. Estava curioso para saber do que se tratava. Ajeitando-se de modo a aproveitar a luz natural, dispôs-se a ler o dossiê, que constava de três grandes livros. Abrindo o primeiro, pôs-se a estudar com atenção as informações que diziam respeito à vida do jovem Paulo.

Distante dali, Paulinho não imaginava o que estava para acontecer em sua vida. Com pouco mais de nove anos, era vima criança quase adulta. Morava em uma favela em São Paulo e não conhecia vida diferente daquela. Pobreza e sofrimento faziam parte do seu dia-a-dia.

A mãe criava sozinha Paulinho e os irmãos, pois o pai, traficante de drogas, fora morto em um confronto com a polícia. Ela, embora simples e humilde, carente de tudo, nunca havia concordado com as atividades do marido. Desde que ele morrera, ela vivia com medo.

Lavava roupas para fora e fazia limpeza em residências para sustentar os sete filhos, o mais novo com oito meses. E pedia aos filhos que nunca se afastassem sozinhos da pequena casa em que viviam.

Paulinho era o mais velho, um garoto de bom coração. Para ele, no entanto, a vida era aquilo que havia à sua volta. As casas bonitas, os lugares agradáveis que sabia espalhados pela cidade, às vezes lhe pareciam tão distantes quanto as estrelas que raramente via no céu: existiam, mas eram inatingíveis.

Ainda assim, todas as noites ao se deitar pedia baixinho que Deus o ajudasse. Algo em seu coração lhe dizia que, apesar de tudo o que sofria, alguém maior que tudo aquilo iria cuidar dele e de sua família. Sofria ao ver a mãe depois do labor pesado, todas as noites, deitar tarde e exausta. As vezes a ouvia chorar baixinho, quando pensava que todos já estivessem dormindo. E seu coração de criança, impotente, desesperava-se diante da impossibilidade de ajudá-la. Chorava também e adormecia entre lágrimas de dor e agonia.

Após uma dessas noites, Paulinho disse enquanto tomava aquela que seria sua única refeição até a hora do almoço - um copo de café puro:

— Mãe, a venda de balas no farol não tá resolvendo, né? Tá faltando tudo! E se a gente for procurar o Cacau (era o antigo companheiro do pai) e pedir ajuda?

— Nada disso. Não quero você e seus irmãos mortos por aí. Leve o Lindomar com você, pra vender mais.

— Ele só tem cinco anos!

— E daí? Tem criança menor que ele pedindo dinheiro por aí, não tem?

— Tem, mas...

— Ele não vai pedir, vai trabalhar...

— É, mas o Luizão é bravo pra caramba, mãe. Se o Lindomar vacilar, toma tapa!

— Ele bate em você?

— Não bate porque sou esperto! Mas o Lindomar, pequeno como é, vai acabar apanhando; e eu não vou conseguir ver ele apanhar sem fazer nada!

Jacira pensou um pouco, olhou o filho e suspirou fundo. Depois disse:

— Deixa pra lá, Paulinho. Deus vai ajudar a gente. Vamos dar um jeito. Continua vendendo as balas. Uma hora as coisas vão melhorar.

Paulinho sorriu ao ver a mãe mostrando alguma esperança. Era o único recurso que tinham: esperança de que algum dia as coisas iriam melhorar.

Saiu um pouco mais animado para enfrentar seu árduo e desgastante dia de trabalho.

Entretanto, ao findar aquele dia, estranho ardor percorria seu corpo, como se algo o queimasse por dentro. Sentia todo o corpo esquisito. Não disse nada à mãe para não preocupá-la. Talvez fosse uma gripe ou coisa assim, e logo estaria bom. Deitou-se cedo e a mãe estranhou, pois Paulinho era sempre o último a ir dormir. Devia estar indisposto, pensou.

Com o passar dos dias, Paulinho ficava cada vez mais indisposto e incomodado; alguma coisa não ia bem em seu corpo. Ainda assim ele permanecia calado. Não queria preocupar a mãe e não tinha ninguém mais com quem conversar.

Às vezes, olhando pela janela de um carro, via dentro mãe e filhos no banco de trás. Pareciam sempre tão alegres e felizes!... Tinha vontade de pedir ajuda, de contar o que sentia e ver se alguém poderia ampará-lo, mas qual! Quase nunca havia um olhar complacente. Eram todos duros e rudes. Ele voltava cabisbaixo para a calçada, sem poder nem desanimar. O Luizão ficava de olho em todo mundo, e Paulinho não queria tomar bronca do grandalhão. Tinha medo, muito medo dele.

O tempo passava e Paulinho continuava sentindo o estranho ardor, especialmente no peito e nos ombros. Como a sensação persistisse, naquela noite, antes de dormir, ele foi até a casa de dona Maria, vizinha de longa data. Ela possuía um espelho grande e o menino queria ver melhor seu peito, próximo ao pescoço, que ardia e onde sentia fortes ondas de calor, como se algo o queimasse. As costas começavam igualmente a arder e ele queria saber o motivo. Em sua casa havia apenas um pequeno espelho, do tamanho do rosto, que não lhe permitia ver todo o corpo.

— Oi, dona Maria, posso ir ao seu espelho grandão?

— Oi, Paulinho, pode. Qual é o problema?

— Sei não, só quero olhar.

— Tudo bem, vai lá.

Paulinho aproximou-se do espelho em que dava para se ver quase todinho. Tirou a camiseta e assustou-se. Seu peito, próximo ao pescoço e mais abaixo, estava coberto de manchas vermelhas, e em algumas delas começavam a se formar pequenas bolhas. Olhou os ombros e notou que estavam com a mesma vermelhidão. Virou-se e observou que suas costas, mais ou menos na altura do pescoço, tinham as tais manchas vermelhas, em que também já apareciam pequenas bolhas. Ficou espantado: por isso sentia tanto ardor. Que coisa horrível era aquela? O que estaria acontecendo com seu corpo? Apavorado, colocou a camiseta antes que dona Maria se aproximasse.

— E aí? Qual o problema? - ela indagou.

Paulinho pensou rápido e respondeu:

— Tava querendo ver se engordei, dona Maria. Tô tentando, a senhora sabe. Minha mãe vive dizendo que tô magro, que preciso engordar. Queria ver se tinha engordado um bocadinho.

Dona Maria sorriu e passou afetuosamente a mão na cabeça do menino.

— Obrigado, dona Maria. Volto depois. Quer umas balas?

— Pode trazer algumas. Meus netos vêm na outra semana e tô sem nenhuma.

— Tá bom. Trago amanhã sem falta. Despediu-se e voltou como um raio para casa. Estava apavorado. O que fazer? Foi direto para a cama, enfiou-se debaixo das cobertas, passando as mãos sem parar nos ombros, nas costas e no peito. E pôs-se a pensar no que poderia ter. Não queria contar para a mãe e deixá-la mais preocupada. Já tinha problemas demais com todos os filhos, com a casa, com tudo; não queria que ela ficasse triste. De repente, pensou: "E se eu estiver doente? E se for alguma coisa séria?". Não, não devia ser. Mas já fazia algum tempo que vinha sentindo aquela coisa ardendo, que coisa feia! Como já tomava banho sozinho, a mãe quase não o via sem camiseta. E sendo época de inverno já não tirava a camiseta, nem mesmo ao brincar com os amigos - o que, aliás, era raro.

Paulinho estremeceu. Não sabia o que fazer nem a quem pedir ajuda. Chorou baixinho, pedindo a Deus que se pudesse ouvi-lo, se existisse de verdade, o ajudasse. Só mais tarde e a muito custo adormeceu.

Capítulo 25

Últimos preparativos

Serginho não conseguia desgrudar os olhos dos papéis. Só parava para se alimentar, para meditar e orar, pois estava assustado com o que lia. A história do jovem Paulo e de sua família o comovia. Não imaginara quanto havia de dor e sofrimento na vida das pessoas. Era freqüente, enquanto lia, seus olhos se encherem de lágrimas. Ele as enxugava e sentia crescer em seu íntimo a vontade de ajudar. Por outro lado, percebia que também precisaria de ajuda.

Mal havia finalizado a leitura do dossiê quando Livia apareceu.

— Como sabe que terminei? Não combinamos três dias?

— Sabia que leria mais depressa. O caso é comovente e o desejo de ajudar nos impulsiona a acelerar a leitura.

— É verdade.

— Teremos muito que fazer e aprender. Acima de tudo, é essencial amar nossos semelhantes, para poder auxiliar. Esta pronto para fazer os últimos preparativos?

— Estou.

Livia e Serginho, empenhados em viabilizar a primeira grande incursão do rapaz como aprendiz, começaram por um longo período de oração. O amor, ingrediente mais importante, tinha de ser fortalecido no coração de Serginho. Sem o amor seria impossível colher resultados efetivos, mesmo que o desejo de colaborar fosse grande. A boa vontade era indispensável somar o amor para fazer o trabalho florescer e frutificar.

Enquanto oravam, luz radiante se derramava sobre os dois. Eram banhados por fluidos revitalizantes e o amor que sentiam se intensificava. Naquele impulso sincero de servir, energias vigorosas os uniam a elevados benfeitores espirituais.

Ainda oravam quando uma entidade cercada de muita luz se fez presente no quarto:

— Que a paz de Jesus os envolva e fortaleça seus propósitos de auxiliar.

Livia estava comovida; Serginho nem podia erguer os olhos, frente à luminosidade e à pureza que emanavam da entidade, e lágrimas de emoção desciam pela sua face ao ouvir:

— A tarefa que está prestes a iniciar será de grande importância em seu aprendizado, Sérgio. Os apelos constantes do jovem Paulo e de sua mãe têm chegado até nós como suspiros de desespero. Seus protetores os envolvem em amparo constante, porém a família carece agora de intervenção e apoio maiores. Avizinha-se um momento por demais grave em suas vidas, e eles estão

despreparados para o que há de vir. Carecem de sustentação. Que Deus os abençoe na tarefa que irão empreender. Contarão sempre com o nosso apoio. Vão com a benção de Jesus.

E aos poucos, diante dos dois jovens, a entidade luminosa desapareceu.

Lívia e Serginho trocaram impressões sobre aquela experiência, e deram prosseguimento aos detalhes para se entregarem à empreitada.

De súbito, a ansiedade de Serginho sumira, substituída pelo medo. Medo de não cumprir sua missão, medo de não saber o que fazer, como fazer. Sentindo-lhe as emoções e percebendo seus temores, Lívia procurou acalmá-lo:

— Tenha fé, Serginho. Você não estará sozinho.

— E se falharmos? E se não conseguirmos ajudar? O que será desta criança e de sua família?

— Não estaremos sós.

— Sim, mas... Sei lá, se não formos capazes de transmitir corretamente o que precisamos... Se as pessoas não nos ouvirem?

— Sem dúvida, muitas vezes nosso maior obstáculo é o direito sagrado do livre-arbítrio das pessoas. De todo modo, contaremos com corações caridosos, que sintonizam com a necessidade de auxiliar ao próximo, e que serão nossos aliados.

— E se as pessoas não quiserem fazer o que sugerimos?

— É um direito delas, Serginho.

— Daí vão sofrer...

— É um direito delas.

— Só que precisam de ajuda!

— O tempo sempre contribui. Cedo ou tarde, todos se rendem e aprendem. Não obstante, jamais poderemos violar o livre-arbítrio de quem quer que seja. Nem Deus assim procede. Ele respeita as criaturas e está sempre presente, pronto a socorrer. Tenha fé e

controle seus temores; eles só atrapalham. Domine seus pensamentos e lembre-se de todos os exemplos que estudou.

Serginho concentrou-se e permaneceu silencioso, buscando lembrar o aprendizado adquirido ao longo de seu treinamento. Procurou serenar a mente e, pela primeira vez, rememorou a ênfase com que Lívia lhe falara da oração e de quanto ela seria relevante em suas tarefas. Então orou em pensamento, pedindo ajuda do Mais Alto. Lívia sorriu satisfeita observando os progressos realizados pelo primo.

Serginho acalmou-se e puderam seguir com os preparativos.

No final da noite seguinte estava tudo pronto. Partiriam de manhã, após a última reunião com Messias, o orientador do curso de Serginho.

Antes de se despedirem para o descanso necessário, o rapaz disse à prima:

— Lívia, não imaginava que existisse uma doença como essa que acomete Paulinho, muito menos a origem dela, neste caso específico. Nunca supus que o passado pudesse refletir-se dessa forma na vida presente. Que coisa!

— É a lei de causa e efeito¹³, Serginho. Tudo que plantamos, colhemos. Nada escapa a essa regra da Justiça de Deus. Por isso tentamos conscientizar nossos amigos, ainda na Terra, para que sejam realmente responsáveis pelos seus atos e saibam que nós criamos nosso futuro, nossa vida, nossos destinos, na medida em que a toda hora fazemos escolhas.

— Como é difícil perceber isso, sobretudo enquanto estamos por lá! Muito difícil.

— É, em especial em casos como o de Paulinho e de sua família. Eles pouco ou quase nada conhecem das questões espirituais. Têm um longo caminho a percorrer. Mas com certeza essa doença que acomete Paulinho poderá ser transformada numa bênção para toda a família.

— E como, Lívia? Como uma doença dessas, numa família já tão sofrida, poderá ajudá-los? Como poderão ser beneficiados por uma doença como o fogo selvagem? Sei de tudo o que já conversamos, e fico pensando nas dificuldades que eles enfrentarão para aceitar tudo isso.

— Serginho, eles terão a oportunidade de descobrir coisas, que abrirão novos horizontes para suas almas doloridas poderem crescer e evoluir. Faremos tudo para apoiá-los nessa etapa difícil, para encontrarem a paz e a força que os farão superar esse aprendizado em suas existências. Será este seu trabalho: auxiliá-los e encontrar a luz em meio às trevas, a acreditar no amanhecer, apesar da noite escura, a enxergar o sol, em meio à tempestade que se aproxima. Que Deus o sustente, Serginho, na abençoada tarefa que irá executar.

Serginho suspirou, resoluto. Tinha no coração o sincero desejo de ajudar aquelas pessoas.

— Bom, Lívia, temos de começar por algum lugar, não é mesmo? Sei que vai dar tudo certo. Espero que dê, pois o que mais desejo - além de ajudar as pessoas, é claro - é ir logo morar com você naquela colônia maravilhosa... E deixar de sentir esta dor que insiste em me incomodar.

— Serginho, nosso futuro pertence a Deus. Ele sabe o que é melhor para nós, como no caso de Paulinho. Tudo parece perdido, e é justamente aí que surge a solução, que vem a transformação para melhor. Embora possa parecer contraditório, no final, se perseverarem, eles compreenderão; e você também. Nem sempre as coisas são como imaginamos, e precisamos ter fé, confiança em Deus e em seu amor, acima de tudo.

— O que está querendo me dizer, Lívia?

— Nada, a não ser que nos cabe confiar em Deus, sempre, haja o que houver.

Lívia interrompeu propositadamente o diálogo:

— Agora tenho de ir. Você precisa descansar. Vai começar uma nova experiência e deve estar preparado. Até amanhã. Venho buscá-lo bem cedo.

— Até amanhã.

Lívia saiu do quarto, deixando Serginho encafifado. Já conhecia a prima o bastante para saber que ela não dizia nada sem motivo. O que haveria por trás de suas palavras? Será que ele não poderia ir viver naquela colônia, junto dela, mesmo que fizesse tudo o que estava pretendendo? "Não, não é possível!" - pensou, afinal. "Se me esforçar e fizer tudo certo, sem dúvida terei direito àquele lugar lindo!".

Naquela noite custou a adormecer, meditando demoradamente em tudo que lhe acontecera desde sua partida, desde que deixara a Terra. Pensou em dona Eugênia e seu Felipe, em Fábio e Sueli, sentindo tanta saudade apertar o coração que seu peito doeu ainda mais. Era enorme a vontade de vê-los. Frequentemente recebia, sobretudo através de Lívia, notícias de que iam bem, mas desejava intensamente estar com eles. Entretanto, as atividades e responsabilidades que abraçara o impediam, por ora, de um contato maior com a família.

A saudade era imensa. Contudo, ele guardava no coração a esperança de que no futuro estaria junto deles. E resignado acabou por adormecer. Seu sono foi povoado de lembranças de sua recente encarnação, às quais misturavam-se recordações mais antigas, de um passado que se perdia completamente em seu inconsciente.

Capítulo 26

Pedi e obtereis, buscai e achareis...

Amanheceu, finalmente. Serginho despertou um tanto confuso e continuava imerso nas lembranças quando Lívia veio buscá-lo para a nova jornada.

— E então, como se sente? Animado?

— Tive uma noite estranha. Imagens distantes se confundiam com as lembranças de minha família. Eram eles, e ao mesmo tempo eram outras pessoas, não sei dizer ao certo. Ficou tudo incompreensível.

— É natural que isso aconteça, Serginho.

— Como assim?

— Aproxima-se um momento novo e significativo em sua existência. Sempre que temos de enfrentar mudanças, nossos medos, nossas imperfeições, nossos fracassos aparecem como nuvens a nos amedrontar. Jamais devemos nos deter diante de emoções como essas. Elas nos indicam que um importante recomeço está despontando. Não fique preocupado. Isso é um bom sinal, quer dizer que está no caminho certo.

Sem entender bem sobre o que Lívia falava, Serginho apenas sorriu e perguntou:

— Bom, e então, podemos ir?

— Sim. Messias nos espera para as últimas instruções. Dali partiremos imediatamente.

Ao fechar a porta, Serginho olhou com carinho para o quarto acolhedor que lhe proporcionara momentos de quietude e reflexão. À medida que caminhavam, contemplava a natureza à sua volta com novo sentimento, e percebeu que teria saudade daquele lar provisório.

O instrutor os aguardava. A reunião foi curta e objetiva. Messias reforçou alguns pontos cruciais que Serginho deveria observar, particularmente em relação à sua conduta e também no tocante a

algumas ferramentas que precisaria utilizar com destreza, para receber ajuda sempre que necessitasse e igualmente para ajudar com eficácia.

Notando os receios e inseguranças que rondavam a mente do rapaz, Messias finalizou:

— Não tenha medo. Tudo dará certo, desde que você conserve sempre atitude positiva. Jamais tome qualquer providência sem antes consultar o protetor que acompanha cada uma das pessoas encarnadas de quem você estará perto. Tenha respeito por todos; respeite cada decisão, cada vida, nunca forçando suas idéias ou impondo-se a quem quer que seja.

— É, o livre-arbítrio...

— Exatamente. Devemos respeitar nossos irmãos, assim como Deus respeita nossas decisões. Não tenha ansiedade, seja paciente, e saiba compreender seus irmãos. Isso é fundamental em suas novas atividades. E quando tiver dúvidas ou dificuldades, não tome decisão alguma sem pedir cooperação. Lívia estará com você durante o primeiro período de adaptação; portanto, seu treinamento ainda não acabou. E inclusive depois que o deixar conduzir sozinho o trabalho, ela o acompanhará de longe. Você jamais ficará só.

— E terei um anjo da guarda?

— O que acha que Lívia tem sido para você? Serginho olhou surpreso para a prima. Ele não percebera essa verdade! Ela vinha sendo seu anjo da guarda! Como não havia pensado nisso? Quando fez menção de expressar as perguntas que vinham à sua mente, Lívia pediu silêncio:

— Depois conversamos sobre isso.

Encerraram aquela reunião rogando a Deus que abençoasse a todos na tarefa que se iniciava e oraram também, com profundo amor, por Paulinho e toda a sua família, para que pudessem receber de fato toda a ajuda de que careciam.

Ao terminarem, envolvidos por forte emoção e entre lágrimas, Livia e Serginho despediram-se de Messias e de outros amigos, partindo sem demora para a tarefa que os aguardava.

Levavam em seus corações, cheios de esperança, o desejo de ajudar e a fé, cientes de que da Lei de Amor fazem parte o socorro e o amparo a todos aqueles que buscam com sinceridade a proteção do Pai.

Serginho e Livia desciam como resposta dos benfeitores espirituais aos pedidos de Paulinho e de sua mãe. Deus ouvira suas orações e enviava reforços.



Este e - book representa uma contribuição do grupo Livros Loureiro para aqueles que necessitam de obras digitais, como é o caso dos Deficientes Visuais e como forma de acesso e divulgação para todos.

É vedado o uso deste arquivo para auferir direta ou indiretamente benefícios financeiros.

Lembre-se de valorizar e reconhecer o trabalho do autor adquirindo suas obras.

Visite nossos Blogs:

<http://www.manuloureiro.blogspot.com/>

<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesdeepoca-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesobrenaturais-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.loureiromania.blogspot.com/>